



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
DOUTORADO EM ARTES**

JEFFERSON ALOYSIO DE MELO LUZ

ONDE ESTÁ AQUELE POVO BARULHENTO?

Uma etnografia musical para compreender os corinhos pentecostais da Assembleia de Deus em Maracanã-PA

BELÉM
2024

JEFFERSON ALOYSIO DE MELO LUZ

ONDE ESTÁ AQUELE POVO BARULHENTO?

Uma etnografia musical para compreender os corinhos pentecostais da Assembleia de Deus em Maracanã-PA

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Artes.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Liliam Cristina Barros Cohen

Linha de Pesquisa: Teorias e Interfaces Epistêmicas em Artes

BELÉM
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

L979o Luz, Jefferson Aloysio de Melo.
ONDE ESTÁ AQUELE POVO BARULHENTO? : Uma
etnografia musical para compreender os corinhos
pentecostais da Assembleia de Deus / Jefferson Aloysio de
Melo Luz. — 2024.
112 f. : il.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Lílian Cristina da Silva Barros
Cohen

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação
em Artes, Belém, 2024.

1. Etnomusicologia. 2. Corinhos. 3. Memória. 4.
Pentecostalismo. 5. Liturgia. I. Título.

CDD 780.07



**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARÁ.**

Aos trinta e um (31) dias do mês de janeiro do ano de dois mil e vinte e quatro (2024), às dezoito (18) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se sob a presidência da orientadora professora doutora Liliam Cristina Barros Cohen, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Tese de Jefferson Aloysio de Melo Luz, intitulada: **ONDE ESTÁ AQUELE POVO BARULHENTO? Uma etnografia musical para compreender os corinhos pentecostais da Assembleia de Deus em Belém.** Perante a Banca Examinadora, composta por: Liliam Cristina Barros Cohen (Presidente); Sonia Maria Moraes Chada (Examinador Interno); Fernando Lacerda Simões Duarte (Examinador Externo ao Programa); Laurimar de Matos Farias (Examinador Externo à Instituição); Paulo Murilo Guerreiro do Amaral (Examinador Externo à Instituição). Dando início aos trabalhos, a professora Liliam Cristina Barros Cohen, passou a palavra ao doutorando, que apresentou a Tese, com duração de quarenta e cinco minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pelo doutorando, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em **reprovação () aprovação (X)** com acatamento das sugestões da banca como ajustes do resumo, objetivos, justificativa e método. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pelo doutorando, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora Liliam Cristina Barros Cohen agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pelo doutorando. Belém-Pa, 31 de janeiro de 2024.

Liliam Cristina Barros Cohen (Presidente)

Sonia Maria Moraes Chada
(Examinador Interno)

Fernando Lacerda Simões Duarte
(Examinador Externo)

Laurimar de Matos Farias (Examinador
Externo)

Paulo Murilo Guerreiro do Amaral
(Examinador Externo)

Jefferson Aloysio de Melo Luz (discente)

Ao meu pai, Pr. Aloísio Maciel Luz.

RESUMO

LUZ, Jefferson Aloysio de Melo. **ONDE ESTÁ AQUELE POVO BARULHENTO?: uma etnografia musical para compreender os corinhos pentecostais da Assembleia de Deus em Maracanã-PA.** 2024 112 f. Tese (Doutorado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.

Neste trabalho, de cunho etnomusicológico, o autor lança um olhar sobre suas memórias com o objetivo de compreender a natureza, significados, função litúrgica e estruturas musicais dos corinhos pentecostais no culto. Através de uma cartografia da memória mesclada a uma abordagem autoetnográfica, os caminhos percorridos atravessaram as noções de *acustemologia*, de Feld (2015, 2020) conjugada a doutrina do *Ethos* musical (SILVA, 2019; GROUT e PALISCA, 2007), conectada a noção mito fundador (SALDANHA, 2018), levando em conta a trajetória do movimento pentecostal e da Igreja Assembleia de Deus na história (FREESTON, 1994; MATOS, 2006; OLIVEIRA 2013), além de buscar entender a dinâmica icônica dos elementos rituais na liturgia pentecostal que conduz o crente à experiência de entusiasmo religioso (STEPHENSON, 2019; ALBRECHT, 1999). Sua conclusão é de que os corinhos pentecostais são elementos estruturantes da liturgia pentecostal dispostos entre elementos litúrgicos fixos a fim de dinamizar o caminho até o entusiasmo ou êxtase religioso, que é o alvo principal da espiritualidade pentecostal; e que a simplicidade da estrutura, contornos musicais e das letras configura uma estratégia de conversão simbólica que transmuta os valores e crenças fundamentais da fé pentecostal em ícones sonoros rituais para realizar função análoga a um dos ícones medievais.

Palavras-chave: Etnomusicologia; Corinhos; Memória; Pentecostalismo; Liturgia;

ABSTRACT

In this work, of ethnomusicological nature, the author casts a look at his memories with the aim of understanding the nature, meanings, liturgical function, and musical structures of Pentecostal choruses in worship. Through a cartography of memory mixed with an autoethnographic approach, the paths taken traversed the notions of acoustemology, by Feld (2015, 2020) combined with the doctrine of musical Ethos (SILVA, 2019; GROUT and PALISCA, 2007), connected to the notion of founding myth (SALDANHA, 2018), taking into account the trajectory of the Pentecostal movement and the Assembly of God Church in history (FREESTON, 1994; MATOS, 2006; OLIVEIRA 2013), in addition to seeking to understand the iconic dynamics of ritual elements in Pentecostal liturgy that leads the believer to the experience of religious enthusiasm (STEPHENSON, 2019; ALBRECHT, 1999). His conclusion is that Pentecostal choruses are structuring elements of Pentecostal liturgy arranged among fixed liturgical elements in order to dynamize the path to religious enthusiasm or ecstasy, which is the main goal of Pentecostal spirituality; and that the simplicity of the structure, musical contours, and lyrics configures a strategy of symbolic conversion that transmutes the fundamental values and beliefs of Pentecostal faith into ritual sound icons to perform a function analogous to that of medieval icons.

Keywords: Ethnomusicology; Corinhos; Memory; Pentecostalism; Liturgy;

LISTA DE ABREVIATURAS

- 1 Rs** – Primeiro Livro dos Reis.
- 2 Co** – Segunda Epístola de S. Paulo aos Coríntios.
- 2 Pe** – Segunda Epístola de S. Pedro.
- 2 Rs** – Segundo Livro dos Reis.
- Ap** - Apocalípse.
- At** – Livro dos Atos dos Apóstolos.
- Ef** – Epístola de S. Paulo aos Efésios.
- Ex** – Êxodo.
- Fp** – Epístola de S. Paulo aos Filipenses.
- Gn** – Gênesis.
- Hb** – Epístola aos Hebreus.
- Jo** – Evangelho segundo S. João.
- Jr** – Livro do Profeta Jeremias.
- Js** – Josué.
- Lc** – Evangelho segundo S. Lucas.
- Lv** – Levítico.
- Mt** – Evangelho segundo S. Mateus.
- Sl** – Livro dos Salmos.
- Tg** – Epístola de S. Tiago

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1 – Aparelho de som 3x1, National

10

LISTA DE PARTITURAS

Corinho de júbilo 1 – A alegria do Senhor é nossa força	65
Corinho de júbilo 2 – Nunca esquecerei o que Deus fez por mim	66
Corinho de júbilo 3 – A tua Graça é melhor que a vida	66
Corinho de júbilo 4 – Desde o dia em que aceitei Jesus	67
Corinho de júbilo 5 – A minh'alma está cheia de paz	68
Corinho de júbilo 6 – É isto que me faz cantar	69
Corinho de júbilo 7 – Essa alegria não vai mais	70
Corinho de júbilo 8 – Que alegria! Chegou o Pentecoste!	71
Corinho de quebrantamento 1 – Nesta noite feliz	73
Corinho de quebrantamento 2 – Basta que me toques, Senhor	73
Corinho de quebrantamento 3 – Toma, por favor, minha mão, ó Senhor!	74
Corinho de quebrantamento 4 – Serei fiel ao meu Jesus	75
Corinho de quebrantamento 5 – Eu quero ser, Senhor, como um vaso novo	76
Corinho de quebrantamento 6 – Clama a mim e responder-te-ei	77
Corinho de quebrantamento 7 - Eu venho como estou	78
Corinho de quebrantamento 8 - Manso e suave	79
Corinho de poder 1 – Põe azeite e minha lâmpada, Senhor	81
Corinho de poder 2 – De madrugada o crente vai buscar poder	82
Corinho de poder 3 – Vem, vem, vem, Espírito Divino	83
Corinho de poder 4 – Este culto vai ser maravilhoso	84
Corinho de poder 5 – A Unção de Deus chegou aqui!	84
Corinho de poder 6 – Senhor, manda Poder!	85
Corinho de ocasião 1: A minha vida Jesus já transformou	87
Corinho de ocasião 2: Quão bom e quão maravilhoso é...	88
Corinho de ocasião 3: Visitante, seja bem vindo!	89
Corinho de ocasião 4: Ó, Senhor! Abençoa esta oferta	90
Corinho de vitória 1 – A vitória é nossa pelo sangue de Jesus!	92
Corinho de vitória 2 – As minhas mãos estão cheias das tuas bênçãos!	93
Corinho de vitória 3 – Tão forte como Jeová, não há outro, eu não conheço	94
Corinho de vitória 4 – Que Jesus maravilhoso é este nosso	95
Corinho de vitória 5 – Sou como um barco que navega sobre o mar	96
Corinho de vitória 6 – Teu sangue garante vitória, Jesus	97
Corinho do porvir 1 – O mundo vai abalar quando Jesus voltar!	99
Corinho do porvir 2 – Quem é este povo? Que povo é este?	100
Corinho do porvir 3 – Esta terra vai pegar fogo	101
Corinho do porvir 4 – Jerusalém, que bonita és!	102
Corinho do porvir 5 – A Igreja do Senhor já vai subindo	102

Sumário

Introdução - “Onde está aquele povo barulhento?”	8
Capítulo 1 - “Quando eu cheguei aqui meu Senhor já estava...”	15
1.1. Afinal, de que corinhos estás falando?.....	16
1.2. Desafios na caminhada para uma delimitação metodológica..	18
1.3. Ethos ou Acustemologia?.....	21
1.4. O Ethos dos corinhos pentecostais e a narrativa pentecostal.	25
1.5. Protestantismo histórico e as Ondas Pentecostais no Brasil	27
Capítulo 2 - “Vem, vem, vem, Espírito Divino!”	33
2.1. Atos 2 como mito fundador e telos pentecostal.....	35
2.2. Os Ritos Fundamentais e os Componentes Rituais.....	39
Capítulo 3 - Apodera-te de todo o meu ser!”	43
3.1. De onde veio o ouvido do pesquisador.....	43
3.2. Dentro do templo.....	46
3.3. Os corinhos na liturgia pentecostal.....	52
3.4. O Elemento Ritual unificador.....	56
Capítulo 4 - “Este culto vai ser maravilhoso!”	58
4.1. A Corinhologia.....	58
4.2. O texto na análise.....	60
4.3. Corinhos de Júbilo.....	65
4.4. Corinhos de Quebrantamento.....	72
4.5. Corinhos de Poder.....	80
4.6. Corinhos de Ocasão.....	86
4.7. Corinhos De Vitória.....	91
4.8. Corinhos do Porvir.....	98
Conclusão - “Que alegria! Chegou o Pentecoste!”	104
Referências Bibliográficas	106

INTRODUÇÃO

***“Onde está aquele povo barulhento?
Onde está que não se vê nem um irmão?
Alguém com voz de lamento
Vai dizer neste momento:
- Aquele povo foi-se embora pra Sião¹.”***

Cresci ouvindo essa música, e cresci ouvindo músicas como essa.

Lembrar dela agora me transporta para aquela igreja no interior, onde um homem de meia idade com semblante grave atrás do púlpito², segurava o microfone cantando essa música à plenos pulmões, como se estivesse fazendo o alerta de um apocalipse iminente. No momento em que a voz do cantor cessava enquanto retomava o fôlego ou entre cada refrão e estrofes, ela era prontamente substituída pelas vozes de alguns dos outros crentes que estavam espalhados na audiência, preenchendo esses espaços com brados de “Aleluia!”, “Glória a Deus!”, e “Ô, glória!”. Algumas vezes, nós, crianças, nos aventurávamos a levantar a voz no meio do povo com essas mesmas exclamações. Nos sentíamos mais adultos enquanto ajudávamos a preencher o ambiente desse som junto com os outros.

Foi nessa igreja, uma Assembleia de Deus em Maracanã – PA, onde meu pai foi pastor na década de 80, que vivi uma das partes mais importantes da minha infância. Foi lá que fui forçado a aprender a tocar violão³, e onde, vez por outra, eu “brincava” com a guitarra, com o baixo elétrico e com a bateria da igreja, e onde toquei pela primeira vez diante de uma “platéia”. Foi lá onde comecei a cantar em corais, e participava ativamente de quase todas as atividades

¹ Este é o refrão da música Desapareceu um Povo, do LP de mesmo nome, de autoria da cantora e compositora Cecília de Souza, produzido em 1978 pela gravadora Notas de Paz em Camboriú - SC.

² Púlpito é como é popularmente conhecida a tribuna de onde se oficia os cultos evangélicos. De forma geral ela ocupa um lugar central em alguma plataforma de nível mais elevado do que o da audiência.

³ Isso não era incomum entre os filhos de pastor da Assembleia de Deus. Era uma maneira de o pastor envolver os membros da família no seu trabalho.

religiosas da igreja, e onde eu, voluntariamente, quis ser batizado nas águas⁴. Foi lá que eu tive minha iniciação formal tanto na música quanto na religião, onde o som dessa religião inculcou marcas profundas em quem eu sou hoje. No entanto meu processo de enculturação nesses dois mundos começou bem antes disso (SLOBODA, 2008, p. 263-284), o que faz da música e da religião, praticamente, marcas minhas de nascença. Até onde a minha memória consegue alcançar, nossa casa sempre esteve inundada por esses sons, o da música e o da religião - e que, para falar a verdade, só podem ser distinguidos de forma independente quando debaixo de um olhar que se pretende especializado.

Meu pai realmente gostava de ouvir música, e, todos nós da casa - minha mãe e a sua "escadinha" de cinco filhos, acabávamos ouvindo junto com ele. Não lembro com que frequência ele fazia isso, mas sem dúvida era um hábito. Os seus discos ficavam dispostos em um nicho acoplado entre as duas caixas de som, na parte de baixo de um daqueles *rack's* feitos exatamente para essa finalidade. Tudo isso sob um National SS7070 (FIG. 1), um aparelho de som do tipo 3 em 1, com rádio, toca-fitas e toca-discos. Lembro de vê-lo puxando uma cadeira da mesa da sala e colocando-a em frente ao *rack* para escolher qual seria o LP ou a fita K7 do dia. Ele não colocava aquelas músicas para ouvi-las enquanto trabalhava, e nem fazia qualquer outra atividade enquanto ouvia. Ele gostava de ouvir. Lembro da imagem dele sobre o estofado de veludo vermelho vivo daquela cadeira, que feita de uma madeira pesada e escura e com um encosto bem alto esculpido com ornamentos muito bem entalhados, enquanto se inclinava apoiando os cotovelos sobre os próprios joelhos. Ele ficava ali durante um certo tempo que, para mim, parecia uma vida - e hoje eu sei que realmente era - segurando o encarte do LP, com um olhar grave e atento, que

⁴ Apesar do ritual do Batismo nas Águas ter o mesmo nome e elementos do sacramento do batismo católico romano, ele difere totalmente deste tanto em significado teológico quanto em efeito prático na vida do crente.

As discussões teológicas sobre as diferentes interpretações que as diferentes tradições cristãs atribuem a esse ritual não cabem nesse trabalho, mas é importante destacar que, para os cristãos de tradição credo-batista, o batismo tem o peso de um ritual de passagem. O batizado só pode "descer às águas" depois de ter declarado voluntária e publicamente a sua fé. Apenas depois desse evento é que o crente passa a fazer parte formalmente daquela comunidade, tendo o seu nome inscrito no rol de membros dessa igreja, assumindo, a partir daí, a responsabilidade pessoal por sua vida religiosa e de piedade diante dessa igreja.

parecia estar perscrutando algo muito importante. Era assim que ele ouvia: com os olhos, com o corpo, com atenção. E foi assim, olhando pra ele, que eu comecei a aprender a ter um olhar atento para aqueles sons, para aquela música.

IMAGEM 1 - Aparelho de som 3x1, National SS7070



Fonte: Site Vitória Leilões⁵

Nesses momentos eu também aprendia sobre religião. Não sobre os rituais, credos, ou quaisquer aspectos mais externos e mensuráveis da minha religião. Era sobre o seu alvo, onde, eu acredito, ela realmente sempre quis atingir. Era sobre o lugar onde ela sempre quis viver. Havia um disco em especial que, infelizmente, se perdeu no meio das várias mudanças de casa pelas quais passamos, e que não consegui recuperar nem o nome do disco nem do cantor. Mas aquele som encontrou um lugar em mim cuja existência só tive consciência muito mais tarde. Lembro da voz grave e com forte sotaque gringo de um pastor americano que contava uma pequena história pessoal na primeira faixa. Ele falava sobre um episódio que viveu quando ainda era criança, quando seu pai o levava para um passeio próximo a uma linha de trem que atravessava o lugar onde moravam. Segurando sua mão, o pai conduzia seus passos enquanto ele cambaleava se equilibrando sobre um dos trilhos. Depois de terem caminhado uma boa distância, aquele menino passou a sentir-se tão seguro de si que, acreditando já ser independente o suficiente, decidiu puxar sua mão desvencilhando-se da mão do pai. Não é preciso ser vidente pra imaginar o que aconteceu logo em seguida: sozinho, o garoto ainda avançou pouco mais de um

⁵ Vitória Leilões: <https://leiloesvitoria.com.br/peca.asp?ID=8286114>

metro antes de se desequilibrar e desabar ali no chão. O susto e a dor dos machucados tornaram as lágrimas inevitáveis, e desencadearam soluços e gritos que rapidamente atraíram os braços daquele pai, que o envolveram num abraço tão grande quanto forte. Ele, então pôs o menino sentado em seu colo, limpou os machucados das mãos e a poeira das roupas, e depois colocou-o no chão. Ainda agachado, enquanto uma das mãos limpava as lágrimas do filho e com a outra o segurava pelo ombro, o pai dizia: "Eu estou aqui, meu filho. Vamos, segure minha mão." Assim, o passeio ao longo daqueles trilhos continuou, agora mais seguro, mais humilde. Depois disso a agulha do aparelho de som mudava de faixa no disco e, então, uma música que falava sobre o amor de Deus começava a tocar. Mas, antes que aquela música começasse, minha respiração já estava trêmula e rarefeita por causa do grande esforço que eu fazia para segurar as lágrimas que pelejavam para brotar - não queria chorar na frente de ninguém. Não queria que me vissem chorando. Não queria que vissem minha solidão. Todas as vezes que esse som saía daquele aparelho, eu era aquele menino que estava ali caído nos trilhos do trem, e as minhas lágrimas queriam descer junto com as dele. Pois, eu também queria aquele abraço. Eu sentia falta daquele abraço. Em seguida, quando a faixa seguinte começava, de alguma forma eu sentia aquele ambiente mudar, e aquela voz grave e suave parecia estar cantando pra mim. Parecia que ela estava ali me vendo, e sabendo de tudo o que eu estava sentindo, que tomava a forma daquele abraço e daquele colo, só que com um alcance bem maior, pois, por serem divinos, alcançavam todo o meu destino,.

E, assim como essa, havia outras ocasiões, da mesma e de outra natureza, em que o som da religião, que vinha ora daquele aparelho som, ora dos demais aspectos da realidade que me cercava, despertou em mim afetos que eu, como uma criança pequena, não sabia nomear, mas que moldaram o meu modo de sentir.

Mesmo hoje, quando paro e olho pra trás, ainda ouço ecos daqueles sons. Naturalmente eles soam cada vez mais distantes, como também acontece com qualquer lembrança de infância - mesmo reconhecendo que elas são parte importante da estrutura que nos constitui, vão sendo gradativamente encobertas por camadas de tempo, ora mais ora menos espessas. Elas vão desbotando e

perdendo seu lugar na memória mais imediata, mas continuam lá. Ainda estão lá.

Foi um desses ecos que se tornou o mote deste trabalho.

Um dia, ao revisitar despropositadamente os sons do meu passado, um desses ecos, como num sussurro, me despertou a atenção e me fez lembrar do seu lugar: lembrei de um corinho. E este me levou a outro, que, por conseguinte, me levou a outro, e este a mais outros. Eram muitos. Eles estavam lá naqueles cultos, e os cultos estavam repletos deles. Quando percebi esses ecos a desbotar, pois já não me soavam mais de forma completa - vinham sem alguns pedaços ou só como contornos - busquei por lembranças mais recentes, de cultos mais recentes, numa tentativa de encontrar os pedaços que faltavam, mas percebi que eles não estavam mais lá. Esses cultos, de lembranças mais recentes, apesar de também serem em uma Assembleia de Deus - não aquela mesma, do começo, mas outra, pois já havia voltado a morar em Belém havia muitos anos - já não eram mais os mesmos. Se pareciam muito pouco com aqueles de onde os ecos mais antigos tinham vindo. Ainda encontrei os espaços onde normalmente esses sons viviam. Os lugares ainda existiam, mas os corinhos não estavam mais lá, e os seus lugares tampouco estavam vazios. Havia outros sons que ocupavam o seu espaço.

Naturalmente, neste ponto, com certeza já existe um comichão, uma pergunta, incomodando o leitor que chegou até aqui: "E daí?"

A tese desse trabalho consiste em descrever um tipo de "corinho" peculiar presente nos cultos da Assembleia de Deus em Maracanã-PA - considerando o período entre 1984 e 1988, quando meu pai foi o pastor dali, e, através da análise de uma amostra do acervo catalogado durante a pesquisa, identificar as características do seu uso litúrgico, seus contornos sonoros e do lugar que eles ocupam na teia de crenças e valores que identifiquei por meio da literatura teológica de tradição pentecostal publicada no Brasil, demonstrando que esse tipo de corinho representa uma das principais colunas do *Ethos* do mesmo povo, o som do pentecostal, do qual se originou essa igreja.

Mas antes de começar a exposição do trabalho propriamente dito é importante dizer que este é um tipo de prospecção sonora ora na história ora em minhas próprias memórias, que foi realizado, não para restaurar ou resgatar este som, mas para encontrar pistas, réstias de som em alguma fresta no tempo, para que, estando do lado de cá, no tempo presente, seja possível tentar compreendê-lo.

Então nesta seção que se segue, o leitor encontrará primeiro uma breve descrição dos percalços da minha jornada na construção deste trabalho, além de uma delimitação periférica do objeto em questão, isto é, uma definição sucinta daquilo que é e do que não é o corinho sobre o qual me debrucei, e um breve esclarecimento sobre qual será minha abordagem teórica, traçando um panorama das ferramentas teórico-metodológicas que utilizei para esta empreitada – a autoetnografia; Cartografia da Memória; a caminhada de como construí a abordagem do conceito de *Ethos* como sendo uma conjugação entre os conceitos de *acustemologia* de Feld e o conceito clássico de *Ethos*; também traçarei um breve panorama histórico do movimento pentecostal com a finalidade esclarecer os conceitos de *protestantismo histórico*, *protestantismo pentecostal* e *pentecostalismo clássico*.

Me dedico na segunda seção em demonstrar que a ênfase central da vida do crente pentecostal é a experiência religiosa através de uma experimentação individual do *carisma divino* no contexto do culto; a importância que a narrativa do Pentecoste no livro de Atos exerce sobre a adoração individual e coletiva; a concepção de liturgia do culto pentecostal construída por Daniel Albrecht (1999), que percebe uma Relação Icônica, entre Elementos Rituais, que acontece dentro de Ritos Fundamentais.

Na terceira seção é hora de contextualizar os corinhos pentecostais dentro do culto, trazendo os elementos tratados nos capítulos anteriores para observar os corinhos dentro do contexto de onde eles me despertaram para esse trabalho: minha memória.

Na quarta seção estará minha “Corinhologia”, um termo que tomo emprestado de um trabalho anterior (LIMA, 1991), na tentativa de organizar um

tipo de acervo onde destaco aspectos importantes que encontrei no texto e na música desses corinhos, e que os definem como elementos estruturantes dentro do culto pentecostal, que é o lugar por excelência onde se vivencia a experiência pentecostal, ou seja, que está na base de sustentação do *Ethos* pentecostal.

Capítulo 1

“Quando eu cheguei aqui meu Senhor já estava...”

Sim, estou atrasado, eu sei. Não tenho certeza, mas a essa altura, todos que ingressaram neste programa junto comigo já realizaram a defesa de suas teses. Minha portaria de afastamento para a realização desse doutorado, expedida pela Reitoria da UFPA em 2017, expirou em 30 de julho de 2021. E esta última extensão de prazo para realizar essa defesa só me foi concedida por esse programa (PPGArtes/UFPA) condicionada à assinatura de um Termo de Ciência de ser este, definitivamente, o último. Porém, ao mesmo tempo que esse fato traz um peso de vergonha sobre mim, também sinto profunda gratidão por estar finalmente chegando até aqui. Confesso que já havia me resignado algumas vezes diante da possibilidade de não concluir o programa, mesmo sabendo das drásticas consequências que isso acarretaria para minha carreira, família e consciência. A pandemia não chegou a levar nenhum familiar próximo a mim e nem qualquer amigo que faz parte do nosso círculo mais imediato. Porém o confinamento quase completo naquele período agravou as tensões emocionais e familiares que já me vinham corroendo homeopaticamente a alma. Uma dos sintomas mais claros disso foi desenvolver um tipo de ansiedade incapacitante para resolver os problemas mais corriqueiros do cotidiano, como discriminar uma ordem de importância para os afazeres domésticos diários mais simples. A angústia me esmagava o peito quando me sentava diante do computador e pensava em tudo neste trabalho que ainda estava por fazer, e, durante os primeiros meses de 2021, o desespero me espremia até as lágrimas por noites à fio enquanto sofria antecipadamente pelas consequências que viriam sobre minha família caso não concluísse o programa. Então entregar esse texto para ser apreciado por esta banca, mesmo nessas condições tão distantes do ideal, pra mim tem em um significado de ressurreição, e me sinto profundamente grato por isso.

Além disso, finalmente não vou mais precisar fugir dos amigos, como um herege que foge da Santa Inquisição, para não ouvir aquela mesma pergunta

que sempre me fazia gelar a espinha: "Então, como está o teu trabalho? Quando vais entregar mesmo?"

Brincadeiras à parte, foram perguntas como essa - dessas que a gente ouve um sem-número de vezes, principalmente no começo de um trabalho dessa natureza - que me fizeram despertar para um fato importantíssimo sobre meu objeto de estudo. O fato de que os corinhos sobre os quais me debrucei são um tipo de repertório tão familiar para mim quanto as cirandas de roda da minha infância (Bom barqueiro, Marcha soldado, Caranguejo peixe é, Escravos de Jó etc.), mas que, no entanto, ninguém do programa, nem colegas nem professores, parecia ter a mínima ideia do que eu estava falando. Quando eu tentava responder à pergunta "Sobre o que é mesmo o teu trabalho?", até as pessoas que tinham alguma relação mais direta com as tradições musicais de raiz cristã evangélica não conseguiam identificar esses meus corinhos antes que eu fizesse uma longa digressão sobre o assunto. Nessas conversas, quando eu me pegava catando palavras para descrever aquilo que para mim parecia óbvio, acabei percebendo que essa clareza que eu julgava ter não correspondia à realidade. A verdade para qual acordei é que a palavra *corinho*, dentro do contexto mais geral ao qual ela pertence, pode se referir a outros repertórios que não propriamente os "*meus*" corinhos. Isso se confirmou quando me deparei com vários trabalhos acadêmicos que se utilizam dessa mesma terminologia, mas que também não se referem aos corinhos que estou discriminando aqui.

Essa constatação poderia ter lançado um balde de água fria sobre a minha pesquisa, não fosse a certeza de que eu estava falando sobre uma *outra coisa* que não os corinhos em destaque naqueles trabalhos. Porém era preciso enfrentar o fato de que essa dificuldade terminológica poderia ser um entrave tão grande na minha escrita quanto o era nas minhas conversas informais com meus colegas.

1.1. Afinal, o que são esses corinhos?

Durante a etapa de levantamento bibliográfico, me dei conta que há dois repertórios principais de corinhos que são mencionados em pesquisas que abordam os repertórios musicais nas igrejas evangélicas no Brasil e que se

aproximam dos corinhos do meu trabalho mas que, ao mesmo tempo, se distinguem deles. Algumas dessas pesquisas são amplamente citadas e correspondem às mesmas acepções sobre os corinhos que têm os meus colegas de programa.

O primeiro repertório diz respeito a um grupo de corinhos descrito em três trabalhos que serviram como referência para praticamente todas as pesquisas que tangenciam os corinhos de alguma forma. Nesses trabalhos (LIMA, 1991; RAMOS, 1996; CUNHA, 2007) os autores nomeiam como corinhos as músicas de caráter mais *popular*, ou seja, que têm melodia, ritmo e poesia que apelam para um tipo de devoção bem menos formal do que aquela que os hinários publicados pelas igrejas históricas⁶ inspiram. Muitas das músicas, que também ficaram conhecidas como corinhos, não fosse pelo texto, poderiam ser ouvidas em qualquer emissora de rádio sem que se percebesse algum tipo de vínculo entre o seu som e o som que vem de um culto numa igreja. No entanto, mesmo que os corinhos desse repertório compartilhem muitas das mesmas características dos corinhos dos quais estou falando neste trabalho, como melodias curtas de caráter popular, e letras de fácil memorização, eles se distanciam quando considerados em sua natureza, função e uso nos cultos. Mais pra frente retornarei a estes trabalhos com o intuito de esclarecer de onde surgiu a minha *corinologia*.

Outro tipo de repertório, que também pode ser confundido com os corinhos deste trabalho, é conhecido pelo nome de *Corinhos de Fogo*. Uma das principais diferenças entre estes corinhos e aqueles que citei mais acima está no fato de que os primeiros habitam em igrejas de todas as vertentes evangélicas, enquanto os *Corinhos de Fogo* existem exclusivamente em determinado contexto pentecostal, mas não exatamente no mesmo lugar onde habitam os meus corinhos. Esses corinhos se localizam mais tipicamente num contexto que

⁶ Igreja Presbiteriana do Brasil, fundada em 1859, nas liturgias de culto utiliza o hinário Novo Cântico, publicado pela Editora Cultura Cristã, teve sua última revisão em 1988; Igreja Metodista do Brasil, fundada em 1867, usa o Hinário Evangélico, publicado pela Editora Angular, teve sua última revisão em 2015; Igreja Batista do Brasil, fundada em 1871, utiliza o Hinário Cantor Cristão, publicado pela Editora Geográfica e JUERP, teve sua última revisão em 2007; Igreja Assembleia de Deus, fundada em 1911, usa a Harpa Cristã, hinário publicado pela Editora CPAD, teve sua última revisão em 2010;

é conhecido entre os crentes como “igrejas do reteté”⁷, que corresponde a um certo perfil de igrejas pentecostais – geralmente de pequeno porte e que tem alguma ligação com a Assembleia de Deus, ou outras igrejas oriundas desta denominação (GUERREIRO, 2016). Essas igrejas têm sido objeto de estudo sob várias perspectivas, por conta tanto da amplitude do seu alcance dentro de comunidades carentes quanto pelas similaridades ritualísticas entre os momentos de maior entusiasmo nesses cultos e os rituais nos cultos de matriz africana, principalmente no que diz respeito à busca por experiências extáticas (ALBUQUERQUE JR, 2014; GUERREIRO, 2016; PAULA, 2016; PEREIRA, 2019; LOPES 2022).

Apesar de haver muitas semelhanças entre os meus corinhos pentecostais e os corinhos de fogo – contornos musicais simples, letras pequenas, de rápida memorização falando sobre os mesmos temas e usando o mesmo tipo de simbolismo religioso, eles também se distinguem daqueles na sua natureza, uso e função no culto.

Diante dessas realidades acima expostas, percebi que esse repertório que escolhi como objeto de estudo apresenta contornos tão particulares, e tem características tão peculiares, que o presente trabalho cresceu enormemente em grau de importância diante de mim.

E numa proporção bem maior, cresceu também a minha dificuldade em discernir sob qual perspectiva teórica e metodológica esses corinhos poderiam ser abordados, de modo que essas particularidades das quais falei acima pudessem ser descritas com validade e consistência acadêmicas, e não apenas como meros caprichos de nostalgia religiosa.

1.2. Desafios na caminhada para uma delimitação metodológica

Em princípio, para desenvolver esse trabalho, minha intensão era dar continuidade metodológica ao trabalho que desenvolvi entre os anos de 2010 e

⁷ “De acordo com o pastor Ciro S. Zibordi, o vocábulo “reteté” teria surgido através de brincadeiras entre os próprios pentecostais, numa alusão à glossolalia ou “línguas estranhas”, como são designadas as palavras aparentemente ininteligíveis e marcadas por repetições silábicas proferidas por eles durante seus rituais” (ZIBORDI, 2007, *apud*. GUERREIRO, 2016).

2011 durante o curso de mestrado neste mesmo programa, quando investiguei as possíveis razões para o desaparecimento de um Cordão de Pássaro em uma pequena comunidade nas proximidades do município de Terra Alta, no estado do Pará (LUZ, 2011). Utilizando as mesmas primícias metodológicas, porém de forma mais aprimorada e consistente do que naquela ocasião, buscava construir uma etnografia da sensibilidade musical a partir da memória dos crentes da Assembleia de Deus em Belém do Pará que frequentavam o Templo Central, como é conhecido o seu templo sede. O recorte temporal estaria entre os anos de 1980, ano do lançamento da pedra fundamental para a construção desse templo, e 1997, ano em que o pastor Samuel Câmara passou a presidir essa igreja. Esses eventos são marcos históricos que apontam para transformações internas nessa igreja. Era importante que fosse assim, pois eu também tinha como um dos objetivos de estudo investigar quais as razões para o paulatino desaparecimento desses corinhos nos cultos dessa igreja.

Porém, além das adversidades e *desordem* pessoal que enfrentei, e que foram anteriormente descritas, algumas mudanças no direcionamento metodológico para o desenvolvimento deste trabalho se deram por eu perceber que os dados e os elementos a respeito dos corinhos que estavam disponíveis de forma mais imediata, ganhariam corpo e consistência quando observados através de um olhar apoiado no suporte metodológico da *autoetnografia*. Na verdade, como ferramenta para descrever alguns dos aspectos da fonte de onde vêm esses corinhos, a autoetnografia me caiu como uma luva, pois a singularidade do método autoetnográfico reside em valorizar a experiência do pesquisador, tanto na definição do objeto de estudo como na execução da pesquisa, utilizando-se de ferramentas como memória, autobiografia e história de vida. Através da autoetnografia o que se faz é enfatizar a importância de uma narrativa individual e de experiências significativas para os participantes e autores de uma pesquisa.

Enquanto a etnografia é um método desenvolvido pela antropologia, que busca compreender a perspectiva dos sujeitos investigados, através da imersão do pesquisador no campo e do diálogo direto com os informantes (LAPLANTINE, 2004), a autoetnografia é um gênero da etnografia, que combina elementos autobiográficos e etnográficos, onde o pesquisador reflete e analisa as suas

próprias experiências dentro de um contexto cultural ou social (ELLIS; BOCHNER, 2000). Para isso, o pesquisador emprega principalmente uma conjugação entre conceitos de autobiografia e etnografia. Assim, a autoetnografia, como técnica, é tanto um processo quanto um produto da pesquisa (ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2011).

Pensando na escrita enquanto produto final é importante estabelecer diferenças entre autobiografia e autoetnografia. Os autobiógrafos usam técnicas de “demonstração”, que são utilizadas em narrativas literárias e que foram projetadas para “transportar os leitores para a cena”, com a finalidade de criar textos estéticos e evocativos que levam os leitores a experimentarem a experiência do autor. Já os pesquisadores, quando escrevem autoetnografias, procuram produzir descrições densas, estéticas e evocativas da experiência pessoal e interpessoal. Assim, o pesquisador não só busca tornar a experiência pessoal envolvente e significativa cultural e socialmente, mas também alcançar um público mais amplo e diverso, que a pesquisa tradicional geralmente ignora ou não atinge (BOCHNER, 2006; ELLIS, 2004; FREITAS, 2021).

Como o campo para a pesquisa acabou se restringindo aos elementos presentes em minha memória, a Cartografia da Memória também me ajudou a lidar com a questão do campo de pesquisa, pois, afinal, ela é um conceito que se refere ao processo de mapear as memórias individuais e coletivas de um determinado grupo social ou cultural, em relação ao seu território, sua história e sua identidade (KIRST, *et al.* 2003). Minha memória se configura, então, como parte importante do próprio campo de pesquisa para o trabalho autoetnográfico, pois é nela que eu encontro vivos o pentecostalismo e os corinhos que nele habitam.

Essa guinada metodológica foi providencial pois, além de eu poder aproveitar integralmente todo o material que já havia produzido no início da pesquisa, também tornou possível modelar a escrita do trabalho buscando uma abordagem mais próxima do que seria uma etnografia densa, com a finalidade de descrever esses corinhos como uma parte importante do *Ethos* do povo onde eles habitam, e fazendo isso a partir das minhas próprias memórias pessoais.

A noção de *Ethos* que utilizo aqui foi construída a partir de reflexões sobre o trabalho de Steven Feld (1982), conjugadas com a doutrina grega clássica do *Ethos*. Essa conjugação foi resultado da minha busca por alguma ferramenta teórica que me ajudasse a localizar os meus corinhos como uma expressão material, sonora, da relação entre os crentes pentecostais e o som que emana das suas crenças mais fundamentais.

Para entender melhor a escolha desse termo acredito ser conveniente expor aqui a maneira que esses dispositivos teóricos se entrelaçaram na minha jornada com este trabalho.

1.3. Ethos ou Acustemologia?

Ao longo das últimas três décadas o músico, antropólogo, cineasta, professor e pesquisador estadunidense Steven Feld, vem se empenhando em desenvolver um tipo de epistemologia que emana do processo de perceber o que existe entre o ato produzir, fazer soar (*sounding*) e o de perceber (escutar) os sons que fazem parte de uma determinada cultura, concebendo o próprio som nesses processos como conhecimento em si, e não apenas como produto de um sujeito.

Em 1982 ele publicou sua obra mais importante, *Sound and Sentiment: Birds, Weeping, Poetics, and Song in Kaluli Expression* (FELD, 1982), e, com o objetivo de compreender o *Ethos* Kaluli, Feld aborda ao mesmo tempo a relação que os nativos estabelecem com o som, com a floresta e com as suas emoções.

Trabalha, por um lado, com a expressão vocal ritualizada, especialmente canções e lamentos de mulheres kaluli nos funerais e, por outro, trata da vida cotidiana, dos cuidados com as crianças – meninos especialmente. O simbolismo de lamentos e cantos está intimamente conectado com pássaros da floresta, que são entendidos como espíritos, e tais lamentos são entendidos como incorporação da tristeza de se tornar um pássaro. Essa tristeza faz os ouvintes dos cantos chorarem como pássaros, completando um círculo simbólico e emocional que vai da fala para o choro, do choro para a música – tudo refletido no som dos pássaros (SILVA, 2015. p.440).

Neste seu trabalho o som é apresentado como uma espécie de materialização de sentimentos profundos, realizado através de relações metonímicas e metafóricas com o som do canto de determinados pássaros

daquela região e todas as expressões culturais daquela comunidade. Essas relações eram intermediadas por linguagem, uma linguagem mítica que moldava seus ouvidos, ou seja, sua forma de ouvir, de perceber e produzir os sons que permeavam o cotidiano daquela sociedade, modelando, portanto, uma forma comum tanto para o canto dos pássaros quanto para o seu choro ritual. Para Feld mesmo as teorias etnomusicológicas mais fundamentais e estabelecidas, desde o modelo de Merriam (1964), passando por Blacking (1973) e seus demais sucessores, soam muito mais tradicionalistas do que se pretendiam ser, pois estão baseadas em epistemologias que não conseguem se desvencilhar das amarras de um pensamento estruturalista eurocêntrico, por mais que se esforcem em fazê-lo.

Embora a ideia de uma antropologia do som tivesse por objetivo ajudar a descolonizar os paradigmas disciplinares da etnomusicologia, a presença do termo “antropologia” ainda a tornava muito centrada no humano; a preposição “do” marcava sobremaneira um sentido de distância e separação, e o substantivo “som” parecia tratar mais de propagação que de percepção, mais de estrutura que de processo (FELD, 2020, p.196).

Com a finalidade de transformar suas inquietações quanto à maneira inconsistente (a seu ver) de se fazer etnomusicologia, Feld vem se dedicando, desde os anos 90, em refinar um “equipamento intelectual” que ele denominou de *acustemologia*, que consiste na tentativa de conjugar “acústica” e “epistemologia”, concebendo o próprio som como conhecimento em si. Essa abordagem se move a partir de perguntas sobre o que é conhecível, e como algo se torna conhecido, por meio do ato de soar (*sounding*) e da escuta (FELD, 2020).

Apesar de a relação que Feld faz entre o som, linguagem mítica, sentimento e cultura ser muito próxima daquela com a qual abordo os meus corinhos, neste trabalho, não tenho a intensão de me aprofundar nesse conceito, o da *acustemologia*. Quando for necessário, ao invés do termo *acustemologia*, usarei o termo *Ethos* para me referir à essas intercessões. Os gregos da antiguidade clássica, que foram os primeiros a usarem esse termo, *Ethos*, em relação a música, também tinham uma noção muito mais ampla do que aquela mais comumente usada nos nossos dias. Como “música” eles não se referiam apenas ao resultado sonoro da sua busca pela harmonia, mas essa relação

verbal sugere que, para os gregos, a música era concebida como algo comum a todas as atividades que diziam respeito à busca da beleza e da verdade. A própria palavra "música" era usada como uma derivação adjetiva para tudo que resultava da relação com as "musas", que na mitologia grega, eram as nove deusas que presidiam as artes e as ciências. O caso é que, na antiguidade clássica, também já havia a necessidade de se explicar a relação entre a música e o comportamento humano, entre som e sentimento, através do uso de um tipo de linguagem que era próprio àquela cultura: essas relações eram explicadas através da doutrina do *Ethos*. Segundo essa doutrina, a música não é apenas uma manifestação estética, mas também um agente moral que carrega a capacidade de moldar o caráter e a conduta do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade. Aristóteles explicava esse poder da música sobre o homem através de uma outra doutrina, a do mimetismo, acreditando que a música imita as paixões humanas. Por conseguinte, quando se ouve um tipo de música que expressa uma determinada paixão humana, aquele que ouve também é envolvido, afetado, influenciado, por essa mesma paixão. Se coragem, coragem; se ira, ira; se brandura, brandura, bem como seus opostos e outras virtudes ou vícios. Foi Platão que, em seus diálogos *Timeu* e *República*, expôs a doutrina do *Ethos* de forma mais completa e sistemática. As ideias de Platão sobre a natureza e funções da música, tal como foram interpretadas pelos autores medievais, exerceram uma profunda influência nas especulações destes últimos sobre a música e seu papel na educação até a chegada do renascimento. (GROUT; PALISCA, 2007. p.15-20).

Embora haja uma distância abissal entre esses dois paradigmas, a *acustemologia* e a doutrina do *Ethos*, eu gostaria de ressaltar que esses dois conceitos possuem alguns pontos em comum que são fundamentais por comporem a própria natureza das suas estruturas. Para ambos, o objeto de conhecimento que é de interesse dos seus teóricos reside nas relações, nos processos, que se estabelecem entre o som, os sentimentos, a linguagem mítica, a cultura e sobre o próprio homem. No entanto, também é necessário destacar as suas diferenças: enquanto o ponto de observação da *acustemologia* está precisamente sobre os processos de apreensão, compreensão e produção dos sons, propriamente ditos, de uma determinada cultura, há de se reconhecer que

ele sempre será um ponto de vista externo, *ético*, à essa mesma cultura, pois é resultado das reflexões de um *outro*. Por outro lado, a doutrina do *Ethos* é um paradigma genuinamente interno, *ênico*, cunhado de dentro da sua própria cultura por seus próprios sujeitos culturais, cuja preocupação central eram os efeitos desse som sobre o homem e sobre a sociedade, com uma intensão declaradamente pragmática, social e política.

Neste mesmo sentido os corinhos que trago aqui fazem parte de um contexto em que os sons desse povo, do povo pentecostal, estão para o seu mito fundador - o evento do *carisma*⁸, da descida do Espírito Santo sobre os discípulos de Jesus descrita no Novo Testamento - assim como as canções, os rituais, o vocabulário e demais sons Kaluli estão para o som dos pássaros da sua floresta. Os dois, os Kaluli e os crentes pentecostais, estão totalmente ligados e fazem parte indissociável de uma realidade cultural concreta, a qual só pode ser devida e efetivamente experienciada na medida em que o sujeito, tanto individual como coletivamente, incorpora os significados próprios que emanam daqueles eventos sonoros. Além disso, a maneira que o povo pentecostal se relaciona com os seus sons, incluindo aqui os meus corinhos, se aproxima daquela que os gregos clássicos lidavam com sua música, crendo que elas têm o potencial de moldar, afetar a alma e o caráter do crente, estabelecendo por essa causa maneiras ou modos mais ou menos adequados - ou mesmo proibidos - de se relacionar com os sons que os cercam.

Escolhi, portanto, o termo *Ethos* - e não *acustemologia* - para compreender o espírito que move a relação dos crentes pentecostais com seus sons porque, assim como os gregos clássicos, falo a partir de um ponto de vista *ênico*, pois, afinal, praticamente "nasci" dentro de um templo pentecostal; além disso, a própria natureza do objetivo deste trabalho, por ter um caráter pragmático, social e político – afinal esse é o caráter e a natureza da

⁸ A palavra *carisma* vem do grego "*kharisma*", que significa "graça" ou "favor". Esta palavra é composta por duas raízes gregas: "*kharis*", que significa "graça, favor, bondade"; e "*ma*", que é um sufixo que indica resultado ou efeito. Portanto, o *carisma* pode ser entendido como um resultado ou efeito da graça de Deus. "Carisma", portanto, é, no contexto religioso, diz respeito a um dom espiritual, que é uma manifestação do Espírito Santo por meio de um indivíduo em um acontecimento ou capacitação para o serviço de Deus e/ou de seu povo (ALEXANDER, 2009, p.694).

universidade pública – se aproxima da natureza e objetivo do trabalhos dos seus teóricos.

1.4. O Ethos dos corinhos pentecostais e a narrativa pentecostal

Estabelecidos esses pressupostos, é importante tentar compreender a narrativa maior dentro da qual meus corinhos habitam e localizá-los em seu contexto mais amplo, como um esforço para esclarecer as camadas de história e de significado em que ele está inscrito. Afinal, nascemos do lado de cá da história, inseridos em um tempo específico, em uma determinada sociedade, e somos herdeiros de uma certa cultura ou civilização de forma inescapável e inexorável. Cada geração veio transmitindo à geração seguinte os símbolos materiais e culturais que representam a marcha da história onde estamos caminhando. Nesse processo, todos buscamos inventar, construir, marcar, transformar ou reproduzir sinais e símbolos que nos guiem nesse caminho, que nos mostrem um rumo, uma direção. Não podemos percorrer essa trajetória sem o auxílio dos tempos passados, que nos servem de pistas para encontrar nossa trilha para o futuro. A palavra *Ethikos* era utilizada pelos gregos da antiguidade como um dispositivo teórico para responder a um tipo de pergunta, de indagação, que perpassa os tempos a refazer-se para cada pessoa e geração: “Qual é o sentido maior da minha existência, e qual é o melhor ideal para nossa vida pessoal, particular e coletiva?” A essência desse conceito, para os gregos clássicos, deriva da palavra *Ethika*, que por sua vez tem como raiz a palavra *Ethos* ou *Ethikos*, que significa “morada”, “casa”, “esteio da casa”, “lugar de viver”, “regras de organizar a casa”. Essa palavra remete ao esteio central que sustentava a casa grega primitiva, assumindo, então, o sentido de “aquilo que sustenta minha morada, minha moradia, minha vida comum, doméstica, cotidiana, ordinária”. E é aqui acontece a “mágica”: um objeto de caráter físico, material, que tem forma e função (o esteio central da casa), através de uma perspectivação em linguagem mítica (a forma do *Eidos*, ou do “mundo das ideias”), se converte em símbolo que se comunica, se liga, que preenche desse sentido simbólico e moral todos os demais aspectos da vida externa, prática, comum, cotidiana.

Da mesma forma, sabendo que os meus corinhos fazem parte de uma tradição cristã bem específica no tempo e no espaço, é necessário reconhecer que todas as vertentes da religião cristã, ao longo da história do cristianismo, estão encharcadas de música. Portanto, o som que habita no *Ethos* do cristianismo também habita toda a civilização ocidental.

A música de todo o mundo cristianizado está baseada, estruturada, nessa tradição musical. Sendo cristão ou não cada cidadão do mundo cristianizado teve seus ouvidos direta ou indiretamente moldados debaixo da abóboda desta catedral sonora. De cada período elencado da história, de cada vertente do cristianismo, um som distinto emana de uma catedral para o mundo externo. Gregório Magno, Perrotin, Machaut, Monteverdi, Bach, são algumas das colunas que sustentam essa catedral sonora de onde ecoa toda a música que podemos ouvir e compreender ainda hoje sem um grande estranhamento. Não acredito ser necessária uma defesa desse pressuposto, já que os próprios sumários dos livros sobre história da música ocidental, desde os principais livros de referência até os manuais mais esquemáticos, apontam nessa direção (GROUT, PALISCA, 2007; MASSIN, 1997; CANDÈ, 1994; LOVELOCK, 1987; BENNETT, 1986). Nenhum deles deixa de traçar uma linha que passa pelas informações que se tem sobre a música da antiguidade grega, atravessando pela idade média alcançando nossos dias.

Nestas mesmas colunas estão também apoiados ícones que estruturaram nossos ouvidos no século passado - nomes como Aretha Franklin, Elvis Presley, Bono Vox, entre muitos outros, tiveram seu início de carreira musical dentro de igrejas cristãs e suas vozes alcançaram praticamente todo o planeta.

Se, durante a Idade Média, a igreja foi a grande responsável por oferecer os contornos do que conhecemos hoje como “civilização ocidental”, como afirmam os historiadores PERNOUD (1997), BLOOM (2005), LEITHART (2018), WOODS (2022), entre tantos outros, não foi menor o impacto que a Reforma Protestante desencadeou tanto nas esferas religiosa, como na sócio-política, econômica, na música, enfim, devemos reconhecer que a Reforma Protestante, para o bem (MCGRATH, 2007 e 2014; LINDBERG, 2017; BIÉLER, 1999) ou para

o mal (FERNANDEZ-ARMESTO & WILSON, 1997; DAWSON, 2014), foi um dos principais movimentos catalizadores do pensamento moderno.

O movimento pentecostal é considerado por muitos estudiosos como o fenômeno mais revolucionário da história do cristianismo no século XX, e talvez um dos mais marcantes de toda a história da igreja (MATOS, 2006; HUNTER, 1983; WARNER, 1983). Em um período relativamente curto, as igrejas pentecostais reuniram um número imenso de pessoas em praticamente todos os continentes, totalizando hoje, segundo cálculos de especialistas, mais de meio bilhão de adeptos em todo o mundo⁹. Segundo o último censo do IBGE, realizado em 2010, os evangélicos no Brasil se tornaram uma parcela da população que, somam 22% da população, se equiparando a população de países inteiros, como Colômbia ou Argentina. Mas, considerando apenas os crentes pentecostais da igreja Assembleia de Deus, uma reportagem do jornal Diário On Line sobre as comemorações dos 112 de fundação da igreja em 2023, afirma que apenas a Igreja Assembleia de Deus possui vinte e dois milhões de membros em todo o território nacional, sendo que 700 mil membros no estado do Pará, e contabiliza 540 templos e 150 mil membros apenas na capital paraense (COSTA, 2023).

1.5. Protestantismo histórico e as Ondas Pentecostais no Brasil

Para fins didáticos preciso esclarecer duas terminologias importantes para o entendimento desse trabalho. Primeiro farei distinção entre igrejas, ou evangélicos históricos e pentecostais; em seguida é necessário deixar claro o que estou dizendo quando me refiro ao Pentecostalismo Clássico, pois é nesse contexto que os meus corinhos estão circunscritos.

...a literatura especializada, geralmente, distingue os evangélicos em dois grandes grupos: históricos e pentecostais. Os protestantes históricos surgiram na Europa entre a Reforma do século XVI e o final do século XX. Os pentecostais, de berço protestante, surgiram nos Estados Unidos no início do século XX (NOVAES, 1998. p.7).

⁹ “De acordo com o *Center for the Study of Global Christianity*, existem cerca de 279 milhões de cristãos pentecostais e 305 milhões de cristãos carismáticos em todo o mundo. (Os cristãos carismáticos pertencem a denominações não pentecostais, mas se envolvem em práticas espirituais associadas ao pentecostalismo, como falar em línguas e curar a cura divina” (GRIM, HACKETT & JOHNSON, 2011).

Há determinadas ênfases doutrinárias que diferenciam evangélicos históricos e pentecostais, e, embora, cada vez mais surjam diferenças significativas entre as próprias denominações consideradas pentecostais, de maneira geral, são elas que enfatizam a crença de uma iminente segunda vinda de Cristo, associada à uma nova *escatologia* – área da teologia que se dedica às *últimas Coisas* – que surge também nos Estados Unidos e no mesmo contexto histórico do início do pentecostalismo; enfatizam também a *contemporaneidade dos Dons do Espírito*, ou seja, enfatizam que os verdadeiros crentes, mediante uma intensa e sincera busca espiritual, têm acesso aos dons do Espírito Santo descritos no Novo Testamento, e que essa ação do Espírito Santo, além de realizar curas dos males do corpo e da alma, também promovia experiências extáticas, que resultavam no “falar em línguas estranhas” (glossolália), visões, “profecias” e de eventuais exorcismos. Os evangélicos protestantes históricos são aqueles que pertencem a igrejas consideradas como herdeiras mais diretas da Reforma como, por exemplo, os luteranos, metodistas, presbiterianos e batistas, E em contraste com os crentes pentecostais, nos cultos e adoração realizados pelos protestantes históricos, há uma completa rejeição a qualquer experiência extática ou de qualquer outro tipo de expressão religiosa mais emocional, que não encontre completamente baseada em suas doutrinas, que segundo seus documentos de fé, são “claramente ensinadas ou inferidas na Escritura Sagrada”. A adoração protestante é, portanto, caracterizada por uma maior formalidade e ênfase na liturgia (OLIVEIRA, 2013).

Ao contrário do que se imagina, as primeiras tentativas de implantação do protestantismo no Brasil remontam ao período da Reforma Protestante, no século XVI. Em 1555, chegou ao Rio de Janeiro um grupo de refugiados franceses que professavam a fé protestante da reforma – huguenotes. No entanto, divergências internas sobre elementos litúrgicos levaram ao fracasso dessa entrada. Uma segunda tentativa de implantação do protestantismo no Brasil foi feita pelos holandeses, que chegaram ao país em 1624 e dominaram Recife e Olinda em 1630. Em 1641, os holandeses controlavam 14 capitâneas do Nordeste brasileiro.

O projeto de colonização holandesa no Brasil teve um componente religioso na medida em que a tradição reformada calvinista se tornou a região do Brasil holandês, mas dentro do quadro de uma

tolerância religiosa semelhante à da metrópole em relação tanto ao judaísmo quanto ao catolicismo. (BASTIAN, 1990, p.55).

No entanto, em 1654, com o retorno do domínio português e, conseqüentemente católico, os holandeses foram expulsos do Brasil, se transferindo para o Caribe, e as concessões legais que favoreciam a tolerância religiosa foram revogadas, fazendo com que as iniciativas para impedir a propagação do protestantismo fossem intensificadas. Essa situação perdurou até meados do século XIX, com a vinda da família real e com o Tratado de Aliança, Comércio e Navegação firmado com a Inglaterra, que também dava direito aos ingleses para construir “igrejas e capelas” em terras brasileiras. Porém, só em 1822, poucos meses antes da independência do Brasil, é que foi inaugurada a primeira capela anglicana no Rio de Janeiro. Neste ínterim, além dos ingleses, outros imigrantes de países protestantes chegaram ao Brasil, como norte-americanos, suecos, dinamarqueses e escoceses. Entretanto, até a Proclamação da Independência não há “notícia de existir sequer um brasileiro protestante” (RIBEIRO, 1973, p.18). esses imigrantes trouxe um tipo de protestantismo “étnico”, ou seja, cada grupo de colonos imigrantes que chegava trazia consigo sua igreja como um instrumento de afirmação de sua própria identidade nacional, sem nenhuma preocupação com a propagação da fé protestante entre os brasileiros. Porém, a vinda desses colonos criou condições que facilitariam a introdução do protestantismo missionário no Brasil. Missionários norte-americanos foram os principais catalizadores desse movimento, que ficou conhecido como “Protestantismo de Missão”, que resultou na implantação da maioria das igrejas históricas que atuam até hoje no Brasil (em 1855, os Congregacionais; em 1859, os Presbiterianos; em 1867, os Metodistas; entre outros).

Apesar de o protestantismo começar a desenhar a sua história no Brasil durante o século XIX, o pentecostalismo chega aqui no começo do século XX como o maior movimento religioso deste século. Desde que os primeiros missionários pentecostais desembarcaram no Brasil, vindos dos Estados Unidos, o número de crentes tem crescido de maneira exponencial. Para entender melhor o desenvolvimento desse movimento o sociólogo Paul Freston (1994), discrimina três etapas, que denominou de “três ondas” ou fases de

implantação do pentecostalismo no Brasil. A primeira onda, ainda nos primeiros anos do movimento pentecostal norte-americano, trouxe para o país duas igrejas: a Congregação Cristã no Brasil (1910) e as Assembleias de Deus (1911). Essas igrejas dominaram amplamente o campo pentecostal durante os primeiros quarenta anos e são representantes do que se denomina como “pentecostalismo clássico”. A Assembleia de Deus foi a que mais se expandiu, tanto numérica quanto geograficamente, enquanto a Congregação Cristã, após um período de restrição à comunidade italiana, sentiu a necessidade de ampliar seu trabalho entre os brasileiros. Um fato que chama a atenção para o poder de expansão do movimento pentecostal é que, quando os primeiros pentecostais chegaram ao Brasil, todas as denominações históricas já haviam se estabelecido no país, incluindo anglicanos, luteranos, congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais, no entanto, seu crescimento havia sido modesto.

A segunda onda pentecostal no Brasil, que ocorreu na década de 1950 e início dos anos 1960, foi marcada por um processo de fragmentação do campo pentecostal e pelo surgimento de três grandes grupos ainda ligados ao pentecostalismo clássico: a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962). Essas igrejas, todas voltadas de modo especial para a cura divina, tiveram um crescimento significativo, sobretudo nas grandes cidades, que estavam em processo de urbanização acelerada. Freston argumenta que o estopim dessa nova fase foi a chegada da Igreja Quadrangular com os seus métodos arrojados, forjados no berço dos modernos meios de comunicação de massa, a Califórnia.

A terceira onda histórica do pentecostalismo brasileiro começou no final dos anos 70 e ganhou força na década de 80, com o surgimento das igrejas denominadas “neopentecostais”, com sua forte ênfase na teologia da prosperidade. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), mas existem outros grupos significativos como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Renascer em Cristo, Comunidade Sara Nossa Terra, Igreja Paz e Vida, Comunidades Evangélicas e muitas outras. Assim como a ênfase da primeira onda foi o batismo com o Espírito Santo e o consequente

falar em línguas, a da segunda onda foi a cura e a da terceira, o exorcismo e a mensagem da prosperidade. (FREESTON, 1994, p.70-71).

Ricardo Mariano (2012), também divide o movimento pentecostal no Brasil em três etapas, porém usa uma nomenclatura diferente: o pentecostalismo clássico, que surgiu na década de 1910; o deuteropentecostalismo¹⁰, que começou entre os anos 50 e 60; e o neopentecostalismo, cujo começo é no final dos anos 70 (MARIANO, 2012).

O que há de relevante nessas duas abordagens não são as discussões de caráter sociológico ou teológico a respeito dos marcos que desencadearam as transformações do movimento e que caracterizam cada uma dessas fases, pois essas discussões não têm uma relevância direta para o desenvolvimento desse trabalho. A importância que quero destacar reside no fato de que essas fases, ou etapas, ou categorias, são praticamente coincidentes nas suas marcações no tempo, apontando, assim, para a realidade de que, de fato, essas etapas são verificáveis; e também no fato de que as igrejas que vieram surgindo no decorrer dessas “ondas”, assumem uma certa forma *estética* própria, característica de cada período demarcado. Apesar de todas essas igrejas, que fizeram e fazem parte do movimento pentecostal desde o seu início no Brasil, comungarem de uma fé comum no que diz respeito aos pontos mais fundamentais da fé cristã, e de terem como característica distintiva, entre elas e as igrejas históricas, a ênfase na busca e vivência do *carisma* descrito no livro dos Atos dos Apóstolos, os crentes das igrejas de cada uma dessas fases apresenta uma certa *forma de estar no mundo*. Quero dizer com isso que é possível distinguir a qual das ondas determinada igreja pertence mesmo sem conhecer sua teologia, sua história, ou a sua placa denominacional. É possível fazer isso observando o crente que frequenta essa igreja, partindo de algumas das suas características pessoais, como aparência, comportamento, vocabulário e repertório musical de preferência, etc. Eu, particularmente, tenho convicção de que se juntar no mesmo recinto um crente de uma Assembleia de Deus que fique

¹⁰ Para identificar a segunda etapa do movimento pentecostal no Brasil, Mariano (2012) utiliza o prefixo "deutero", que vem do grego e significa "segundo". Ele é usado para indicar algo que é feito ou ocorre em segundo lugar, ou que está em segundo lugar em relação a algo (HOUASS, 2009).

distante dos centros urbanos (representante do *pentecostalismo clássico* – Primeira Onda), outro que frequente uma Igreja do Evangelho Quadrangular (representante do *deuteropentecostalismo* – Segunda Onda) e outro que frequente alguma igreja que use o nome de Comunidade Evangélica (Terceira Onda), posso distingui-los sem muita dificuldade, sem mesmo conhecê-los pessoalmente.

Os corinhos sobre os quais me debruço neste trabalho pertencem ao universo do Pentecostalismo Clássico, e sobre as características mais particulares desse nicho dedicarei algum espaço mais à frente. Mas agora, depois de ter discorrido um pouco sobre as distinções entre evangélicos históricos Vs. Pentecostais, e sobre a existência de diferentes perfis de pentecostais dentro do próprio movimento, acredito ser necessário me deter sobre o aspecto unificador entre os pentecostais, e que é a sua principal característica: a ênfase sobre a experiência espiritual (ou mística) de cada crente com o evento do *Carisma Divino*, descrito no livro dos Atos dos Apóstolos, no Novo Testamento.

Capítulo 2

***“Vem, vem, vem, Espírito Divino!
Vem, vem, vem, acerca-te de nós!”***

Atos do Apóstolos

Capítulo 2

¹ *Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar;*

² *e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados.*

³ *E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles.*

⁴ *E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.*

⁵ *E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu.*

⁶ *E, correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua.*

⁷ *E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! Não são galileus todos esses homens que estão falando?*

⁸ *Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?*

⁹ *Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judeia, e Capadócia, e Ponto, e Ásia,*

¹⁰ *e Frígia, e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos (tanto judeus como prosélitos),*

¹¹ *e cretenses, e árabes, todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus.*

¹² *E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer?*

¹³ *E outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto.*

O discurso de Pedro

¹⁴ *Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a voz e disse-lhes: Varões judeus e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras.*

¹⁵ *Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo está a terceira hora do dia.*

¹⁶ *Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel:*

¹⁷ *E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os*

vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos;

¹⁸ e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias, e profetizarão;

¹⁹ e farei aparecer prodígios em cima no céu e sinais em baixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça.

²⁰ O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes de chegar o grande e glorioso Dia do Senhor;

²¹ e acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

²² Varões israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis;

²³ a este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos;

²⁴ ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela.

²⁵ Porque dele disse Davi: Sempre via diante de mim o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja comovido;

²⁶ por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; e ainda a minha carne há de repousar em esperança.

²⁷ Pois não deixarás a minha alma no Hades, nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção.

²⁸ Fizeste-me conhecidos os

caminhos da vida; com a tua face me encherás de júbilo.

²⁹ Varões irmãos, seja-me lícito dizer-vos livremente acerca do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e entre nós está até hoje a sua sepultura.

³⁰ Sendo, pois, ele profeta e sabendo que Deus lhe havia prometido com juramento que do fruto de seus lombos, segundo a carne, levantaria o Cristo, para o assentar sobre o seu trono,

³¹ nesta previsão, disse da ressurreição de Cristo, que a sua alma não foi deixada no Hades, nem a sua carne viu a corrupção.

³² Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas.

³³ De sorte que, exaltado pela destra de Deus e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis.

³⁴ Porque Davi não subiu aos céus, mas ele próprio diz: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita,

³⁵ até que ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés.

³⁶ Saiba, pois, com certeza, toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.

As primeiras conversões

³⁷ Ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos?

³⁸ E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.

³⁹ *Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar.*

⁴⁰ *E com muitas outras palavras isto testificava e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa.*

⁴¹ *De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e, naquele dia, agregaram-se quase três mil almas.*

⁴² *E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações.*

⁴³ *Em cada alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos.*

⁴⁴ *Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum.*

⁴⁵ *Vendiam suas propriedades e fazendas e repartiam com todos, segundo cada um tinha necessidade.*

⁴⁶ *E, perseverando unânimes todos os dias no templo e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração,*

⁴⁷ *louvando a Deus e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar.*

Versão Almeida Revista e Corrigida.

Escolhi essa versão por ser a versão protestante usada pelos brasileiros na primeira metade do século XX (ARMAZÉM DA BÍBLIA, 2024).

2.1. Atos 2 como mito fundador e telos pentecostal

Esse é o trecho do texto bíblico cuja interpretação e aplicação faz a separação entre evangélicos pentecostais e históricos. Ele é um tipo de *mito fundador* para os pentecostais, cuja potência transmuta a essência desse evento em substância, e encarna, somatiza, as perspectivas tanto *ontológicas* quanto *teleológicas* da espiritualidade protestante.

Para um judeu a *Torá* (Antigo Testamento cristão) é a principal fonte do imaginário¹¹ judaico, assim como a Bíblia (Antigo mais o Novo Testamentos) o é para um cristão. Mas algumas dessa imagens são centrais em seus sistemas de fé. Se para um judeu lembrar-se da morte dos primogênitos egípcios, da travessia do Mar Vermelho e, cinquenta dias depois, do espetáculo do Sinai, o faz sentir-se parte de um povo especialmente livre dentre todos os outros povos,

¹¹ Uso essa palavra no mesmo sentido que Durand (1999), que define o imaginário como “as imagens e símbolos que usamos para compreender o mundo ao nosso redor” (DURAND, 1999).

esses eventos se somam na história e no significado para o cristão. Pois o *Pêssach* (a Páscoa) está para o judeu assim como a morte e ressurreição de Cristo está para o cristão; e a descida de Deus sobre o Sinai com as Tábuas da Lei acompanhado de fogo e trovões, o *Shavuot* (o Pentecoste), assim também está para o cristão o evento da descida do Espírito Santo sobre os discípulos acompanhado do som de um “vento impetuoso” e “línguas como de fogo” durante o pentecoste.

O mito corresponde à narração de um tempo passado original, precursor de todos os tempos, nos quais poderemos encontrar os modelos e exemplos que determinam e dão sentido à vida (SALDANHA, 2018). Os mitos fundadores, além disso, são narrativas que contam a origem de um povo, de uma nação ou de uma cultura, atribuindo-lhe um sentido por um lado sagrado, quer dizer, estão num plano transcendente, inalcançável; por outro lado exemplar, isto é, presente, que ensina um modo de se estar na terra. Essas narrativas desempenham um papel importante na formação da identidade de um povo, pois nelas estão contidos seus valores, crenças, costumes e símbolos. Também servem como fonte de inspiração e orientação, reforçando a coesão e continuidade histórica desse povo. Dessa forma esse tipo de mito contribui para a construção e preservação da identidade coletiva de um povo, bem como para a sua diferenciação em relação a outros povos e culturas. (SOUZA, 2013).

Considerando os pentecostais clássicos como um povo, num sentido próximo ao de *tribo* utilizado por Maffesoli (2006), é possível estabelecer relações diretas entre os aspectos presentes na narrativa bíblica mais ampla, assim como nesse episódio em especial, e entre os demais aspectos do cotidiano desses crentes, sejam eles materiais ou morais,.

A formatação do texto acima, o excerto do livro dos Atos dos Apóstolos, feita em duas colunas, foi uma escolha puramente estética de minha parte. Tentei trazer para o corpo do trabalho um tipo de referência visual que aponta para a tradicional disposição do texto em duas colunas, como sempre é feito nas páginas de uma Bíblia. Minha intenção foi tentar realizar um salto simbólico que transportasse o leitor do mundo comum para o elevado, do material para o

mítico, do profano¹² ao sagrado. Pois a própria materialidade da Bíblia em si, já evoca para o crente uma espécie de ligação com o sagrado. Do contexto pentecostal no qual vivi a minha infância, me chegam lembranças da Bíblia, do “livro preto”, sendo recebida pelo crente pentecostal não como um livro comum, do mesmo tipo dos outros. Havia uma certa áurea de reverência, afinal ela é a Palavra de Deus, e as palavras contidas ali dentro carregam um tipo de autoridade que pode transformar o caráter e a vida de quem lhes dá ouvidos. Ela também é comumente chamada entre os pentecostais de “espada”, em alusão aos textos bíblicos que se referem a ela mesma dessa forma¹³. E também funciona como uma espécie de selo legitimador nos cultos: aquele que não levava sua Bíblia consigo para um culto demonstrava publicamente sua “frieza”, sua “fraqueza” espiritual. Ela é também um tipo de espelho, pois, ao ler a sua Bíblia ou ao ouvir um sermão, o crente não encontra somente relatos que descrevem a ação de Deus na história e na vida dos personagens, mas ele se vê naquelas narrativas, e passa a projetar a ação de Deus sobre a sua própria.

E então ele passa a agir na busca da realização daqueles eventos em sua própria história. Assim como os discípulos se reuniram para orar e esperar o cumprimento da promessa que Jesus lhes tinha feito¹⁴ esse crente passa a dedicar mais tempo do seu dia para orações particulares; também passa a envolver-se mais intensamente nos momentos de oração em comunidade, durante os cultos semanais ou em reuniões especiais de oração e de busca pelo “poder do Espírito”¹⁵; ele também começa a dedicar mais tempo para estreitar relacionamento com outros crentes que vêm demonstrando o mesmo fervor, e quando, enfim, ele recebe o “toque do Espírito”, também passa a falar a outros sobre os benefícios espirituais e materiais que tem experimentado, se

¹² Nesse caso, o “profano” seria o suporte onde está o texto bíblico: o papel de um documento de uma universidade, uma instituição sem qualquer comprometimento religioso. Durante minha infância e juventude na igreja ouvi muitas conversas e comentários em tom de mal presságio ou de lamento sobre o filho de um irmão (tratamento comumente utilizado entre os crentes pentecostais clássicos) que havia ingressado em uma universidade ou que havia se “desviado” (termo que se dá àquele que abandona a fé) por não ter resistido às constantes confrontações às suas crenças.

¹³ “Pois a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e as intenções do coração” (BÍBLIA, Hb 4.12).

¹⁴ “...vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias”. (BÍBLIA, At 1.5)

¹⁵ “...mas recebereis poder do Espírito Santo, que há de vir sobre vós”. (BÍBLIA, At 1.8a)

envolvendo também em atividades individuais e coletivas de evangelismo¹⁶ etc. Enfim, reviver e mesma experiência que os discípulos de Jesus vivenciaram no dia de pentecoste, sendo “cheio do Espírito”, recebendo os mesmos *carismas*, e demonstrando uma postura destemida para “anunciar o evangelho” onde estiver, é sem dúvida, a coluna da espiritualidade pentecostal. Para o crente pentecostal o ideal de realização de vida está baseado na expectativa de que sua vida seja uma continuidade dos acontecimentos que se sucederam no livro dos Atos dos Apóstolos e na esperança do retorno daquele Cristo, a sua “segunda vinda”, que é sempre iminente.

Para uma tradição cuja identidade é fundada no derramamento do Espírito que é testemunhado em Atos 2, a ênfase que o pentecostalismo coloca no encontro divino-humano não deveria ser surpresa. O Dia de Pentecostes é um evento “experencial” por excelência que, para a tradição pentecostal, cria paradigmaticamente uma expectativa rotineira de encontro com Deus (STEPHENSON, 2019).

Dessa forma, a espiritualidade do crente pentecostal, a qual é completamente baseada na narrativa descrita mais acima, afeta todas as áreas da sua vida. Seu vocabulário, suas roupas, seu penteado para as mulheres o cabelo deve ser o seu véu, aquilo que bebe ou come, a organização dos seus horários, a escolha de seus relacionamentos etc.

Mas apesar de haver uma grande ênfase no fato de que o crente deve ter a sua própria experiência espiritual de forma individualizada e intransferível, por ser, sua, ela não é de modo nenhum individualista e nem promove o individualismo, mas é coletiva, pois tem seu ápice em comunidade. É assim na narrativa ainda no capítulo um do livro de Atos, quando o *carisma* veio enquanto “perseveravam unidos em oração” (BÍBLIA, At 1.14). Além disso, o *carisma* apenas completa sua missão de fato quando é derramado para fora da comunidade por aqueles que o receberam. Essa foi a promessa feita por Jesus também no capítulo um (BÍBLIA, At 1.8) e que começou a se realizar através do discurso do Apóstolo Pedro logo após terem recebido o *carisma* no capítulo dois, e onde quase três mil judeus passaram a acreditar que Jesus era o seu Messias prometido que tanto aguardavam (BÍBLIA, At 2.14-39). E também é por isso que

¹⁶ “...e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”. (BÍBLIA, At 1.8b)

uma das principais características do movimento pentecostal é o entusiasmo dos crentes na adoração durante os cultos, e no empenho em propagar essa fé (BÍBLIA, At 2.42-47).

Deixe-me...caracterizar essa corrente dizendo que seu elemento central é a convicção de que a vida cristã é uma questão do poder e da presença do Espírito Santo experimentados hoje; que se respondermos à pergunta 'Onde está a Igreja?', devemos perguntar 'Onde está o Espírito Santo reconhecidamente presente com poder?' (NEWBIGIN, 1953 *apud*. STEPHENSON, 2019)

Sobre a palavra “entusiasmo” dentro do contexto religioso pentecostal, é importante dizer que ela será usada aqui para descrever o estado de excitação no qual os crentes pentecostais se encontram durante o clímax da sua experiência religiosa, e que pode ser caracterizado por choro acompanhado de brados de *Aleluia*, risos, gritos, palmas etc. Ela deriva do grego antigo "enthousiasmós", que significa "posse divina" ou "inspiração divina". É composta por duas palavras gregas: "en", que significa "em" ou "dentro", e "theos", que significa "deus", e “asmos”, um sufixo de ação ou estado (HOUAISS, 2009).

Outra palavra importante para entendimento da experiência religiosa pentecostal é “êxtase” O êxtase é um estado consciente da razão e dos sentimentos, porém alterados pela contemplação da presença do divino:

“...levando o indivíduo ao enlevo, arroubo, encanto ou admiração de coisas sobrenaturais; ficar pasmo e assombrado são fenômenos que podem ser observados na histeria e nos delírios místicos, e que consiste em sentimento profundo e indizível que aparenta corresponder a enorme alegria (SILVA, *et al.* 2018).

Estabelecer esses termos é muito importante pois ele corresponde ao momento mais esperado pelo crente pentecostal. Ele representa a realização da expectativa da interação entre o humano e o divino, entre o crente e o Espírito Santo, é o momento em que ele experimenta a chegada daquele “som como de um vento impetuoso”, e das “línguas como de fogo” (BÍBLIA, At 2.2-3). E o local próprio para sua realização é o culto.

2.2. Os Ritos Fundamentais e os Componentes Rituais

Em seu artigo “Pentecostalismo e experiência: história, teologia e prática”, a professora Lisa P. Stephenson (2019) apresenta um esquema elaborado por

Daniel Albrecht (1999) que será muito útil para nosso entendimento tanto da liturgia do culto quanto do processo de condução dos afetos religiosos para que a congregação alcance esse entusiasmo pentecostal.

Em primeiro lugar ele afirma que:

Para compreender o *Ethos* pentecostal, deve-se considerar o ritual central, o culto de adoração. Obviamente, a espiritualidade dos pentecostais abrange mais do que seus ritos litúrgicos podem conter. Devoções particulares, testemunho pessoal, experiências individuais com Deus e uma infinidade de práticas pietistas florescem além dos cultos dominicais. No entanto, permanece o fato de que no coração da espiritualidade Pentecostal/Carismática, tanto corporativa quanto individual, está a liturgia. A vida espiritual dos pentecostais centra-se no serviço de adoração, que garante a compreensão vital das qualidades características que compõem a espiritualidade geral (ALBRECHT, 1999, *apud*. STEPHENSON, 2019).

Sobre a liturgia do culto, os crentes pentecostais geralmente se orgulham sobre os históricos afirmando, com um certo tom de deboche, que nos seus cultos é que existe verdadeira liberdade, pois “o vento sopra onde quer” (BÍBLIA, Jo 3.8), contrapondo-se à liturgia fixa e austera dos cultos da maioria absoluta dessas igrejas, acusando-as de serem frias espiritualmente por causa disso. A despeito desse fato, Albrecht (1999) apresenta seu sistema de divisão da liturgia pentecostal, definindo primeiro o que ele chama de “Ritos Fundamentais”, que, grosso modo, são as grandes seções que compõem o culto pentecostal; e os “Componentes Rituais”, onde ele tenta discriminar os elementos menores que preenchem os maiores, os Ritos.

Segundo ele, o culto nas igrejas pentecostais geralmente segue uma estrutura triádica, com três ritos principais: *adoração/louvor*, *mensagem pastoral* e *altar/resposta*. Embora haja alguma flexibilidade na realização desses ritos, eles geralmente seguem um padrão semelhante. No centro desses três ritos principais, bem como nos vários ritos menores que ocorrem dentro deles, está o desejo de um encontro com Deus, de vivenciarem uma experiência espiritual, de “sentirem a presença de Deus”, de receberem o “toque do Espírito”, sendo esse o centro do anseio religioso pentecostal.

Em um culto pentecostal clássico, geralmente o rito *adoração/louvor* acontece no início da celebração, quando a congregação se reúne para cantar

hinos e louvar a Deus, geralmente usando o seu hinário oficial. Isso não quer dizer que a música no culto fica restrita apenas a esse momento, pois um culto pentecostal é repleto de música, porém, ela fica distribuída em outros momentos, que é o caso dos corinhos que apresento nesse trabalho.

Seguindo o rito de *louvor/adoração* estão os ritos da *mensagem pastoral* e do *altar/resposta*. Esses dois ritos são interdependentes, pois a *mensagem pastoral* fornece o conteúdo para a resposta da congregação, e no rito *altar/resposta* a congregação fornece a confirmação da *mensagem pastoral*.

Dentro dos “Ritos Fundamentais” mencionados acima, Albrecht identifica elementos menores que complementam os primeiros na tarefa de conduzir o crente àquela experiência religiosa que está buscando. Ele os denomina de “Componentes Rituais de sustentação”, e considera que esses rituais funcionam como uma espécie de janelas ou portas que servem para conduzir o crente aos momentos de contemplação do divino, fazendo isso através de um tipo de “dinâmica icônica”, da mesma forma que acontecia com os cristãos nas igrejas durante a Idade Média. Albrecht, então, nomeia esses três rituais que funcionam como “Ícones Pentecostais”: *sons rituais*, *visões rituais* e *cinestésias rituais*.

Os *sons rituais* são aqueles associados à música do culto, bem como aqueles sons verbais, que podem ser tanto os brados de “Amém!” e “aleluia”, quanto o som coletivo das vozes num momento de oração mais fervorosa, assim como o do “falar e línguas”, ou os corinhos que apresento nesse trabalho. O som se constitui numa espécie de *ícone auditivo* que, “abraça os adoradores pentecostais de forma análoga à maneira como os ícones cercam visualmente os fiéis ortodoxos orientais em seus santuários” (ALBRECHT, 1999, p.143).

Nas *visões rituais* os ícones são de natureza visual, e podem ser a Bíblia, o púlpito, o pregador, o espaço do altar, os componentes tecnológicos (como os instrumentos musicais, equipamentos de som, telas e projeções, iluminação, por exemplo) assim como os outros crentes presentes, ou seja, tudo o que pode ser visto no ambiente de culto que remete de alguma forma à consciência da presença do divino. Esses elementos funcionam como ícones pois carregam conotações simbólicas que estimulam e conduzem os afetos religiosos dos

crentes no culto.

As *cinestésias rituais* se referem aos vários movimentos corporais que ocorrem durante o culto, como por exemplo o bater palmas, o saltar, dançar, o levantar as mãos; incluindo também outros movimentos do corpo que transmitam contrição, como o unir as mãos e o fechar dos olhos durante a oração, ou o estender delas em direção a alguém que esteja pedindo oração, as imposições de mãos; além daqueles que acontecem durante a chamada ao altar ou no convite, o ajoelhar-se, cair sob o “poder de Deus” etc.). Esses movimentos expressam fisicamente uma espiritualidade que coopera com aquilo que o crente acredita ser o que o Espírito está fazendo naquele momento do culto.

Esses dispositivos elaborados por Albrecht (1999) de discriminação de dos vários elementos do culto pentecostal em Ritos Fundamentais, Componentes Rituais de Sustentação, que por sua vez são compostos por elementos menores que conduzem a uma certa dinâmica icônica para influenciar e conduzir o crente à sua experiência espiritual, a uma experiência espiritual pessoal com o Espírito, que é onde acontece o clímax da experiência religiosa pentecostal, se constituindo dessa forma como o centro da fé pentecostal, como a materialização do *Ethos* pentecostal, serão muito importantes na próxima etapa desse trabalho, quando irei descrever os corinhos pentecostais e sua função no culto como um elemento distinto dos outros nessa dinâmica da adoração.

Capítulo 3

“Apodera-te, Apodera-te, Apodera-te de todo o meu ser!”

“E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados”.

Atos 2:2

3.1. De onde veio o ouvido do pesquisador

Havia momentos em que o som era alto. Havia momentos em que o som era mais alto ainda. E eram exatamente por esses momentos que todo mundo esperava. Eles eram sempre os mais esperados - os momentos em que o som alto chegava e enchia todos os espaços daquele lugar. Ele enchia a casa, os pensamentos, a garganta, os olhos, o coração, tudo. Para ouvi-lo vinham gentes de todos os lados, homens, mulheres, velhos e crianças.

Isso era numa cidadezinha do interior, na região do salgado paraense. Uma cidadezinha comum, de gente comum, sem muitos atrativos. Como muitas das cidades daquela região, havia duas entradas, dois lugares por onde se podia entrar: ou se chegava pelo rio ou pela estrada.

Quem chegava pelo rio, desembarcava num trapiche grande, que parecia de uma cidade grande: alto, de concreto, largo... era daqueles que em determinadas épocas, ficavam apertados por tantos barcos atracados, amontoados em tantas cores e tamanhos, que pra poder pular no rio tinha-se que ir se equilibrando por cima de pelo menos três deles antes de se jogar na água. Nas noites de lua os casais de namorados já não ficavam assim, amontoados. Havia um bom espaço. Espaço suficiente pra deixá-los à vontade ao longo do guarda-corpo feito de colunas magricelas, que tinham tamanho suficiente apenas para sustentar aquela única viga, também magricela, e que percorria toda sua borda. Agora percebo que aquele trapiche não era assim grande por causa do tamanho da cidade, mas por causa do tamanho do rio. Era enorme. Quem conhece a Bahia do Guajará, ou o Rio Guamá, se o visse, não o acharia tão grande, mas sabe bem do que estou falando quando digo que ele era grande.

Quem chegava por ali, ao sair do trapiche, já tinha que enfrentar uma ladeira bem íngreme, que se escondia atrás de um prédio velho e sujo, de dois pavimentos, que parecia mais uma grande caixa de feira cheia de entulho. Era um tipo de “mercado de carne” da cidade. E pra poder avançar pra qualquer outro lugar se tinha que rodeá-lo. Nesse prédio estavam os açougues, onde grandes bandas de boi ou de porco ficavam penduradas em escápulas, já meio enferrujadas, nos varais atrás do balcão. Atrás desse balcão também ficava o açougueiro, com a sua touca, luva, botas, um avental branco todo labreado de sangue coagulado, empunhando uma faca de açougueiro maior que seu antebraço, enquanto ia limpando aquelas enormes gurijubas, pescadas amarelas, filhotes, e jogando as vísceras num balde grande ao lado do balcão – ele já estava transbordando, mas ele parecia não se incomodar com isso. Na frente das calçadas do prédio, dentro de caixas e paneiros, sobre carroças ou dispostos no chão, ficavam os hortifruti - legumes, verduras, frutas, e as galinhas e patos vivos dentro de paneiros ou com os pés e asas amarrados, prontos pra serem levados.

Depois de rodear o mercado, ficava aquela ladeira curta... na verdade parecia mais uma espécie de “largo”, daqueles que ficam na frente das igrejas antigas, só que esse ficava na frente daquele mercado. Ao longo desse largo ficava um monte de portinhas de madeira abertas para o lado de fora, mirando quem passava por ali. Se não fosse pelas letras abertas com cores coloridas sobre os seus umbrais, não daria pra saber o que elas guardavam atrás de si, porque até a luz do sol parecia não ficar muito à vontade lá dentro, de tão lúgubres e apertadinhas que eram. “Mercadinho Soares”, “Macêdo Variedades”, “Empório das Redes”, “Armarinho Salmo 23”...

Havia sempre muito movimento, principalmente pela manhã. O som das pessoas conversando, eventualmente uma gargalhada debochada, seguido de um xingamento infame, o ronco do motor de uma kombi velha, a sineta de uma bicicleta, que ali havia aos montes. Mas todos esses sons desapareciam, ou melhor, deixavam de ser notados, pois ficavam em segundo plano por causa do “Sistema BRASILÂNDIA de Rádio e Comunicação!” – esse era o nome da “rádio cipó” que ficava pendurada nos postes do comércio. Ela ia até a praça da igreja e continuava por quase toda a rua principal - isso quer dizer que ela continuava

até bem próximo aos limites da cidade.

Rádio Brasilândia... Vou seguir esse mesmo caminho como “fio da meada” pra sair dessa *medina* e chegar ao lugar onde acontece o evento que quero mostrar.

Ao som de *Bésame mucho!*, naquela versão instrumental do *Ray Conniff*¹⁷, e depois de deixar aquela primeira ladeira pra trás, é necessário subir a próxima, que é ainda maior e mais íngreme que a anterior. Essa ladeira era tão íngreme que aquele que conseguia chegar lá em cima pedalando sem descer da bicicleta sempre recebia olhares de admiração de quem testemunhava tal proeza.

Passados uns cinquenta metros depois de vencido o desafio ciclístico na ladeira, dava pra enxergar “a praça” da cidade. Não tinha em si nada que mereça algum destaque. Nem o coreto dizia muita coisa – centralizado no meio de uma grande plataforma de cimento cru, e pintado de branco e azul, parecia um quiosque em formato de maloca. O que dava um tom especial àquele lugar era o que existia ao redor daquela praça: o rio e a Igreja de São Miguel Arcanjo. De um lado da praça estava o rio, visto agora de um lugar privilegiado, pois era o ponto mais alto da cidade - não sei dizer qual era a altura, mas era tão alto que parecia impossível descer pelo barranco até o rio. Atraindo toda atenção pra si, do lado oposto, ficava a igreja emergindo no meio daquela paisagem. Apesar de ser o maior prédio entre todos ali, ela era simples, em estilo colonial com um frontão triangular e duas torres sineiras, quase sem ornamentos. Do seu tamanho e simplicidade austera emanavam um ar de reverência solene que só a religião é capaz de provocar. Ela me faz lembrar do arpejo em Dó Maior que iniciava o Ave Maria de Schubert, que enchia todos os nossos fins de tarde, através da “BRASILÂNDIA”.

Ali, nessa região onde estavam a praça e a igreja, começava a rua principal da cidade. Descendo por ela junto com a “Rádio Brasilândia”, chegávamos ao seu principal cruzamento. Onde estavam a rodoviária – a cidade era um fim de linha, e só os ônibus da *Boa Esperança* chegavam até lá. De lá

¹⁷ Para ouvir use o link <https://www.youtube.com/watch?v=CBWnWiUZLt8>;

não podiam ir a qualquer outro lugar senão praquela de onde tinham vindo. Também ficava ali um galpão gigantesco, de paredes de reboco rústico, cobertas de restos de cartazes de políticos. Era um galpão da COBAL (Companhia Brasileira de Alimentação). Ele tomava um quarteirão inteiro de tão grande. Na calçada, bem no canto da rua que passava por trás da COBAL, ficava um carrinho de tacacá. Lá eu aprendi a gostar do som do bandolim. A música de encerramento das atividades do dia na BRASILÂNDIA era Pedacinhos do Céu, de Waldir Azevedo¹⁸.

3.2. Dentro do templo

Ali em frente, do outro lado da rua, ficava o prédio onde eu queria chegar. Era lá que existia o som que comecei a descrever mais acima. E eu morava ao lado, na “casa pastoral”¹⁹. Meu pai foi o pastor presidente da igreja que ficava naquela esquina durante quatro anos. A parede lateral da nossa casa distava no máximo uns cinco metros da parede lateral da igreja. Da nossa janela dava para ouvir e ver quase tudo o que acontecia lá dentro. Mas, apesar de o contrário não ser totalmente possível, esse tipo de visão gerava a sensação de que os dois ambientes eram quase a extensão um do outro.

Outra das implicações disso era que nós, eu e meus irmãos, tínhamos que participar de praticamente todas as atividades religiosas que aconteciam ali. Não tinha escapatória. Nas noites de segunda, “Culto de Doutrina”; nas de quarta, “Culto de Oração”; nos domingos havia culto pela manhã e também à noite. Minha vida era ali. Eu não reclamava. Nunca reclamei. Na verdade essa era realmente a minha vida. Vivia quase todas as outras coisas que qualquer criança dali vivia: além de ir pra escola, jogava bola na rua, tomava banho de igarapé, brincava de polícia-e-ladrão, bandeirinha, cemitério, pira-esconde, fazia minhas petecas com caroço de tucumã e jogava apostando carteira de cigarro, minhas próprias rabiolas e encerava meu carretel de linha etc. Os cultos faziam parte disso.

¹⁸ Para ouvir acesse o link <https://www.youtube.com/watch?v=jOw0HI5I4Yw>;

¹⁹ Por tradição, uma igreja local que fazia parte das Assembleias de Deus construía uma casa ao lado ou na parte de trás dos templos que serviam de moradia para o pastor presidente – o líder daquela igreja – enquanto ele estivesse exercendo aquele cargo, e esse imóvel era de propriedade da igreja local.

Meu pai, querendo que eu começasse a participar de uma forma mais ativa nas atividades, decidiu me obrigar a ter aulas de guitarra. No começo eu detestei a ideia e odiava ter que acordar cedo no sábado pela manhã pra ter as aulas – “Já não bastava ter que acordar cedo todo dia pra ir pra escola?” Mas me conformei, e com o tempo passei a gostar. Meu professor era um homem baixinho, com os cabelos *à la Roberto Carlos*, com um sorriso engraçado – apesar de ter no máximo quarenta anos, ele não tinha mais os quatro dentes superiores frontais, mas ele não parecia se incomodar nem um pouco com isso. Ele tocava bem. Acho até que ele devia ser um mestre de guitarrada antes de se converter. Na igreja ele era o líder do “conjunto eletrônico” – nas Assembleias de Deus, era assim que geralmente se chamava o grupo de instrumentistas que formava a banda base que fazia o acompanhamento da maioria dos cânticos na hora dos cultos. Na nossa igreja ele era composto por uma guitarra, um baixo e pela bateria. Tirando o guitarrista, que gostava de brincar fazendo contra-pontos com a guitarra, os outros músicos tocavam o só básico – mas faziam esse básico bem feito. Era gostoso de ouvi-los tocando. Aquele som dos instrumentos vindo dali de pertinho, de instrumentos de verdade. Isso era muito melhor do que ouvir as mesmas músicas na eletrola ou nas fitas K-7.

Além do “Conjunto Eletrônico”, aos domingos também estava a “Banda de Música”, um grupo de instrumentos de sopro que além de acompanharem os cânticos congregacionais, - músicas que todos os crentes cantavam juntos – eventualmente executavam números especiais, alguma música instrumental que eles ensaiavam antes. Esse tipo de performance da Banda de Música não era muito comum na nossa igreja, pois uma das características desse grupo era que eles tocavam as músicas que se cantavam no culto sem ensaio prévio, de improviso. O grupo funcionava como um tipo de Charanga, no final das contas, tocando como um dobrado. Era composto por dois ou três trompetes, trombones, clarinetas, uma tuba, um bumbo e um prato-de-mão.

Os cultos eram cheios, repletos de música. Havia música em todos os momentos da liturgia. Mas apesar disso não era para ouvir a música que todos se reuniam aos domingos naquele culto. A música era apenas parte do culto. O som dos instrumentos e da música compunham apenas parte do som do culto. Ele feito dos elementos que estavam separados ali para o culto, as pessoas nas

suas roupas de domingo, a disposição dos móveis, o próprio prédio em si, mais o som. Mas o principal era o som.

Ali sempre havia muito som, algum silêncio, mas sempre muito som.

Se incomodava com a altura do som só quem não era da casa. Quem não era dali. Esses, também eram sempre bem-vindos, mas eles nem sempre voltavam. Voltavam apenas aqueles que tinham os “ouvidos para ouvir”²⁰ *aquele* som, e de alguma forma, ao ouvirem o amavam, e por isso voltavam. Pois queriam ouvi-lo de novo, assim como os outros que já estavam ali desde antes.

Os dias quando aquele som vinha ficavam marcados na memória. Nesses dias, lá fora, sem demora e nem piedade, o tempo roía tudo em volta. Mas lá dentro ele não entrava, parecia que não existia. Era como se tudo se fizesse novo, como se a vida se refizesse, recomeçando de novo, e de novo, e de novo, permanentemente. Lá dentro essas noites sempre pareciam ser tão encolhidas... Quando abrandado aquele som, depois de ele ir embora, invariavelmente já eram altas horas.

Então, aqueles últimos sons já voltavam a parecer da terra novamente. Os sons se ouviam ali dentro agora eram apenas sons do tempo ordinário:

- A Paz do Senhor, irmão Gelme! Amanhã eu passo lá no seu açougue!

- Olha lá, irmão Ely. Vou lhe esperar. A Paz do Senhor, meu irmão!

Então todos voltávamos para casa, mas já não mais com a mesma canga que tínhamos trazido nos ombros. Ela parecia ter-se desfeito quando lavadas nas lágrimas que foram vertidas ali. É verdade que aquele som nem sempre vinha. Mesmo depois de todos juntos e de tudo feito às vezes ele não vinha. Só vinha quando queria. Naquela noite, os ombros caminhavam mais leves, apesar de aquele som não ter aparecido com o mesmo ímpeto de outras vezes.

Naquela época, em Maracanã, ser crente ainda era um estigma social. Apesar de não sofrermos mais o mesmo tipo de segregação violenta que eu ouvia minha mãe contar que os crentes passavam a duas décadas antes, ainda fui xingado uma vez ou outra pelos garotos da mesma faixa etária que eu, com

os mesmos bordões que outrora eram utilizados contra ela na sua infância: “Aleluia! Peixe no prato e farinha na cuia!”, e outros dizeres de baixo calão.

Na escola em que eu estudava, ser crente era uma daquelas características que nos distinguia dos outros: o gordo, o orelhudo, o careca, e o “crente” – no meu caso, o *pastorzinho*, por ser o filho do pastor. Mas de forma ordinária os crentes não eram reconhecidos por causa de alguma relação direta de parentesco como eu, mas sim pelas características peculiares que carregavam, como vestuário (principalmente as mulheres com suas saias e cabelos sempre compridos), vocabulário (“Misericórdia!”, “Sangue de Jesus!”, “A Paz do Senhor!”, etc.), assim como pelas coisas que eles não faziam: não fumavam e nem usavam bebidas alcoólicas, não dançavam, não iam ao cinema, nem à shows ou festas não religiosas, não falavam “palavrões”, defendiam a castidade até o casamento, em alguns lugares chegavam a não ir à praia, a não jogar futebol e nem a assistir televisão.

Apesar desse ascetismo rigoroso, principalmente aquele aplicado a aparência do crente, não serem impostos aos crentes preceitos, regras internas da instituição, mas como preceito bíblico, existiam sim documentos oficiais da igreja que listavam quais comportamentos, elementos de vestuário e aparência deveriam ser controlados e restringidos, sob pena de excomunhão da igreja, como atesta Souza (2017, pg. 688-691).

Esse rigor ascético acabava sendo o aspecto mais externo da vida dos assembleianos, e com isto quero dizer que essas características acabavam servindo como elementos distintivos que faziam diferença entre o crente assembleiano e o crente de uma denominação histórica, por exemplo. Porém essa rigidez de ascetismo existia em formas mais leves ou mais pesadas, dependendo da região do país que se estivesse observando.

Certa vez, vieram alguns jovens crentes assembleianos da capital para realizarem um trabalho voluntário de evangelismo junto com os jovens da nossa igreja. A chegada deles causou certo alvoroço por causa dos cabelos mais curtos e da maquiagem usada pelas jovens crentes que faziam parte da caravana²¹.

²¹ Essa era uma terminologia informal dada a grupos de crentes que eventualmente se deslocavam de sua igreja para uma outra afim de participarem ou promoverem algum evento

Mas a resistência se dissipou depois que todos se juntaram para orar e cantar juntos antes de realizar o trabalho para o qual tinham vindo. A devoção sincera demonstrada por esses jovens visitantes durante o serviço religioso foi suficiente para comprovar que tínhamos a mesma fé e fazíamos parte da mesma comunidade.

Mesmo entre as igrejas mais distantes havia mais pontos em comum do que diferenças entre elas. E aqui eu começo a falar sobre um aspecto que é o mais comum e característico entre as igrejas Assembleia de Deus, principal representante do pentecostalismo clássico, em qualquer lugar que seja: o som. Eita, povo barulhento!

O som das Assembleias de Deus sempre foi alto²². Ora soando de forma mais ordenada, ora caótica, mas sempre alto. Essa característica sonora sempre foi cultivada e valorizada como sendo fundamental e necessária para o ser assembleiano.

Quando dizemos que o som do culto pentecostal é alto, logo se pensa que a intensidade desse som tem a ver com a potência do equipamento de som sendo utilizada em volume máximo durante o culto. Apesar de isso também acontecer em boa parte dos cultos, não é do som dos microfones ou instrumentos musicais que estou falando. O som do clímax de um culto pentecostal vem essencialmente das vozes dos crentes, bradando expressões de louvor, palavras de súplica, gratidão, gemidos de choro e risos de alegria, e também das “línguas estranhas” num entusiasmo que beira o êxtase religioso. É esse tipo de clímax, de entusiasmo religioso, que liga o tempo presente, o do momento crítico do culto, com o evento do *carisma* do pentecoste.

A experiência pessoal do crente com esse som diferencia o culto pentecostal dos outros cultos cristãos evangélicos, e, estar presente nessas reuniões participando efetivamente da produção desse som, representa um tipo de elo sensível que liga a história pessoal desse crente com aquela manifestação divina do *carisma* no pentecoste, descrita no capítulo anterior. Esse som alto

religioso, na maior parte das vezes com objetivos ligados principalmente ao evangelismo – proselitismo.

²² Quando uso o termo “alto” em referência ao som, quero dizer forte.

representa o clímax de um culto pentecostal.

Particpei de muitos momentos como esse, quando o tempo cronológico deixava de ser percebido pelos crente que estavam ali presentes. Prova disso era que a reunião acabava sendo encerrada muito tempo depois do horário usual, chegando a se estender por horas. Usualmente os cultos noturnos na Assembleia de Deus tem como horário para término estabelecido as vinte e uma horas (21 horas), mas eu mesmo cheguei a participar de cultos que terminaram depois das vinte e três horas (23 horas). O horário de término do culto então variava dependendo da intensidade do êxtase que se estabelecia na reunião.

- “Hoje o culto foi uma bênção!”

- “É verdade. Fogo puro! Poder do alto!”

Essas expressões sempre aparecem nas conversas entre os fiéis após um culto onde o som pentecostal esteve presente. São expressões que carregam o mesmo significado: o som que eles esperavam esteve ali naquele culto.

As palavras “poder” e “fogo” fazem parte de um vocabulário próprio dos pentecostais, e têm muito peso dentro da cultura pentecostal, por isso são muito representativas nesse contexto. Elas ganham um significado próprio para quem faz parte dessa cultura e recebem um valor e significados importantes nesse universo. Isso se deve ao fato de estarem presentes e terem um papel fundamental na narrativa do carisma no livro dos Atos dos Apóstolos²³. Elas apontam para a ação divina sobre os crentes de forma sensível, como nos dias bíblicos. Apontam para uma intervenção concreta do Espírito Santo durante momentos de contrição coletiva ou individual. Para o crente pentecostal, o atestado dessa “intervenção concreta do Espírito Santo” é o entusiasmo próximo ao êxtase a que os crentes experimentam nesses momentos. Outras expressões que fazem alusão a essas experiências são “o mover do Espírito”, “o vento do Espírito”, “o rio de Deus”. Esses momentos são o centro da vida religiosa dos

²³ ...”mas recebereis **poder**, ao descer sobre vós o Espírito Santo” (BÍBLIA, At 1:8); “E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de **fogo**, e pousou uma sobre cada um deles”. (BÍBLIA, At 2:3)

pentecostais, e a sua expectativa é que esses momentos sejam tão frequentes quanto seja possível.

Num culto tipicamente pentecostal, e de um pentecostalismo clássico, quando “o fogo cai”, e o “Espírito é derramado” sobre os crentes, a música não é a protagonista. Apesar de ela ainda continuar presente, na maior parte das vezes na voz de um cantor solista ou do oficiante daquele culto, o foco da atenção de todos permanece sobre os sons das “línguas estranhas”²⁴ ou de alguma “profecia”²⁵, que porventura algum crente venha a proferir. Ainda assim ela continua sendo um elemento de culto essencial.

Agora é conveniente utilizar os dispositivos elaborados por Albrecht (1999) para descrever a liturgia desse culto pentecostal onde os meus corinhos estão localizados, pois eles nos ajudam a compreender como a liturgia pentecostal dispõe os seus elementos de maneira conduz o crente até a experiência a qual tanto busca.

3.3. Os corinhos na liturgia pentecostal

Por mais que os pentecostais, sejam eles pentecostais clássicos ou de segunda ou de terceira onda, afirmem uma certa rejeição ao conceito de liturgia no culto em nome da “total liberdade ao Espírito para que Ele haja como bem quiser”, basta observar com um pouco mais de cuidado para se perceber que por trás da sua espontaneidade espiritual há uma estrutura litúrgica agindo para a conduzi-lo à experiência que ele está buscando.

Como anteriormente a proposta de disposição litúrgica pentecostal desenvolvida por Daniel Albrecht (1999) já foi exposta, nesse espaço vou olhar

²⁴ Glossolalia – “uma manifestação religiosa na qual um crente no contexto da oração e tomado pelo êxtase, produz uma linguagem emocional, ritmada, silábica, quase melódica” (BAPTISTA, 1989, pg. 17). Na teologia pentecostal também é conhecida como “línguas estranhas” e “língua dos anjos”. É a experiência religiosa mais emblemática dos pentecostais por serem ela a evidência da contemporaneidade das manifestações espirituais do dia do carisma bíblico.

²⁵ Na tradição pentecostal a “profecia” nos cultos é descrita como um fenômeno onde um crente, que tenha recebido o “dom de profecia”, se levanta no meio da igreja e vocaliza em alta voz uma mensagem diretamente do próprio Deus através da sua boca. Normalmente ela se inicia com os dizeres “assim diz o Senhor”, ou “eis que vos digo”. Esta mensagem traz a orientação de Deus a detalhes específicos da vida dos crentes, gera muita edificação pessoal e traz aos momentos de adoração uma intensa consciência da presença de Deus.

para os elementos do culto pentecostal clássico, que parece ser o que melhor caracteriza os cultos onde os meus corinhos estão inscritos, sob a perspectiva de Albrecht com a finalidade de localizá-los dentro desse esquema.

Considerando que os três grandes blocos, que Albrecht denominou de Ritos Fundamentais sejam fixos e aconteçam na sequência em que ele os apresentou são compostos por elementos menores, que agem através de um tipo de “dinâmica icônica”, analogamente ao tipo de influência que os ícones medievais exerciam sobre a adoração dos cristãos daquela época, aqui irei descrever a dinâmica e elementos de um culto dominical típico do pentecostalismo clássico, e relacionar cada elemento descrito aos Rituais Fundamentais assim como aos ícones Rituais descritos por ele.

Colocando em primeiro plano os Ritos Fundamentais, toda a primeira parte do culto se encaixa no Rito Adoração/Louvor:

Depois que o pastor e demais oficiais tomam suas cadeiras, que ficam localizadas sobre a plataforma onde fica o púlpito, um deles vai à frente, toma o microfone e saúda os presentes chamando-os depois disso para ajoelharem-se e orar para dar início ao culto. Nesse lugar os oficiais permanecem durante todo o período do culto. Essa etapa dura tradicionalmente trinta minutos, e as orações são conduzidas por pelo menos três pessoas, que podem ser pastores auxiliares, ou presbíteros, ou na ausência destes um diácono ou auxiliar. Mas a pessoa que ora por último, encerrando esse período de oração, tradicionalmente é o pastor titular, mais conhecido como pastor presidente, daquela igreja. Depois do chamamento para a oração de joelhos, o tempo que os pastores e demais crentes levam para ajoelhar-se diante de seus bancos é preenchido por um corinho de contrição (*exemplo.*: “Nesta noite feliz, neste santo lugar / Eu marquei um encontro com Deus...”). Terminados os trinta minutos de oração de joelhos canta-se um outro corinho de contrição (*exemplo.*: “Toma, por favor, minha mão, oh, Senhor! / Contigo eu quero ir...”) – Os corinhos são geralmente acompanhados pelos instrumentistas do Conjunto Eletrônico, pois é mais fácil para esse tipo de formação reconhecer a tonalidade que o oficiante está cantando para poder acompanhá-lo adequadamente.

Em seguida, com todos os crentes já sentados em seus bancos, um dos

oficiais da igreja que está sobre a plataforma toma microfone e convoca a que todos abram seus hinários para cantar juntos. Nessa etapa são cantados tradicionalmente três hinos em sequência, com tempo entre eles suficiente apenas para anunciar qual será o próximo e encontrá-lo em seu hinário.

Em seguida, tradicionalmente, acontece a Leitura da Palavra. Onde um dos oficiais vai ao púlpito, convida a que todos fiquem de pé, em sinal de reverência à Palavra de Deus que será lida. Então ele anuncia qual o texto será lido, aguarda para que a audiência o encontre em suas Bíblias, e faz a leitura, bem articulada e compassadamente. Essa leitura pode acontecer de três maneiras: a) O oficiante lê todo o texto em sequência e sem pausa; b) O Oficiante pode ler o texto em sequência mas acompanhado pelas vozes dos crentes presentes, que leem junto com ele; c) Ou de maneira “responsiva”, que significa que ele lerá um versículo, em seguida a congregação lê o próximo, e essa dinâmica vai seguindo até o final da leitura do texto

Agora começa uma etapa onde cada elemento do culto não tem uma ordem fixa para acontecer, ou seja, em um domingo eles podem acontecer numa ordem diferente, porém apenas nessa etapa que encerra o Ritual Fundamental da Adoração/Louvor. Os elementos são: a) O ofertório: nesse momento o oficiante anuncia o que irá acontecer dando uma breve explicação sobre como as ofertas serão recolhidas. Esse momento é sempre acompanhado de música, que na maioria das vezes é executada por algum dos grupos que sempre estão presentes no culto (Coral, Banda de Música, Conjunto Eletrônico ou algum irmão que tem uma boa voz e esteja disponível e preparado para isso – normalmente essas apresentações musicais já foram combinadas entre o oficiante e o grupo musical ou com irmão que irá cantar momentos antes do culto começar); b) Boas-vindas aos visitantes: Aqui geralmente o oficiante apresenta à igreja aquelas pessoas que ele já sabe previamente que estão visitando a igreja, e também pergunta ao auditório se há outras pessoas que estão ali pela primeira vez. Então ele pede para que esses irmãos se ponham de pé e toda a igreja canta um Corinho de Ocasão enquanto alguns outros irmãos se encaminham até os visitantes para cumprimenta-los dando-lhes boas-vindas com um aperto de mão ou um abraço (*exemplo.*: Quão bom e quão maravilhoso é / que os irmãos vivam em união...); c) Testemunho: Geralmente esse momento acontece

apenas quando, antes que o culto comece, algum irmão venha pedir ao oficiante para contar à igreja sobre alguma bênção que tenha recebido. Muitas vezes um Corinho de Alegria e Vitória é cantado enquanto o irmão que contou sobre a bênção que recebeu termina sua participação (*exemplo.*: Que Jesus maravilhoso é este nosso / é este nosso / é este nosso!); d) Avisos: É o momento que o oficiante anuncia a agenda semanal das atividades da igreja, se haverá algum evento especial. Nesse caso, o corinho que se canta se adequa para dar ensejo ao próximo elemento do culto que irá acontecer.

Encerrado o Rito Adoração/Louvor o seguinte é bem menos complexo. O Rito Palavra Pastoral:

Nesse momento a pessoa que irá realizar a pregação é apresentada à congregação. Caso seja um pregador visitante, o oficiante o chama à frente faz uma breve apresentação das suas credenciais de pregador. Em seguida o oficiante convida a congregação a que se junte a ele para orar pedindo a Deus que abençoe o pregador naquele momento. Caso o pregador seja o pastor titular daquela congregação, excluía-se a parte da apresentação das suas credenciais mas a oração pelo pregador continuava.

Geralmente nessa etapa não há música.

No último Rito Fundamental, o Rito Altar/Resposta, é quando geralmente o crente desfruta da experiência espiritual que foi buscar naquele culto. Isso não quer dizer que durante os outros ritos ele esteja impossibilitado disso. Essa experiência não está restrita a nenhum dos ritos e pode acontecer durante qualquer um deles, principalmente em outros contextos pentecostais que não o do pentecostalismo clássico. Nas igrejas da terceira onda, principalmente as denominações que nasceram mais recentemente e que decidiram aderir ao modelo que usa o estilo musical conhecido como *Worship* no Rito Adoração/Louvor, assim como durante o Rito Mensagem Pastoral, os crentes são estimulados a buscar intensamente pela experiência espiritual durante qualquer um dos Ritos. Mas mais frequentemente os crentes desfrutam do entusiasmo espiritual durante o primeiro e último ritos.

O entendimento de que a presença de elementos concretos e simbólicos no culto pode conduzir a espiritualidade do crente de maneira análoga aquela

que os ícones medievais operavam sobre os cristãos da Idade Média nos ajuda a entender a dinâmica e distribuição desses elementos ao longo dos Ritos Fundamentais. Então acredito que essa capacidade de gerar um espaço simbólico onde o entusiasmo religioso, ou a experiência religiosa possa flutuar de um Rito para o outro durante o culto. Ou até mesmo que possibilite o crente a mergulhar nesse entusiasmo mais de uma vez no mesmo culto. Acredito que esse tipo de dinâmica é possível por causa de algumas combinações específicas entre ícones rituais específicos que proporcionam uma dinâmica icônica mais potencialmente eficiente do que outras. Além disso é importante considerar que esses Ícones Rituais, têm um corpo concreto mas agem apenas como meio material para um fluxo simbólico que busca desaguar na alma do crente. Porém esses corpos materiais podem ser receptáculo de conteúdos simbólicos distintos e diferentes para igrejas que pertencem a ondas diferentes, por exemplo. Uma parede preta com uma grande tela de *led* sobre um palco com iluminação colorida e multidirecional (*visões rituais*) pode elevar a alma de um crente pentecostal de alguma igreja que faz parte da terceira onda, e gerar repulsa a outro que pertença ao pentecostalismo clássico, provocando assim um efeito inverso. Um determinado hino da Harpa pode estimular afetos de um crente da Assembleia de Deus pra mais perto do entusiasmo espiritual (*Sons Rituais*) enquanto para um crente pentecostal da terceira onda pode gerar uma dispersão que o faça começar a se preocupar com problemas que estão fora daquele ambiente mesmo durante o Rito Adoração/Louvor ao invés de inspirar nele contrição.

Sobre os corinhos pentecostais não é difícil concluir que, no culto, eles assumem o papel de *Sons Rituais* dentro das relações icônicas dos Ritos Fundamentais, porém eles não parecem carregar consigo uma potência simbólica capaz de estimular os afetos religiosos do crente pentecostal com a mesma intensidade que o tem o *falar em línguas* do pregador (um outro *Som Ritual*) durante o clímax do Ritual Mensagem Pastoral.

3.4. O Elemento Ritual unificador

Ouso afirmar que os corinhos se constituem como elementos rituais que exercem uma função importantíssima nas relações icônicas nesse culto, atuando também como elemento unificador dentro da estrutura litúrgica do culto

pentecostal clássico. Nesse contexto, o corinho, na maior parte das vezes, serve como um elemento de transição entre os ritos menores que acontecem dentro dos Ritos Fundamentais no culto pentecostal, sem os quais, esses ritos menores estão passíveis de ir perdendo energia e deixando de se comunicar entre si.

Para entender melhor isso é preciso lembrar da descrição do Ritual Fundamental Adoração/Louvor de um culto pentecostal clássico que fiz mais acima: Aquelas pequenas etapas do rito (oração de joelhos, três hinos da Harpa, leitura de um texto bíblico avulso etc.) são tão delimitadas no tempo e na forma que sem os corinhos elas podem se encerrar em si mesmas. Então os corinhos acabam funcionando como um tipo de linha de costura entre as essas partes; como aquelas tábuas que se transformam uma ponte de madeira entre palafitas em uma baixada; Os corinhos então existem ali para injetar um tanto de ânimo no crente na transição entre aquelas etapas e sustentando a sua expectativa a respeito do clímax religioso que ele foi buscar e está aguardando – em um culto pentecostal clássico esse clímax geralmente é alcançado no rito Altar/Resposta.

Nos cultos das igrejas que vêm surgindo após a terceira onda, os corinhos passam a ser desnecessários porque neles quase não existem espaços vazios ou parados, pelo contrário, há tantos estímulos visuais, sonoros e cinestésicos que são suficientes para derramar rios de dopamina no meio da igreja. Na minha percepção a dinâmica entre esses elementos do culto não pode ser chamada de “icônica”, pois opera menos o símbolo e mais o estímulo sensorial. Enquanto o papel do ícone é envolver o crente num ambiente simbólico/religioso, tentando conduzir sua atenção para elevá-la a um estado de contemplação, o elemento estimulante apresenta um ponto de foco que oferece alívio emocional e fica o alimentando continuamente através de estímulos sensoriais que provocam descargas de dopamina, de prazer instantâneo, semelhante àquelas que se sente enquanto se coloca diante do *Instagram* ou *TikTok*.

Na próxima seção do trabalho os corinhos serão observados com uma lente de aumento num esforço de descrever sua forma material.

Capítulo 4

“Este culto vai ser maravilhoso Porque o Senhor vai derramar do seu Poder!”

Antes de lidar com as características próprias desse repertório, é necessário mostrar como cheguei à classificação dos corinhos que apresento aqui.

4.1. A Corinhologia

Há dois trabalhos que tratam dos corinhos como tema principal e que acabam sendo os trabalhos de referência para praticamente todos os outros que tangenciam o tema.

No primeiro, uma dissertação de mestrado, o autor faz uma abordagem de caráter pastoral sobre o uso dos corinhos nos cultos evangélicos. O segundo (LIMA, 1991), um texto em estilo ensaístico, faz um esforço para traçar uma “árvore genealógica” dos corinhos na igreja brasileira, inclusive traçando relações com repertórios das igrejas evangélicas americanas no final do século XIX. Neste ensaio o autor também busca compreender os usos dos corinhos nos cultos assim como as relações entre a letra das músicas, a tradição teológica protestante e o contexto social em que esses repertórios se estabeleceram.

Ao descrever as características musicais dos primeiros corinhos, que datam da década de 50, elas coincidem com as características dos corinhos pentecostais aqui coletados: as melodias simples e intuitivas; de curta duração; letras com linguagem coloquial; facilmente memorizáveis; e são bem ritmados, lembrando música popular (LIMA, 1991, pg. 77).

Sobre a autoria desses primeiros corinhos Lima (1991) afirma que, basicamente, eles foram compostos por missionários de organizações para-eclesiais norte-americanas que chegaram ao Brasil nesse período, e cujo trabalho enfatizava o público jovem, que acabava recebendo muito bem esse

repertório de caráter popular.

Um outro trabalho que aborda a questão da origem dos corinhos no Brasil é o livro *A explosão Gospel*, fruto da tese de doutoramento de Magali Cunha (2007). Ela aponta que os corinhos estruturaram a base que possibilitou o que ela chama de explosão da música gospel no Brasil. Porém Cunha estabelece uma dupla origem para os corinhos, e a primeira aponta justamente para as igrejas pentecostais. Segundo essa autora o grande crescimento do movimento pentecostal na primeira metade do século XX coincidiu com o êxodo rural que acontecia no mesmo período. As pessoas, então, que saíam da zona rural buscando uma vida melhor nas grandes cidades acabavam confluindo para igrejas pentecostais, que naturalmente contextualizaram suas práticas musicais a um novo público. A pesquisadora afirma que essa adaptação de repertório e gosto para um novo público causou o que ela chamou de “rompimento com a hinologia de tradição protestante” (CUNHA, 2007, pg. 69).

Porém, ao mesmo tempo que o Brasil testemunhava um deslocamento em massa de populações rurais para os centros urbanos, principalmente do nordeste, a primeira onda do movimento pentecostal se espalhava pelo Brasil, principalmente através do grande crescimento da igreja Assembleia de Deus, que acontecia na medida que ela avançava por toda a região Norte e Nordeste. Portanto a Assembleia de Deus crescia em número de adeptos tanto nas cidades quanto no interior.

Outro aspecto interessante de se notar é que os corinhos pentecostais não parecem ter causado um real rompimento com a hinologia de tradição protestante, pois ela ainda hoje continua presente nas Assembleias de Deus, principalmente através do seu hinário, a Harpa Cristã. Além do mais, os corinhos pentecostais não concorrem com os hinos por espaço dentro da liturgia como já foi dito em capítulo anterior.

Tanto Lima (1991) quanto Cunha (2007) utilizaram bastante espaço em seus trabalhos para descreverem os processos de influência e evolução que aqueles corinhos trazidos pelas organizações para-eclesiásticas tiveram sobre a música da igreja evangélica brasileira de forma geral, porém deixaram de observar que a forma e estrutura simples dos corinhos cantados no contexto

pentecostal daquele momento praticamente não sofreram mudança.

A ampliação e divulgação desse repertório pelo Brasil também era feita através dentro de seminários de preparação de novos pastores (como no Instituto Bíblico da Assembleia de Deus - IBAD, em Pindamonhangaba – SP), onde pequenos livrinhos, que continham novos e antigos corinhos, eram produzidos de forma bem artesanal com essa finalidade.

Eu consegui uma fotocópia de um desses livrinhos produzidos no IBAD. Datado de 1981, ele tem 131 corinhos. É composto de capa, contracapa, em seguida as letras dos corinhos, cada um com uma sugestão de tonalidade escrita acima do primeiro verso, no lugar onde normalmente é posto um título, e no final um índice que organizado em ordem alfabética contendo o primeiro verso de cada corinho.

Não reconheci pela letra a grande maioria desses corinhos, mas a configuração do texto de todos eles é coerente com aquela descrita por Lima (1991) sobre os corinhos da década de 50. Acredito que isso seja indício de que houve pouca variação na concepção daquilo que deveria ser um corinho próprio para ser cantado em um culto pentecostal.

Mas, sobre o corinho em si, o que é possível dizer sobre o som dessa música? O que ela diz enquanto palavra, enquanto texto? Como ela se apresenta enquanto forma? Quais são os valores e crenças da fé pentecostal assembleiana que são condensados em música dentro desse recorte espaço/temporal? O que torna essa música distinta das outras dentro do culto assembleiano? Essa parte do trabalho é um esforço para responder a essas perguntas.

4.2. O texto na análise

Sobre o tipo de análise a ser empregada neste trabalho, concordo com Magalhães, quando diz que:

Nenhum método é plenamente justificável, universal, nem tampouco pode ser estabelecido a priori. Ele é, isto sim, extraído de uma realidade confrontada pelo pesquisador e reflete suas necessidades frente a esse problema (MAGALHÃES, 1992. p 73).

Por isso decidi tomar como ponto de partida a conclusão que Ribeiro (2001) chegou depois de se debruçar sobre uma linha do tempo descritiva das tentativas de construção de um método de análise adequado às necessidades

da etnomusicologia:

Talvez esse seja o melhor ponto de partida, a tradição oral e o estudo da memória social, descobrindo quais elementos são fixos e quais são passíveis de alteração (o que Nettl chama de conteúdo e estilo). Partindo do pressuposto que o que se transmite é o que se ouve, o estudo da transmissão musical é essencial, destacando não só quais elementos são evidenciados pelo emissor, como principalmente quais elementos são apreendidos pelo receptor. (RIBEIRO, 2001. p 14)

Considerando que qualquer pessoa, que tenha um mínimo conhecimento sobre o sistema musical ocidental, ao ser exposto a esse repertório, reconhece facilmente se tratar de um gênero musical que pertence a um universo tonal de estrutura e forma extremamente simples, o modelo de transcrição prescritiva tradicional é perfeitamente adequado e suficiente para revelar os elementos musicais fixos nesse repertório, ou seja, para identificar e compreender quais as estruturas melódicas e formais (SCLIAR, 2002) mais comuns que podem ser apontadas como características neste repertório.

É necessário lembrar que os corinhos pentecostais compõem um gênero musical cujo principal plano sonoro é a voz. Com isso quero dizer que o acompanhamento instrumental do canto não constitui um elemento imprescindível na execução dos corinhos pentecostais, e que, da mesma forma, esse acompanhamento estava sempre sujeito às circunstâncias locais onde o culto ou reunião religiosa estava acontecendo, ou seja, caso nessa ocasião não houvesse instrumentista, cantava-se a *capella*; se houvesse algum instrumentista presente, sobre ele recaía a incumbência de acompanhar as músicas que seriam cantadas durante a reunião²⁶; se essa reunião fosse um culto de domingo onde a banda de música estava presente²⁷, a banda prontamente acompanhava o corinho improvisando com seus instrumentos como se fosse um *dobrado*. Um pouco mais a frente neste trabalho retomarei este aspecto da execução dos corinhos.

²⁶ Havia alguns instrumentos mais típicos para o acompanhamento das músicas nas reuniões religiosas quando havia apenas um instrumentista: violão ou acordeão ou pandeiro.

²⁷ A Banda de Música é uma pequena orquestra de metais que faz parte da tradição musical das Igrejas Assembleia de Deus que remonta seus primeiros anos de existência no Brasil. Há uma vasta produção de trabalhos acadêmicos que abordam os mais variados aspectos sob os quais esse tipo de formação instrumental pode ser abordado.

Considerando o corinho pentecostal como uma música de gênero fundamentalmente vocal, não é possível imaginar que se possa compreender os corinhos sem um olhar específico sobre o seu texto. Então nesta etapa do trabalho o texto dos corinhos será analisado em relação as temáticas religiosas mais comuns abordadas por eles. Dessa primeira análise resultou uma classificação temática que reuniu os corinhos pentecostais em grupos que tratavam do mesmo tema religioso sob uma designação adequada ao conteúdo do texto. Essa classificação foi baseada em um outro trabalho que tomou um caminho semelhante ao que estou tomando aqui.

Lima (1991) fez uma classificação temática dos cânticos mais populares nas igrejas evangélicas de sua época, e, como já foi dito anteriormente, também são conhecidos como corinhos. A essa classificação temática ele deu o nome de *corinhologia*, um termo que na verdade é uma alusão jocosa ao que é conhecido no meio acadêmico religioso como *hinologia*, que “é a ciência que estuda a *hinódia*²⁸ e se dedica, fundamentalmente, ao estudo dos textos desses hinos, considerando alguns aspectos musicais como forma e estilo” (DOLGHIE, 2006). Sobre esse termo ele mesmo escreve em nota de rodapé:

“Tomamos a liberdade de cunhar um neologismo para identificar o universo dos cânticos contemporâneos brasileiros de teor popular, ligados à tradição teológica da ortodoxia evangélica, bem como a experiência religiosa individualista” (LIMA, 1991, pg. 53)

No caso da *corinhologia* de Lima ela aparece em um ensaio publicado em uma revista teológica de caráter acadêmico que tinha circulação em seminários teológicos das igrejas protestantes históricas no Brasil (Boletim Teológico, publicado pela Fraternidade Teológica Latino-americana, seção Brasil), e dá a impressão de ter sido escrito para suprir uma necessidade sentida pelo autor de lançar um olhar mais analítico e crítico sobre as profundas transformações que naquela época já tinham se consolidado na música litúrgica, e conseqüentemente no culto da maior parte das igrejas evangélicas protestante.

Reconhecendo que esses corinhos já ocupavam um espaço considerável na liturgia da maioria das igrejas evangélicas no Brasil já na década de 80, ele traz essa nova nomenclatura como uma espécie de paródia, uma caricatura, em

²⁸ Define-se por *hinódia* toda produção musical de hinos do protestantismo, ou seja, o conjunto deles (DOLGHIE, 2006).

relação à tradição da hinódia protestante:

A expressão “*corinho*”, pelo próprio uso do diminutivo, quer demonstrar que ele é uma simplificação do simples; ou seja, dos coros, das canções mais populares até então usadas pela igreja. (LIMA, 1991, p. 55)

Apesar de o autor sempre lidar com esse repertório como sendo de uma classe inferior de música em comparação com a música litúrgica da tradição protestante, ao dar nomes às categorias desses corinhos, ele usa um vocabulário, de certa forma solene: Cânticos do monopólio do Espírito, Cânticos da guerra santa e Cânticos do andar de cima.

Porém, a *corinhologia* de Lima não teve ecos nem mesmo no meio acadêmico religioso. Sejam quais tenham sido as razões para isso, esse termo me parece muito adequado para o tipo de análise que proponho para os corinhos pentecostais. Para a finalidade deste trabalho vou me aproveitar do termo *corinhologia*, ajustando, porém, os nomes das categorias de Lima em terminologias mais adequadas às especificidades deste repertório distinto.

Para determinar quais seriam essas novas categorias me esforcei para identificar temas abordados no texto dos corinhos com temas que são recorrentes, e, por isso, importantes, na fala dos crentes e no culto pentecostal. E para nomeá-las tentei usar palavras que também são corriqueiras no vocabulário cotidiano dos crentes pentecostais.

Na minha *corinhologia pentecostal* proponho seis categorias ou tipos de corinhos: Corinhos de Exultação e Vitória, Corinhos de Poder, Corinhos de Quebrantamento, Corinhos de Ocasão e Corinhos do Porvir .

A seguir apresento alguns desses corinhos já dispostos na mesma ordem das categorias acima. A estrutura do texto que adotei nesta etapa do trabalho tem uma intensão puramente didática, com a finalidade de esclarecer aspectos sobre a música, texto e contexto no qual eles existem. Para cada uma das categorias de corinho apresento uma transcrição prescritiva para cada corinho que faz parte dessa coleção²⁹, e em seguida disponho o texto, a "letra" do

²⁹ A fidelidade dessas transcrições é tão precisa quanto permite um trabalho dessa natureza, afinal, os corinhos pentecostais aqui coletados são parte de um tipo de tradição oral que compõe a cultura religiosa da Assembleia de Deus. Então, apesar de haver pequenas diferenças

corinho, formatado no modelo de verso/estrofe poética. E, em seguida, num esforço interpretativo do conteúdo desses textos, através de uma abordagem estritamente doutrinária e religiosa, isto é, não literária, traço possíveis caminhos de interpretação desse conteúdo buscando entender tanto as crenças geradoras dessa música quanto suas implicações diretas na vida prática desses crentes, me utilizando, para isso, de bibliografia teológica tanto pentecostal quanto das doutrinas protestantes de tradição mais ortodoxa, construindo assim uma linha de pensamento que tenha pontos em comum nas duas tradições. O que me parece bastante razoável, já que os corinhos que são objeto desse estudo foram vivenciados num contexto conhecido no meio teológico cristão como pentecostalismo clássico, que é diferente dos neopentecostais e carismáticos.

Fiz isso considerando o que Alan Merriam (1964) salienta sobre a necessidade de uma atenção especial às mensagens transmitidas nas letras de uma música ou de um repertório quando discute de que maneiras a música é capaz de expandir o entendimento de outros processos comportamentais humanos mais amplos. Ele argumenta que o texto, que no nosso caso é a letra dessas músicas, se constitui num componente crítico para a compreensão de seus significados. Ele também sustenta que uma das maneiras mais evidentes de entender o comportamento humano relacionado à música é por meio do texto que ela carrega. Ele esclarece que, embora os textos sejam comportamentais linguísticos e não musicais, são uma parte fundamental da música. Há demonstrações inequívocas de que a linguagem empregada na música difere da usada no discurso comum. (MERRIAM, apud BONILHA, 2019).

Ao final de cada seção destaco alguns pontos sobre os contornos musicais característicos dos corinhos dessa categoria; falo sobre o seu lugar na liturgia do culto e levanto hipóteses sobre os possíveis efeitos desses corinhos sobre os afetos desse crente.

melódicas e de texto entre os mesmos corinhos coletados em diferentes momentos da pesquisa, essas variações não alteram estrutura e nem o caráter desses corinhos.

4.3. Corinhos de Júbilo

Separei esses corinhos em uma categoria que chamei de **Corinhos de Júbilo**, afinal, essa palavra não expressa somente um estado de alegria, que pode ser uma condição apenas interna da pessoa, mas “exultação” exprime o estado aparente da pessoa tomada de alegria, cuja etimologia vem do latim *exulto*, + *are*, saltar, pular, estar possuído de um sentimento; manifestar grande contentamento (HOUAISS, 2009).

Corinho de júbilo 1 – A alegria do Senhor é nossa força.

A_a-le - gri-a do Se-nhor é_a nos-sa for - ça, é! A_a-le - gri-a do Se-nhor é_a nos-sa
 5 for - ça, é! A_a-le - gri-a do Se-nhor é_a nos-sa for - ça, é! A-le - gri-a sem me-di-da E-le
 9 dá! Se tu tens a-le-gri-a po-de - rás can - tar! Se tu tens a le-gri-a po-de - rás can - tar! Se
 14 tu tens a - le - gri - a po - de - rás can - tar! A-le - gri - a sem me - di - da E - le

A alegria do Senhor é nossa força, é! (3x)
 Alegria sem medida Ele dá!

Se tu tens alegria poderás cantar! (3x)
 Alegria sem medida Ele dá!

Esse corinho aponta para o evento onde Neemias, o líder dos judeus que voltaram do exílio na Babilônia, encoraja o povo a se alegrar no Senhor, depois de ouvirem a leitura e a explicação da Lei de Deus. Ele diz:

“Disse-lhes mais: Ide, e comei as gorduras, e bebei as doçuras, e enviai porções aos que não têm nada preparado para si; porque este dia é consagrado ao nosso Senhor; portanto, não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa força.” (BÍBLIA, Nm 8:10)

Assim ele enfatiza que somente a verdadeira alegria que vem de Deus fortalece o seu povo, mesmo diante das dificuldades e dos desafios da vida. A

alegria do Senhor nos dá uma esperança e uma confiança que superam as tristezas e os problemas do mundo.

Corinho de júbilo 2 – Nunca esquecerei o que Deus fez por mim.

Ó, ó, ó, ó, nun-ca_es-que-ce-rei! Ó, ó, ó, ó, nun-ca_es-que-ce-rei!

5 Ó, ó, ó, ó, nun-ca_es-que-ce-rei! Eu nun-ca_es-que-ce-rei o que Deus fez por mim! Li-

9 vrou-me da mor-te, do mun-do e do mal! Nun-ca es-que-ce-rei! Li - vrou-me da mor-te do mun-do e do mal!

12 Nun-ca_es-que-ce-rei! Li - vrou-me da mor - te, do mun - do e do mal! Nun-ca es-que-ce-rei! Eu

15 nun-ca_es-que - ce - rei o que Deus fez por mim!

Ó, nunca esquecerei! (3x)
Eu nunca esquecerei o que Deus fez por mim!

Livrou-me da morte, do mundo e do mal! Nunca esquecerei (3x)
Eu nunca esquecerei o que Deus fez por mim!

O Corinho de Júbilo 2 fala de um estado de alma cuja plenitude de paz provoca no crente tal prazer e alegria que resulta nesse testemunho incontido do qual o corinho fala. Esse texto poderia estar muito bem na boca daquele ex-leproso, no episódio em que Jesus havia curado dez leprosos que o encontraram em uma aldeia, porém apenas um deles, um samaritano, volta para agradecer a Jesus e louvar a Deus (BÍBLIA, Lc 17:11-19).

Corinho de júbilo 3 – A tua Graça é melhor que a vida.

A tu-a gra - ça é me-lhor que a vi - da! A tu-a gra - ça é me-lhor que a

5 vi - da! Meus lá-bios te lou-vam e_as-sim ben-di - rei. _ Em teu no-me mi-nhas mãos le-van-ta - rei.

A tua graça é melhor que a vida! (2x)
 Meus lábios te louvam e assim bendirei.
 Em teu nome minhas mãos levantarei!

A primeira frase foi tirada de um versículo do livro de Salmos, capítulo 63, versículo 3¹. Nesse trecho, o rei Davi expressa o seu amor e a sua gratidão a Deus, dizendo: “Porque a tua graça é melhor do que a vida; os meus lábios te louvam” (BÍBLIA, SI 63:3). Dessa forma ele afirma que a bondade e a misericórdia de Deus são mais preciosas do que tudo o que a vida pode oferecer, e que a melhor resposta é louvar a Deus com os lábios e com o coração.

Corinho de júbilo 4 – Desde o dia em que aceitei Jesus.

The musical score is written in G major (one sharp) and common time (C). It consists of four staves of music with lyrics underneath. The first staff starts with a treble clef and a common time signature. The second staff begins with a measure rest, followed by a first ending bracket (1.) and a second ending bracket (2.). The third and fourth staves continue the melody. The lyrics are: "Des - de_o di - a em que_a - cei - tei Je - sus a mi - nha vi - da se trans - for - mou. Des-de_o mou. A - go - ra eu sou fe - liz, a - go-ra_eu vi - vo bem, Je - sus sal - vou a mim e sal - va_a ti tam - bém. A - go-ra_eu sou fe - liz, a - go-ra_eu vi - vo bem, com Je - sus e mais nin - guém."

Desde o dia em que aceitei Jesus a minha vida se transformou. (2x)
 Agora eu sou feliz, agora eu vivo bem,
 Jesus salvou a mim e salva a ti também.
 Agora eu sou feliz, agora eu vivo bem,
 Com Jesus e mais ninguém.

Esse corinho também é um cântico de gratidão, mas agora citando especificamente o momento da "conversão" do crente, enfatizando os benefícios

recebidos de Deus nessa vida nova³⁰, que agora é cheia de felicidade e bem-viver. O ponto final é uma prática da doutrina da suficiência de Cristo, tanto para a salvação do crente quanto para a plenitude da vida comum³¹.

Corinho de júbilo 5 – A minh'alma está cheia de paz.

A mi-nh'al-ma es-tá chei-a de paz. A mi-nh'al-ma es-tá chei-a de paz. Te-nho

go - zo em vi-ver, a - le - gri - a em di - zer que a mi - nh'al - ma es - tá chei - a de paz.

A minh'alma está cheia de paz! (2x)
 Tenho gozo em viver, alegria em dizer
 Que a minh'alma está cheia de paz!

Aqui o corinho fala de um estado de alma cuja plenitude de paz provoca no crente tal prazer e alegria que resulta nesse testemunho incontido. Talvez uma alusão ao que o apóstolo Paulo ensina à igreja em Filipos; "E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus" (BÍBLIA, Fp 4.7).

³⁰ Na doutrina cristã protestante a palavra conversão se refere a mudança radical de direção da vida de uma pessoa quando se torna cristã. É o momento que marca um total recomeço, de tal forma que é também chamado de "novo nascimento", em referência ao Cristo ensina como necessário para se receber a salvação dos pecados e uma nova natureza (BÍBLIA, Jo 3:5-7).

³¹ A doutrina cristã protestante a qual afirma serem a fé e a comunhão com Cristo totalmente necessárias e suficientes para satisfazer plenamente todas as necessidades físicas e espirituais do ser humano. A centralidade de Cristo em todos os aspectos da vida humana é, portanto, um dos principais fundamentos da fé protestante. (ROCHA, 2018)

Corinho de júbilo 6 – É isto que me faz cantar.

É is - to que me faz can - tar! É is - to que me faz can - tar! É
Ao mun-do vou a - nun - ci - ar! Ao mun-do vou a - nun - ci - ar! Ao

6
is - to que me faz can - tar! É is - to que me faz can - tar! Dos
mun-do vou a - nun - ci - ar! Ao mun-do vou a - nun - ci - ar que

10
meus pe - ca - dos li - vre es - tou e pa - ra o céu eu vou! É is - to que me faz can - tar!
Cris - to sal - va o po - bre pe - ca - dor com seu a - mor. _____

É isto que me faz cantar (4x)
 Dos meus pecados livre estou e para o céu eu vou!
 É isto que me faz cantar!

ao mundo vou anunciar (4x)
 Que Cristo salva o pobre pecador com seu amor!
 É isto que me faz cantar!

No sexto exemplo representativo dessa primeira categoria o crente, ao cantar esse corinho, expõe o motivo que o leva tanto a cantar quanto a falar publicamente sobre a sua fé: o fato de que a purificação dos seus pecados e a salvação do inferno foi efetuada por Cristo através do seu amor e que também se estende a outros que, semelhantemente, se percebam como pecadores necessitados³².

³² Mais uma alusão à doutrina da suficiência de Cristo.

Corinho de júbilo 7 – Essa alegria não vai mais.

Es-sa a-le - gri-a não vai mais sa - ir! Es-sa a-le - gri-a não vai mais sa -

5 ir! Es-sa a-le - gri-a não vai mais sa - ir de den-tro do meu co - ra -

9 ção! O fo-go cai, o fo-go cai! O sal-vo em Cris-to sa-be pa-ra on-de

13 vai! O fo-go cai, o fo-go cai! O sal-vo em Cris-to sa-be pa-ra on-de vai!

Essa alegria não vai mais sair (3x)
 De dentro do meu coração!
 O fogo cai, o fogo cai!
 O salvo em Cristo sabe para onde vai!

Neste exemplo temos uma relação traçada entre a alegria interior experimentada pelo crente e o "fogo" que cai. Essa é uma clara alusão ao evento bíblico do carisma no Pentecoste descrito no livro dos Atos dos Apóstolos, no Novo Testamento, e que caracteriza a experiência pessoal do crente pentecostal. A afirmação da perenidade dessa alegria e da sua relação com a vinda desse "fogo", que representa o Espírito Santo e seu carisma, talvez se justifique pelo fato de o crente pentecostal sentir-se marcado permanentemente pelo contato com o "fogo", como no caso de uma cicatriz de queimadura.

Corinho de júbilo 8 – Que alegria! Chegou o Pentecoste!.

Que a - le - gri - a, che - gou o Pen - te - cos - te! Um po - vo for - te re - ves - ti - do de po -

5 der. Se a - las - tran - do com i - ní - cio a - qui no nor - te. A o - bra é

8 for - te nin - guém po - de com - ba - ter. Não há do - en - ça que a - guen - te. De -

12 mô - nios têm que sa - ir. É fo - go san - to quei - man - do a - té a I - gre - ja su -

17 bir. Não há do - en - ça que a - guen - te. De - mô - nios têm que sa - ir. É

22 fo - go san - to quei - man - do a - té a I - gre - ja su - bir.

Que alegria, chegou o Pentecoste!
 Um povo forte revestido de poder.
 Se alastrando com o início aqui no norte.
 A obra é forte, ninguém pode combater.

Não há tristeza que aguarde.
 Demônios têm que sair.
 É fogo santo queimando
 Até a igreja subir.

Agora este corinho de júbilo faz o crente pentecostal se lembrar daquela que é a sua característica distintiva no meio cristão evangélico, a experiência pentecostal, e do início da propagação dessa fé no Brasil partindo do norte, mais especificamente de Belém do Pará. A segunda parte do corinho enfatiza a intensidade dessa experiência que resulta na dissipação de qualquer tristeza e consequente fuga de espíritos que operam maldades, os demônios, e de ser essa alegria permanente até a segunda vinda de Cristo, momento em que a bíblia descreve deverá haver encontro sobrenatural nos ares entre todos os

crentes do presente e do passado, vivos e mortos, com o próprio Cristo, marcando o fim desta era presente³³.

Quanto à música, aos contornos musicais dos corinhos dessa seção, eles obedecem, todos, ao mesmo formato:

1. Estão em modo maior;
2. São todos compostos em estilo de “marcha”.
3. São todos executados em andamento ***Moderato***.
4. Quanto à forma também são muito simples, com estrutura **AA'** ou **AB**.

Não há qualquer tipo de sofisticação melódica ou rítmica nesses corinhos, sendo por isso muito fáceis de cantar e memorizar. Essa combinação entre a alegria da mensagem e o caráter festivo da música parece ter a intensão de, através da sua relação icônica com os outros elementos rituais do culto, envolver o crente num senso de leveza e alegria. Pois a letra o faz pensar no motivo dessa alegria ao mesmo tempo que é afetado pelo som festivo desses corinhos.

4.4. Corinhos de Quebrantamento

Estes são alguns exemplos do que chamei de **Corinhos de Quebrantamento**. Essa palavra faz parte do vocabulário comum do crente pentecostal. O uso bíblico mais famoso dessa palavra está no Salmo 51, versículo 17, que diz : *“Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás”*. Esse é um salmo de arrependimento de Davi, depois que ele cometeu adultério com a mulher de um dos homens de confiança e, em seguida, manda matá-lo para que ele não descobrisse que ela estava grávida de um filho seu. Nesse salmo, Davi reconhece sua culpa e pede perdão a Deus, oferecendo-lhe um espírito quebrantado e contrito como sacrifício. Nesse contexto ela aponta para uma necessidade da ação divina para que o crente assuma uma disposição interior de verdadeira humildade e devoção, por isso, de forma geral, eles sempre apresentam esse tipo de pedido à Deus.

³³ "Depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor" (BÍBLIA, 1 Ts 4:17).

Corinho de quebrantamento 1 – Nesta noite feliz

Nes - ta noi - te fe - liz, nes - te san - to lu - gar, eu mar -

6
quei um en - con - tro com Deus. Seu a - mor é re - al, su - a

12
paz go - za - rei. Eu mar - quei um en - con - tro com Deus.

Nesta noite feliz, neste santo lugar,
Eu marquei um encontro com Deus.
Seu amor é real, sua paz gozarei.
Eu marquei um encontro com Deus.

Este primeiro corinho conduz o crente à um ambiente de contrição propício à oração ou culto, como sendo o lugar adequado para desfrutar dos benefícios espirituais prometidos para vida cristã.

Corinho de quebrantamento 2 – Basta que me toques, Senhor

Bas - ta que me to - ques, Se - nhor pra mí - nh'al - ma can - sa - da ven -

7
cer. Se a noi - teles - cu - rales - tá Tu - a mão me gui - a - rá.

13
Bas - ta que me to - ques, Se - nhor.

Basta que me toques, Senhor,
Pra minh'alma cansada vencer.
Se a noite escura está, tua mão me guiará.
Basta que me toques, Senhor.

O segundo aponta para uma experiência espiritual durante os momentos de oração através da qual o crente recebe alívio do cansaço advindo das suas agruras particulares. Uma provável alusão ao episódio onde uma mulher que lutava contra uma doença que a tornava uma excluída, força passagem no meio de uma multidão, com a certeza de que “se eu tão-somente tocar na sua roupa, ficarei curada” (BÍBLIA, Mt 9:21).

Corinho de quebrantamento 3 – Toma, por favor, minha mão, ó Senhor!

To - ma, por fa - vor, mi - nha mão, ó Se - nhor! Con - ti - go eu que - ro ir! Com
 6 san - gue a - qui pa - gas - te por mim, ho - je eu te que - ro ser - vir. A -
 10 ne - lo po - der os ma - les ven - cer e em san - ti - da - de vi - ver. To -
 14 ma, por fa - vor, mi - nha mão, ó Se - nhor! Con - ti - go eu que - ro ir!

Toma, por favor, minha mão, ó Senhor! Contigo eu quero ir!
 Com sangue aqui pagaste por mim. Hoje eu te quero servir.
 Anelo poder os males vencer e em santidade viver.
 Toma, por favor, minha mão, ó Senhor! Contigo eu quero ir!

O clamor do terceiro corinho exprime uma total necessidade da ajuda divina para satisfação dos afetos religiosos do crente na vida cotidiana. Existem muitos versículos na Bíblia que falam sobre a mão de Deus, que é um símbolo do seu poder, da sua proteção e da sua graça. Deus oferece a sua mão para ajudar aqueles que o invocam, que confiam nele. Aqui apenas um exemplo no Antigo Testamento e outro no Novo Testamento:

“Ainda que caia, não ficará prostrado, pois o SENHOR o sustém com a sua mão” (BÍBLIA, Sl 37:24); “E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatar-las da mão de meu Pai” (BÍBLIA, Jo 10:28-29).

Corinho de quebrantamento 4 – Serei fiel ao meu Jesus.

Se-rei fi - el ao meu Je - sus, se-rei fi - el. — Se-rei fi -

6 el ao meu Je - sus, se-rei fi - el. Há_u-ma car - rei - ra pa-ra cor - rer, há_u-ma vi-

12 tó - ria pa - ra al - can - çar em ca - da di - a. Ao meu Je - sus se-rei fi - el. —

Serei fiel ao meu Jesus, serei fiel. (2x)
 Há uma carreira para correr, há uma vitória para alcançar.
 Em cada dia ao meu Jesus serei fiel.

Neste corinho encontramos uma promessa de fidelidade feita à Jesus. Essa fidelidade refere-se à dedicação diária e constante do crente para não ceder à tentação de afastar-se dele. Pois, tanto no Novo quanto no Antigo Testamento, os escritores bíblicos equivalem o ceder às tentações, à atitude de uma esposa que trai seu marido. Essa figura que descreve o povo de Deus, como sendo uma noiva ou esposa, e Deus como sendo seu noivo ou marido, é muito recorrente em toda a Bíblia. Então cantar esse corinho como uma promessa, além de reafirmar um compromisso de fidelidade pessoal com o Deus cristão, também sedimenta um elemento de identidade pessoal em quem o canta, alimentando um senso de pertencimento tanto coletivo quanto pessoal, pois enquanto membro de uma congregação ele é uma parte dessa noiva/igreja que canta fidelidade diária ao seu noivo/Cristo, ao mesmo tempo em que enfatiza o aspecto do seu relacionamento pessoal com a divindade.

“E acontecerá naquele dia, diz o SENHOR, que me chamarás: Meu marido e não me chamarás mais: Meu Baal” (BÍBLIA, Os 2.16); “Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível (BÍBLIA, Ef 5:25-27).

Corinho de quebrantamento 5 – Eu quero ser, Senhor, como um vaso novo.

Eu que - ro ser, Se - nhor a - ma - do, co - mo um
 6 va - so nas mãos do o - lei - ro. Que - bra mi - nha vi - da
 11 e fa - ze a de no - vo. Eu que - ro ser, eu que - ro
 16 ser, Se - nhor, um va - so no - vo.

Eu quero ser, Senhor amado,
 Como um vaso nas mãos do oleiro
 Quebra minha vida e faze-a de novo.
 Eu quero ser, eu quer ser, Senhor,
 Um vaso novo.

Este corinho lembra um episódio descrito no livro do profeta Jeremias, no Antigo Testamento, onde Deus conduz o profeta até uma olaria para observar o trabalho de feitura dos vasos, quando, ao encontrar uma falha em sua obra, ele desfaz o vaso e recomeça o trabalho³⁴. Porém, enquanto no texto a que o corinho faz alusão, Deus usa essa figura para alertar os israelitas sobre a justiça divina que viria sobre eles caso permanecessem pecando, quando o crente canta esse corinho, ele o faz reconhecendo sua necessidade de uma intervenção divina para que haja uma mudança interior em relação ao seu próprio estado de impureza.

³⁴ "Palavra do Senhor que veio a Jeremias, dizendo: Dispõe-te, e desce à casa do oleiro, e lá ouvirás as minhas palavras. Desci à casa do oleiro, e eis que ele estava entregue à sua obra sobre as rodas. Como o vaso que o oleiro fazia de barro se lhe estragou na mão, tornou a fazer dele outro vaso, segundo bem lhe pareceu. Então, veio a mim a palavra do Senhor: Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? — diz o Senhor; eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel." (BÍBLIA, Jr 18.1-6)

Corinho de quebrantamento 6 – Clama a mim e responder-te-ei.

Cla - ma a mim e res-pon-der - te - ei, e a - nun - ci - ar - te - ei coi - sas

5 gran - des. Cla - ma a gran - des que não sa - bes, que não sa - bes, que não

9 sa - bes mas que Eu te mos - tra - rei. Que não sa - bes mas que Eu te mos - tra - rei.

Clama a mim e responder-te-ei e anunciar-te-ei coisas grandes (2x)
Que não sabes, que não sabes, que não sabes mas que Eu te mostrarei
(2x)

Neste há também uma citação do profeta Jeremias que reforça a fé e a expectativa do crente pentecostal de ter uma experiência espiritual de mesma natureza daquelas vivenciadas pelos profetas do Antigo e do Novo Testamentos enquanto ora. Ele Mostra que mostra que Deus está disposto a revelar ao seu servo coisas maravilhosas e misteriosas, que ele não conhece. Deus fala isso a Jeremias quando ele está preso no pátio da guarda, por ter profetizado contra o rei Zedequias e a cidade de Jerusalém, que estavam prestes a serem invadidos pelos babilônios. Mesmo em meio à angústia e à tribulação, Jeremias podia confiar que Deus o ouviria e o instruiria. “Clama a mim, e responder-te-ei, e anunciar-te-ei coisas grandes e firmes, que não sabes”. (BÍBLIA, Jr 33:3).

O lugar dos dois próximos corinhos de quebrantamento é bem específico: ficam no Rito Fundamental Altar/Resposta, sendo cantados exatamente durante o momento do Convite, também conhecido como momento do Apelo. Ele acontece como um tipo de encerramento, de conclusão da pregação. O convite, ou apelo, consiste em o pregador aplicar o conteúdo da pregação às necessidades pessoais dos presentes, chamando os pecadores ao arrependimento, oferecendo a salvação das suas almas e um recomeço num novo tipo de vida. Durante o apelo essas pessoas são encorajadas a se dirigirem à frente da congregação para receberem oração. Esse evento é conhecido entre a maioria dos cristãos evangélicos como o "aceitar a Jesus", que significa tornar-

se um crente em Jesus. No momento do convite as pessoas entoam esses corinhos com uma voz contida, sem a mesma euforia com que cantam os demais corinhos. Esse ambiente sonoro acaba servindo como uma espécie de trilha sonora para a fala final do pregador, criando assim uma atmosfera de meditação e contrição.

Corinho de quebrantamento 7 - Eu venho como estou.

Eu ve - nho co - mo_es - tou! Eu ve - nho co - mo_es - tou!

9 Por - que Je - sus__ por mim mor - reu, eu ve - nho co - mo_es - tou!

Eu venho como estou! (2x)
Porque Jesus por mim morreu, eu venho como estou!

Apesar de serem utilizados no culto com a mesma função dos corinhos, são na verdade, excertos, trechos de hinos consagrados de compositores americanos. O primeiro foi composto por Ira David Sankey (1840 - 1908) com letra de Eliza H. Hamilton (1888 - ?). Ele já foi publicado em uma versão em português feita por Sarah Poulton Kalley (1825 - 1907) em alguns hinários, como no Hinário Novo Cântico, da Igreja Presbiteriana do Brasil, sob o no de "Sinceridade" (BRAGA, 2017).

Da mesma forma o próximo também foi publicado no esmo hinário. A autoria é de Will Lamartine Thompson (1847 - 1909), com versão em português feita por Francisco Caetano Borges da Silva em 1898. Este último faz uma alusão a um sermão de Jesus descrito no evangelho segundo São Mateus, no capítulo 11, onde Ele diz: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma" (BÍBLIA, Mt 11:28-29).

Corinho de quebrantamento 8 - Manso e suave.

Man - so e su - a - ve, Je - sus con - vi - dan - do. Cha - ma por ti e por mim.

8
Eis que E - le à por - ta te es - pe - ra ve - lan - do. Cha - ma: "Ó, pe - ca - dor,

15
vem! Vem já! Vem, já! Al - ma can - sa - da, vem

23
já! Man - so e su - a - ve, Je - sus con - vi - dan - do. Cha - ma: "Ó,

30
pe - ca - dor, Vem!

Manso e suave, Jesus convidando. Chama por ti e por mim.
Eis que Ele à porta te espera velando. Chama: "Ó, pecador, vem!
Vem já! Vem já! Alma cansada, vem já!"
Manso e suave, Jesus convidando. Chama: "Ó, pecador, vem!."

Quanto à música, aos contornos musicais dos corinhos dessa seção, eles obedecem a um mesmo modelo:

1. Eles também estão em modo maior;
2. Diferentemente dos anteriores, estes as melodias apresentam contornos um pouco mais sofisticados, abrindo possibilidades para uma harmonia mais rica. O desenho melódico também se desenvolve de maneira que conduz o cantor a um clímax melódico, mesmo numa frase pequena, seguindo a mesma lógica de crescimento de intensidade que existe nos versos do texto;
3. Os quatro primeiros corinhos dessa seção e os dois últimos, estão estruturados em compasso ternário, o que pode transmitir uma sensação de embalo e aconchego.
4. Quanto à forma também são muito simples, com estrutura **AA'** ou **AB**.

O desenho melódico dos corinhos dessa seção apresentam pequenas progressões melódicas, porém, de forma suave, e está ligado a um conteúdo de contrição. Esses corinhos geralmente marcam o início ou término de momentos de oração, e são conjugadas de tal forma para preparar os afetos do crente até o Rito Fundamental altar/resposta, onde serão estimulados de forma mais elaborada.

4.5. Corinhos de Poder

Os **Corinhos de Poder**, eram os corinhos que enfatizavam a busca pela experiência religiosa mais característica do pentecostalismo: o receber, ou o ser cheio do poder do Espírito Santo, sendo esse um dos principais elementos distintivos entre os crentes pentecostais das outras tradições protestantes. Para o pentecostal esse é o momento em que o crente recebe uma capacitação divina para falar em línguas estranhas, para testemunhar, para orar pela cura de pessoas enfermas, para enfrentar as provações e tentações³⁵.

³⁵ No trabalho de Ricci (2007), as funções religiosas, simbólicas e sociais, são discutidas de forma mais pormenorizada. Para fins de contextualização do meu trabalho é suficiente dizer que na teologia pentecostal a glossolalia é considerada a prova material do Batismo no Espírito Santo, ou seja, da repetição do evento bíblico da descida do Espírito Santo, segundo a descrição bíblica; que ele também capacita o crente a falar ousadamente de forma pública sobre a sua fé (BÍBLIA, At 2); que o crente é encorajado a buscar aprofundamento através de um acréscimo de *carismas* – dons espirituais - para ter a sua fé fortalecida e assim enfrentar os sofrimentos de qualquer natureza como oportunidades de ter sua fé testada.

Corinho de poder 1 – Põe azeite e minha lâmpada, Senhor.

Põe a - zeí-te em minha lâm-pa-da, Se - nhor. Põe a - zeí-te em minha lâm-pa-da, Se -

5 nhor. Pois eu que - ro ser-vir-Te com a - mor. Põe a - zeí-te em minha lâm-pa-da, Se -

9 nhor. Se-nhor Je - sus, Tu és meu gui - a. Se-nhor Je - sus, Tu és a - mor. Sal -

14 vas - te a mi-nh'al-ma per - di - da por is-so eu Te lou - vo com meu co-ra -

17 ção. Sal - lou - vo com meu co-ra - ção, com meu co-ra - ção, com meu co-ra - ção.

Põe azeite em minha lâmpada, Senhor.

Pois eu quero servir-te com amor.

Põe azeite em minha lâmpada, Senhor.

Senhor Jesus, tu é meu guia. Senhor Jesus, tu és amor.

Salvaste a minh'alma perdida por isso eu te louvo com meu coração.

O primeiro corinho de poder que separei aqui destaca um horário do dia em especial em que o crente busca a experiência pentecostal de fortalecimento das virtudes cristãs: a madrugada. Eu, particularmente, não acredito que esse corinho está se referindo à busca de poder durante os cultos de vigília³⁶, mas principalmente à busca individual do crente por esse poder que é empreendida de forma privada, na sua própria casa, durante a madrugada. Não é incomum ouvir dos crentes mais antigos relatos de que acordaram involuntariamente durante a madrugada entendendo terem sido "chamados" por Deus com o

³⁶ Há um tipo de culto no meio cristão evangélico, chamada vigília, que acontece apenas de forma extraordinária, isto é, um tipo de culto que está fora da rotina dos cultos da igreja no que diz respeito tanto aos dias quanto aos horários normais em que os cultos são realizados ordinariamente. As vigílias que ocorrem nas igrejas pentecostais recebem esta designação por se iniciarem no fim da noite e "se estendem pela madrugada adentro" (RICCI, 2007). A liturgia do culto pentecostal de vigília girava em torno de longos períodos de oração que duravam por volta de trinta minutos. Entre os momentos de oração aconteciam pregações, testemunhos e apresentações musicais.

objetivo de orarem por alguma situação ou pessoa específica que necessita de uma intervenção divina urgente, e assim ficarem orando até o amanhecer. Essa é uma prática baseada nos vários episódios descritos nos evangelhos em que Jesus se retirava para lugares isolados com a finalidade de orar durante a madrugada³⁷. O segundo verso é um encorajamento aos crentes para que se dediquem à busca de fortalecimento pessoal através desse tipo de disciplina espiritual.

Corinho de poder 2 – De madrugada o crente vai buscar poder

De ma - dru - ga - da o cren - te vai bus - car Po - der. De ma - dru -

ga - da o cren - te vai bus - car Po - der. Vai, vai, vai, vai, os di - as são de

1. tre - vas, sem Po - der o cren - te cai. 2. tre - vas, sem Po - der o cren - te cai.

De madrugada o crente vai buscar poder (2x)
Vai, vai, vai, vai, os dias são de trevas, sem Poder o crente cai. (2x)

Neste segundo corinho de poder é um pedido ao Espírito Santo para que Ele afete todas as áreas da sua vida. Esse pedido faz alusão a uma ordem dada pelo Apóstolo Paulo aos cristãos da cidade de Éfeso, dizendo: "Não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito" (BÍBLIA, Ef 5:18).

³⁷ Aqui um exemplo: "E, saindo, foi, como costumava, para o Monte das Oliveiras; e também os seus discípulos o seguiram. E quando chegou àquele lugar, disse-lhes: Orai, para que não entreis em tentação. E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos, orava...". (BÍBLIA, Lc 22:39-43)

Corinho de poder 3 – Vem, vem, vem, Espírito Divino

Vem, vem, vem, Es - pí - ri - to Di - ví - no, vem, vem, vem, a - cer - ca - Te de

nós. Vem, vem, vem, a - cer - ca - Te de nós. A - po - de - ra - Te, a - po - de - ra -

Te, a - po - de - ra - Te de to - do_o meu ser. A - po - de - ra - Te, de to - do_o meu ser.

Vem, vem, vem, Espírito Divino.
vem, vem, vem, acerca-te de nós.
Apodera-te de todo o meu ser (2x).

No terceiro corinho de poder há um tipo de invocação do Espírito Santo, alimentando um estado de expectativa para que se repita no culto o evento do *Carisma*, descrito no Novo Testamento. Ao pedir à divindade “apodera-te de todo o meu ser”, fazem alusão ao estado em que se encontraram os discípulos que participaram deste evento no livro de Atos, estando em tal estado de êxtase que foram tidos como se estivessem bêbados – “...cheios de mosto (BÍBLIA, At 2.13). Esse é o momento que os crentes pentecostais buscam como sendo o clímax de um culto: quando a maioria das pessoas presentes participa de um êxtase coletivo em que o som forte das vozes preenche todos o ambiente. É nesse tipo de atmosfera que se espera ver milagres de cura, libertação de vícios e crentes sendo batizados no Espírito Santo (RICCI, 2007).

Corinho de poder 4 – Este culto vai ser maravilhoso.

Es-te cul - to vai ser ma-ra-vi - lho - so por-que o Se - nhor vai der-ra-mar o seu po -

der! Es-te nhor vai der-ra-mar o seu po - der. Der - ra-ma, Se-nhor! Der - ra-ma, Se-nhor! Der -

ra-ma so-bre nós o teu po - der! Der - ra-ma so-bre nós o teu po - der!

Este culto vai ser maravilhoso porque o Senhor vai derramar do seu poder! (2x)
Derrama, Senhor! Derrama, Senhor! Derrama, sobre nós o teu poder! (2x)

No quarto corinho desta lista há uma a ênfase é a mesma do corinho anterior: um tipo de invocação do Espírito Santo, porém aqui sem citar a divindade, mas apenas o desejo de receber o “seu poder”.

Corinho de poder 5 – A Unção de Deus chegou aqui!

A un - ção de Deus che - gou a - qui. A un - ção de Deus che - gou a -

qui. A - on-de Deus es - tá o mal tem que sa - ir. A un - ção de Deus che - gou a - qui.

A un - Tu és ma-ra-vi - lho - so, Je - sus. Tu és ma-ra-vi - lho - so, Je -

sus. A - on-de Deus es - tá o mal tem que sa - ir. A un - ção de Deus che - gou a - qui.

A unção de Deus chegou aqui! (2x)
Aonde Deus está o mal tem que sair.
A unção de Deus chegou aqui!

Tu és maravilhoso, Jesus! (2x)
Aonde Deus está o mal tem que sair.
A unção de Deus chegou aqui!

No corinho seguinte há uma referência sobre uma *unção de Deus*. A palavra unção se refere ao óleo ou azeite sagrado usado em cerimônias judaicas o qual era derramado sobre pessoas ou objetos simbolizando a sua separação para um trabalho específico (sacerdotes ou reis e utensílios cúlticos do Tabernáculo de Moisés e posteriormente no Templo de Salomão) no Antigo Testamento. Já no Novo Testamento os primeiros líderes cristãos usavam o óleo aplicando-o sobre pessoas doentes para que fossem curadas através de suas orações (BÍBLIA, Tg 5:14). Na teologia pentecostal o óleo é um símbolo que representa o próprio Espírito Santo (BRUNELLI, 2016, pg. 184), portanto ao cantar que "a unção de Deus chegou aqui" o crente afirma estar experimentando a ação sobrenatural do Espírito de Deus e dos seus efeitos ("o mal tem que sair...") naquele momento.

Corinho de poder 6 – Senhor, manda Poder!

Se - nhor, man - da Po - der! Se - nhor, man - da Po - der! O - pe - ra ma - ra
 4 vi - lhas, faz mi - la - gre a - con - te - cer, re - pre - en - de o i - ni - mi - go, ba - ti - za o que
 7 crê, der - ra - ma fo - go san - to! Se - nhor, man - da Po

Senhor, manda Poder! Senhor, manda Poder!
 Opera maravilhas, faz milagre acontecer,
 Repreende o inimigo, batiza o que crê,
 derrama Fogo Santo. Senhor, manda Poder!

O último corinho afirma ser a oração uma chave importante para alcançar a experiência pentecostal do êxtase espiritual e do falar em "línguas estranhas", afinal no relato bíblico o profeta Elias orou e Deus enviou fogo do céu (BÍBLIA, 1 Rs 18:37-38; 2 Rs 1:10-12), e quando Josué também orou Deus fez com que o sol parasse deixando o dia mais longo naquele evento (BÍBLIA, Js 10:12-14).

Quanto à música, nesta seção, os corinhos se apresentam de maneira mais diversa:

1. Os três primeiros estão em modo menor, e apenas os dois últimos estão em modo maior;
2. No caso dos Corinhos de Poder o caráter da música se assemelha aos Corinhos de Júbilo – eles vêm em ritmo de marcha, ou seja, melodia, ritmo e harmonia bem simplificados, apresentando poucas exigências para uma execução dentro de parâmetros razoáveis de afinação.
3. Quanto à forma também são muito simples, com estrutura **AA'** ou **AB**.

O fato de que nessa seção aparecerem corinhos em tonalidade maior e menor demonstra que a experiência espiritual pentecostal também conduz o crente a um entusiasmo espiritual que se manifesta de duas maneiras: através da alegria e através do quebrantamento. Então uma experiência extática com o poder pentecostal pode se manifestar tanto através de choro e pranto, revelando profunda contrição, ou por euforia por causa do “toque do Espírito” (RICCI, 2007). Mesmo que as duas experiências sejam semelhantes externamente, o que está acontecendo interiormente no crente é diferente em cada uma delas, pois a primeira pode acontecer em momentos de confissão e arrependimento de pecados, enquanto a segunda, em momentos de expressão da convicção de ser alvo do amor de Deus ao receber seu perdão por esses pecados.

4.6. Corinhos de Ocasão

Os **Corinhos de Ocasão** receberam esse nome por estarem localizados nos pontos da liturgia do culto pentecostal que são mais móveis, ou seja, não têm um lugar fixo na ordem de sequência da liturgia. Me refiro aos momentos de ofertório, ou avisos, ou de saudação aos visitantes. Geralmente o sentimento que se cultiva nesses momentos é o de conagração entre os presentes.

Os três primeiros, por exemplo, são cantados num momento em que o oficial que conduz o culto busca reforçar um senso de comunhão e conagração entre os presentes, sejam eles membros daquela congregação, crentes de alguma outra igreja ou de descrentes que estejam apenas "visitando". Geralmente, quando se canta esses corinhos, os presentes são convidados a ficarem de pé para cantarem, facilitando assim o deslocamento em direção uns dos outros e possam trocar apertos de mão e abraços entre si.

Corinho de ocasião 1: A minha vida Jesus já transformou.

A mi-nha vi-da Je-sus já trans-for-mou, eu pos-so te sau-dar com
 a Paz do Se-nhor. A mi-vi-vi-da Je-sus já trans-for-mou, eu
 pos-so te sau-dar com a Paz do Se-nhor. Se tu me a-mas de
 to-do co-ra-ção me mos-tra teu sor-ri-so e a-per-te a mi-nha mão. Se tu me
 a-mas de to-do co-ra-ção me mos-tra teu sor-ri-so e a-per-te a mi-nha mão.

A minha vida Jesus já transformou, eu posso te saldar com "a Paz do Senhor".

(2x)

Se tu me amas de todo o coração me mostra teu sorriso e aperte a minha mão.

(2x)

O primeiro já começa destacando um elemento que o identifica como crente: ter tido uma experiência religiosa pessoal que resultou em uma mudança de vida, de comportamento e disposição interior, e é isso que lhe credencia a saudar o próximo com "a Paz do Senhor!". Essa saudação funciona como um tipo de frase identitária do crente pentecostal da Assembleia de Deus em todo o Brasil. Entre os crentes assembleianos tem-se por regra sempre cumprimentar uns aos outros com essa frase em qualquer ocasião, seja dentro ou fora de um ambiente religioso. Ela é usada tão naturalmente entre os crentes quanto um "oi". Uma outra característica interessante sobre o uso dessa saudação é que não há distinção entre classe social, idade ou função eclesial entre quem a deve usar, seja homem mulher, idoso ou criança, rico ou pobre, pastor ou aluno da Escola Dominical. Qualquer um que já tenha certo tempo como crente e se considere um verdadeiro crente pentecostal parece demonstrar até certo orgulho

ao cumprimentar outro crente com esses dizeres³⁸. É no segundo verso que acontece o conagraçamento entre os presentes no culto: é o momento em que as pessoas se deslocam dos seus lugares para cumprimentar e abraçar uns aos outros.

Corinho de ocasião 2: Quão bom e quão maravilhoso é...

Quão bom e quão ma-ra-vi-lho-so é que os ir-mãos vi-vam em u-ni-
 9 ão. Quão bom e quão ma-ra-vi-lho-so é que os ir-mãos vi-vam em u-ni-
 18 ão. A-per-te a mão do seu ir-mão e dê um sor-ri-so pra e-le. A-
 28 per-te a mão do seu ir-mão e can-te es-sa can

Quão bom e quão maravilhoso é que os irmãos vivam em união (2x)
 Aperte a mão do seu irmão e dê um sorriso pra ele.
 Aperte a mão do seu irmão e cante essa canção.

O corinho que apresento em seguida é um que também era muito usado nesses momentos. O primeiro verso é uma citação do Salmo 133: "Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união" (BÍBLIA, Sl 133:1). Acredito que a substituição da palavra *suave* por *maravilhoso* se deve apenas a uma adequação métrica do texto à música. Como no primeiro corinho, também é no segundo verso deste que acontece a convocação ao conagraçamento entre os presentes.

³⁸ Essa prática parece estar baseada no episódio em que Jesus envia seus discípulos de dois em dois para pregar em regiões vizinhas de onde estão. Nessa ocasião Jesus recomenda que os discípulos "Ao entrardes numa casa, dizei antes de tudo: Paz seja nesta casa! Se houver ali um filho da paz, repousará sobre ele a vossa paz; se não houver, ela voltará sobre vós" (BÍBLIA, Lc 10:5-6).

Corinho de ocasião 3: Visitante, seja bem vindo!

Vi-si - tan - te, se - ja bem-vin - do! Su - a pre - sen - ça é um pra - zer!

5 Com Je - sus es - ta-mos di-zen - do que es-ta i - gre - ja a-ma vo -

9 cê. Deus te a-ma e eu te a-mo e as - sim de - ve-mos vi - ver.

14 Deus te a-ma e eu te a-mo, vi - va - mos sem - pre as - sim.

Visitante, seja bem-vindo! Sua presença é um prazer!
 Com Jesus estamos dizendo que esta igreja ama você!
 Deus te ama e eu te amo e assim devemos viver.
 Deus te ama e eu te amo, vivamos sempre assim.

O terceiro dessa sequência é um corinho que foi selecionado como exceção, pois parece ser de natureza diferente daquela dos corinhos pentecostais. Tem uma aparência muito mais semelhante aos corinhos que chegaram às igrejas, principalmente às de tradição histórica como batistas e presbiterianas, através das agências missionárias de origem americana durante as décadas de 1960 até 1980. Mais à frente demonstrarei essas diferenças musicais entre os dois gêneros de corinhos. Mas escolhi colocá-lo aqui porque ele está muito presente no recorte de memória que acesso para descrever esses corinhos. Ele era um dos corinhos mais cantados nos momentos de conagração nas Assembleias de Deus que frequentei durante minha infância e juventude. Sendo que este, mais especificamente, era cantado como um rito de boas-vindas às pessoas presentes que não faziam parte daquela congregação, aos *visitantes*, sempre com os mesmos apertos de mão e abraços, como bons anfitriões.

Corinho de ocasião 4: Ó, Senhor! Abençoa esta oferta.

Ó, Se - nhor! A - ben - ço - a es - ta_o - fer - ta. Ó, Se - nhor. A - ben - ço - a es - ta_o -
 5 fer - ta. A - ben - ço - a os teus fi - lhos que coo - pe - ram de to - do_o co - ra -
 9 ção, dan - do paz, a - mor e a - le - gri - a, a - ben - ço - an - do_o seu pão de ca - da
 13 di - a. Ó, Se - nhor!

Ó, Senhor! Abençoa esta oferta. (2x)

Abençoa os teus filhos que cooperam de todo o coração
 Dando paz, amor e alegria, e abençoando o seu pão de cada dia, Ó Senhor!

Este é um corinho usado em outro tipo de ocasião. Desta vez no ofertório, ou, como era mais comum de se referir, na *hora da oferta*. Essa era uma das partes móveis da liturgia pentecostal, ou seja, apesar de esta parte estar sempre presente nos cultos ela poderia vir em qualquer momento entre a leitura bíblica e a pregação. O momento do ofertório seguia sempre o mesmo protocolo: o oficial que estivesse dirigindo o culto chamava os outros oficiais, geralmente os diáconos ou os auxiliares³⁹ da congregação, para administrarem as *salvas*⁴⁰ para a coleta de donativos. Eles se ajuntavam perfilados diante da congregação enquanto o oficial que dirigia o culto realizava uma oração pedindo a bênção de

³⁹ Na hierarquia dos oficiais da igreja, nas Assembleias de Deus, esses dois cargos, o auxiliar e o diácono estão no degrau mais baixo da pirâmide. São eles que geralmente realizam os trabalhos com menos visibilidade durante os cultos: recebem e acomodam as pessoas que vão chegando durante o culto; anotam os pedidos de oração; conduzem alguns momentos de oração; realizam a coleta no ofertório; etc.

⁴⁰ Apesar de a palavra *salva* se referir a uma espécie de bandeja ou prato onde se serve uma taça, copo ou qualquer objeto (HOUAISS, 2009), nas igrejas pentecostais é comum chamar de *salva* um pequeno saco de tecido aveludado cuja abertura é fixada em uma argola de metal e num cabo de madeira roliça. Com dimensões de aproximadamente 35cm de profundidade por 20cm de diâmetro, ela era utilizada para recolher os donativos, as ofertas durante o momento do ofertório.

Deus sobre os ofertantes. Após a oração se começava a cantar esse corinho enquanto os oficiais caminhavam entre as pessoas estendendo as salvas e recolhendo as ofertas. Sempre se recolhia as ofertas com música, mas esse foi o único corinho coletado sobre esse momento específico. Na maioria das vezes a música desse momento era executada por um dos grupos musicais da igreja: algum coral, ou banda de música, ou por algum dos crentes da congregação que cantava bem e sempre pedia oportunidade para cantar durante o culto.

Quanto Aos contornos sonoros esses corinhos continuam comunicando a animação e alegria semelhante à dos corinhos de exultação, porém com frases um pouco mais estendidas, e com uma forma contendo partes mais distintas.

1. Todos estão em tonalidade de modo maior;
2. Os dois primeiros facilmente se identificam com o ritmo de marcha, comunicando ao momento de comunhão um caráter alegre e efusivo; o terceiro, por ser um corinho adotado de um contexto diferente do pentecostal clássico, apesar de ter uma estrutura rítmica binária, aparenta contornos que se assemelham às canções tradicionais de quadrilhas tipicamente norte-americanas, como "Oh, Susanna!", de Stephen Foster⁴¹, por exemplo;
3. Quanto a sua forma as partes eles se apresentam de maneira bem mais distintas, configurando típicas canções de forma binária – **AB**;

4.7. Corinhos De Vitória

Os **Corinhos de Vitória** são um grupo de corinhos cuja seleção foi difícil de realizar, pois eles podem ser facilmente confundidos com corinhos de poder ou com os corinhos de exultação, afinal as palavras "exultação" e "poder" também estão diretamente relacionadas a "vitória", pois se referem da mesma maneira aos efeitos da crença na realidade do cumprimento das promessas bíblicas que alcançam aqueles acreditam estarem unidos com Cristo quando afirmaram identificar-se com Ele na sua morte, abandonando valores e práticas condenadas pela Bíblia, e também na sua ressurreição, quando assumem o compromisso público de viver pessoalmente uma nova vida, ou seja, como novos

⁴¹ Ouça em: <https://www.youtube.com/watch?v=qSlj17xbAyk>;

padrões éticos, morais e de devoção, que no caso dos pentecostais significa cultivar um relacionamento místico com Cristo. Resumindo, Cristo é que é o vencedor e a sua vitória, assim como os benefícios decorrentes dela, se estende aos crentes que estão unidos à Ele através da igreja e da vida religiosa de devoção pessoal. É sobre isso que falam os exemplos a seguir.

Corinho de vitória 1 – A vitória é nossa pelo sangue de Jesus!

A vi - tó - ria é nos - sa pe - lo San - gue de Je - sus. A vi - tó - ria é

nos - sa pe - lo san - gue de Je - sus. A vi - tó - ria é sus. Seu po - der é i - men - so pa - ra nos sal -

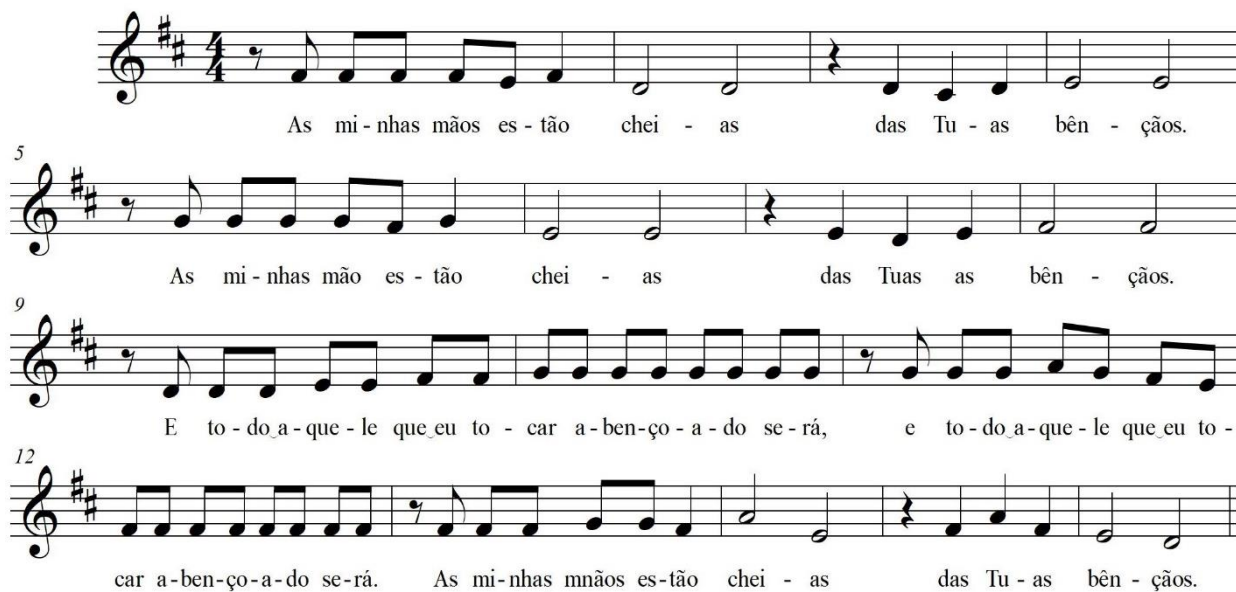
var. O - pe - ran - do E - le quem im - pe - di - rá? seu po - der é i - rá?

A vitória é nossa pelo sangue de Jesus (2x)
 Seu poder é imenso para nos salvar.
 Operando Ele, quem impedirá?

O primeiro exemplo é um resumo do que foi dito acima. A vitória e o sangue de Cristo que foi derramado durante a crucificação estão diretamente relacionados. A morte de Cristo aconteceu daquela maneira para que o simbolismo presente na sistema religioso judaico, que era baseado em sacrifícios de animais, se convertesse de símbolo à realidade. Nas palavras do profeta João Batista, Jesus foi "o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (BÍBLIA, Jo 1.29). Além disso, durante a antiguidade, nessa região da atual palestina, quando cerimônias de pacto eram celebradas, o sangue de animais era um elemento necessariamente presente e simbolizava o que aconteceria àquele que não cumprisse a sua parte nesse pacto (HEINK, 2019). O mesmo símbolo estava presente quando Deus fez seu pacto com Noé (BÍBLIA, Gn 9), com Abraão (BÍBLIA, Gn 17), com Moisés (BÍBLIA, Ex 19 – 20) e, antes de ser crucificado, foi Jesus afirmou que o seu próprio seria o sangue da Nova Aliança de Deus com seu povo (BÍBLIA, Lc 22.20), o sangue do novo pacto, do novo testamento, cumprindo a profecia de Ezequiel feita ao seu povo (BÍBLIA, Jr

31.31-34 e outros).

Corinho de vitória 2 – As minhas mãos estão cheias das tuas bênçãos!



As mi-nhas mãos es - tão chei - as das Tu - as bên - çãos.

5
As mi-nhas mão es - tão chei - as das Tuas as bên - çãos.

9
E to - do_a - que - le que eu to - car a - ben - ço - a - do se - rá, e to - do_a - que - le que eu to -

12
car a - ben - ço - a - do se - rá. As mi-nhas mnãos es-tão chei - as das Tu - as bên - çãos.

As minhas mãos estão cheias das tuas bênçãos. (2x)

E todo aquele que eu tocar abençoado será. (2x)

As minhas mãos estão cheias das tuas bênçãos.

Este corinho faz alusão a promessa feita por Deus à Abraão, também chamado de o Pai da Fé. Ao dizer para que ele saia do país aonde morava para uma terra que ainda lhe seria mostrada posteriormente, Deus garante que se Abraão obedecesse, ele e seus descendentes desfrutariam de uma bênção especial de Deus, que também abençoaria todos aqueles que os abençoassem (BÍBLIA, Gn 12.3).

Corinho de vitória 3 – Tão forte como Jeová, não há outro, eu não conheço.

Tão for-te co-mo Je - o - vá não há ou - tro eu não co - nhe - ço. Tão
 4 for-te co-mo Je - o - vá não há ou - tro eu não co - nhe - ço. Deus de vi -
 6 tó - ria, Va - rão de guer - ra, Deus po - de - ro - so é o Se - nhor. Deus de vi -
 8 tó - ria, Va - rão de guer - ra, Deus po - de - ro - so é o Se - nhor. On - de? On - de es - tá teu Deus? On - de?
 11 On - de es - tá teu Deus? On - de? On - de es - tá teu Deus? On - de? On - de es - tá teu Deus? Meu
 14 Deus es - tá no céu, tam - bém no meu co - ra - ção. O do mun - do es - tá mor - to mas o
 17 meu res - sus - ci - tou. Meu Deus es - tá no céu, tam - bém no meu co - ra - ção. O do
 20 mun - do es - tá mor - to mas o meu res - sus - ci - tou.

Tão forte como Jeová, não há outro, eu não conheço. (2x)
 Deus de vitória, varão de guerra, Deus poderoso é o Senhor. (2x)
 Onde? Onde está teu Deus? (4x)
 Meu Deus está no céu, também no meu coração,,
 O do mundo está morto mas o meu ressuscitou.

Toda a história do povo de Israel no AT, é construída sobre narrativas de guerra. Elas tinham o propósito de comunicar ao povo que eram uma nação especial por pertencerem a esse Deus que luta por eles⁴². Em algumas ocasiões,

⁴² "O Senhor pelejará por vós..." (BÍBLIA, Ex 14.14a).

Deus mandou seu anjo para guerrear por eles, derrotando o inimigo que estava em condições de força militar muito superior à do povo de Israel (BÍBLIA, II Rs 19). Esse corinho faz alusão a consciência de que os crentes podem contar com a intervenção de Deus nas guerras pessoais pelas quais passam⁴³. Na proposta de corinhologia feita por Lima (1991) seu objetivo era classificar os corinhos mais cantados na época em que ele escreveu seu ensaio, anos noventa, e quantidade de cânticos com temática marcial que ele percebeu estarem presentes no culto era muito representativa, tanto que mereceu uma categoria própria - “cânticos de guerra-santa”. No contexto da minha corinhologia, esse tipo de temática tinha bem menos espaço no repertório dos corinhos pentecostais, por isso incluí este nessa categoria dos corinhos de vitória.

Corinho de vitória 4 – Que Jesus maravilhoso é este nosso.

Que Je - sus ma - ra - vi - lho - so é es - te nos - so, é es - te nos - so, é es - te nos - so!

1. Que Je - nos - so! 2. E - le sal - va, E - le cu - ra, E - le ba - ti - za tam - bém com o

Es - pí - ri - to San - to. A - mém, a - mém! E - le sal - va, E - le cu - ra, E - le ba - ti - za tam - bém com o

Es - pí - ri - to San - to. A - mém, a

Que Jesus maravilhoso é este nosso, é este nosso, é este nosso! (2x)
 Ele salva, Ele cura, Ele batiza também com o Espírito Santo. Amém,
 Amém!(2x)

Esse corinho não enfatiza apenas os atos miraculosos que o crente afirma receber como benefícios do ser crente, mas também é uma afirmação de que a fé pentecostal se diferencia daquela professada por outros ramos do cristianismo por ser a mesma fé dos Apóstolos do NT atualizada hoje. Essa fé dos Apóstolos era sempre acompanhada de milagres e sinais sobrenaturais, principalmente após o *Carisma* do Pentecoste.

⁴³ “Pois, embora vivamos como homens, não lutamos segundo os padrões humanos. As armas com as quais lutamos não são humanas; ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas” (BÍBLIA, 2 Co 10.3-4).

Corinho de vitória 5 – Sou como um barco que navega sobre o mar.

Sou co-mo_um bar - co que na - ve - ga so - bre_o mar e Je - sus

4 1. Cris - to é o ca - pi - tão. 2. Sou co-mo_um Cris - to é o ca - pi -

7 tão. E_os ma - ri - nhei - ros que na - ve - gam ao Seu la - do di - zem ser la -

10 1. va - dos seus po - bres co - ra - ções. 2. E_os ma - ri - va - dos seus po - bres co - ra - ções.

Sou como um barco que navega sobre o mar
 E Jesus Cristo é o capitão.
 E os marinheiros que navegam ao seu lado
 Dizem ser lavados seus pobres corações

Esse corinho é claramente uma alusão ao episódio onde Jesus se encontra primeiro dormindo tranquilamente em um barco em meio a uma terrível tempestade enquanto seus discípulos estão apavorados com o iminente soçobro. O caso é que quando eles acordam a Jesus, Ele os repreende por sua falta de fé e ordena diretamente aos ventos e às ondas que se acalmem, o que acontece imediatamente (BÍBLIA, Lc 8.22-25). Ele funciona, então, como encorajamento diante das “tempestades” diárias dos crentes, reforçando a convicção de que, como discípulos de Cristo que são, também não devem temer essas tempestades.

Corinho de vitória 6 – Teu sangue garante vitória, Jesus.

Teu san-gue ga-ran-te vi-tó-ria, Je-sus, ga-ran-te vi-tó-ria. Teu san-gue ga-ran-te vi-tó-ria, Je-sus, ga-ran-te vi-tó-ria. Teu ga-ran-te vi-tó-ria. Eu fui com-pra-do por um pre-ço mui-to gran-de, e es-se pre-ço foi o san-gue der-ra-ma-do lá na Cruz. ma-do lá na Cruz. Ga-ran-te vi-tó-ria, Je-sus, ga-ran-te vi-tó-ria. Teu san-gue ga-ran-te vi-tó-ria, Je-sus, ga-ran-te vi-tó-ria.

Teu sangue grande vitória, Jesus, garante vitória. (2x)
 Eu fui comprado por um preço muito grande
 E este preço foi o sangue derramado lá na cruz.
 Garante vitória, Jesus, garante vitória.
 Teu Sangue garante vitória, Jesus, garante vitória.

Mais uma vez, a temática da vitória nesses corinhos apreça reforçar a segurança que o crente deve ter diante de suas lutas diárias por conta do que Jesus realizou na Cruz. Esse corinho faz alusão ao ensino do Apóstolo Pedro, onde ele afirma que os crentes foram resgatados, comprados⁴⁴, por um valor

⁴⁴ A Lei mosaica estabelece que, em determinadas circunstâncias, existe a possibilidade de se comprar a liberdade de um escravo ou de outra pessoa em condição similar. Essa ação de compra da liberdade de outrem a *Torá*, Lei mosaica, chama *resgate* (BÍBLIA, Lv 25).

muito maior do que se pode calcular em ouro ou prata, pois foi comprado pelo sangue de Cristo que foi derramado na Cruz em favor deles.

Quanto aos contornos musicais dos corinhos de vitória é possível dizer que:

1. Há uma predominância do modo maior nesta coleção. Apenas os corinhos 3 e 5 são em tonalidade de modo menor.
2. Assim como os corinhos de exultação, os corinhos de vitória também apresentam um caráter festivo, onde o ritmo de marcha impõe ânimo sobre quem canta.
3. Além disso, quanto a forma desses corinhos, eles também tem uma estrutura binária bem perceptível e definida – **AB**.

Como já dito antes, esse grupo de corinhos se assemelha muito com os corinhos de exultação, por seu caráter e forma. A distinção fica pela temática, pois se esses enfatizam a segurança com que o crente deve enfrentar suas lutas, pois sua vitória já foi garantida através do trabalho que Cristo realizou quando morreu e ressuscitou, os corinhos de exultação falam do resultado dessa vitória sobre a vida do crente, sendo então os primeiros a causa da existência deste outro grupo de corinhos, os de exultação. Geralmente, eles estão localizados nos ritos secundários que compõem o Rito Fundamental Adoração/Louvor, como o momento dos testemunhos, quando um dos crentes toma a palavra para relatar uma bênção ou milagre recebido, ou da Leitura da Palavra, quando conveniente.

4.8. Corinhos do Porvir

Como uma das ênfases do movimento pentecostal, além da experiência pessoal com o divino, atualizando o evento do pentecoste no Novo Testamento, e da expansão da fé através do proselitismo, a expectativa do retorno iminente de Cristo é vivenciado e ensinado também através dos corinhos que separei nesta categoria.

Corinho do porvir 1 – O mundo vai abalar quando Jesus voltar!

Vai a - ba - lar, vai a - ba - lar, quan - do Je - sus vol -

4 tar o mun - do vai a - ba - lar. Vai a - ba - cen - do, o céu se a -
Cris - to des

7 brin - do, os an - jos to - can - do e a I - gre - ja su - bin - do. Cris - to des

Vai abalar, vai abalar, quando Jesus voltar o mundo vai abalar.
Cristo descendo, o céu se abrindo os anjos tocando e a igreja subindo.

Quando o corinho fala sobre a terra sofrer um abalo, está fazendo alusão ao trecho de uma das cartas do Apóstolo Pedro, quando diz que “...os céus desaparecerão com um grande estrondo, os elementos serão desfeitos pelo calor, e a terra, e tudo o que nela há, será desnudada” (BÍBLIA, 2 Pe 3:10). No pentecostalismo, não é só a doutrina do Batismo com Espírito Sando que a distingue das maioria das tradições cristãs. O pentecostalismo nasceu na mesma época em uma reinterpretação dos textos bíblicos sobre a o retorno de Cristo, se afastando das principais linhas escatológicas da ortodoxia cristã. Entre os ensinoss estranhos a ortodoxia está o que ficou conhecido como “arrebatamento secreto”, onde se crê que no momento da segunda vinda de Cristo os crentes desaparecerão repentinamente para reaparecerem junto de Cristo, ainda nos ares, antes de um retorno efetivo. Quando o corinho fala sobre a “a igreja subindo” é a esse ensino que ele se refere. Já as demais cenas – “Cristo descendo, o céu se abrindo, os anjos tocando” - fazem parte do ideário escatológico cristão ortodoxo comum.

Corinho do porvir 2 – Quem é este povo? Que povo é este?

1 Quem é es-te po - vo? Que po-vo é es - te? Es-te é o po - vo que vai mo-rar no

5 céu! Quem é es-te po - vo? Que po-vo é es - te? Es-te é o po - vo que vai mo-rar no

9 céu! Vai mo - rar, vai mo-rar, vai mo - rar, vai mo-rar, vai mo - rar, vai mo-rar lá no

13 céu! Vai mo - rar, vai mo-rar, vai mo - rar, vai mo-rar, vai mo - rar, vai mo-rar lá no céu!

Quem é este povo? Que povo é este?
 Este é o povo que vai morar no céu!
 Vai morar, vai morar, vai morar, vai morar,
 Vai morar, vai morar lá no céu!

Este corinho trabalha com um tipo de afirmação que fortalece a identidade do crente como sendo cidadão de uma “pátria superior”⁴⁵. Sendo assim ele se torna um povo distinto, com uma cultura distinta, separada. E uma das colunas dessa crença é a de que o crente está aqui nesta terra apenas de passagem, como “peregrino”, até o momento em que entrará na sua terra prometida, na pátria superior que lhe foi garantida por Deus⁴⁶.

⁴⁵ “... agora desejam (os santos do passado) uma (pátria) melhor, isto é, a celestial.” (BÍBLIA, Hb 11.16)

⁴⁶ “...Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia. Pela fé habitou na terra da promessa, como em terra alheia, morando em cabanas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa. Porque esperava a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus”. (BÍBLIA, Hb 11.8-10)

Corinho do porvir 3 – Esta terra vai pegar fogo

Es-ta ter-ra vai pe-gar fo-go e a-on-de é que tu vais mo-rar? Es-ta

6 ter-ra vai pe-gar fo-go e a-on-de é que tu vais mo-rar? Eu vou, eu vou, eu

12 vou com Je-sus mo-rar! Eu vou,, eu vou, eu vou com Je-sus mo-

17 rar! Não vai fi-car nem ra-iz nem ra-mo. A-on-de é que tu vais mo-rar? Não vai fi-

22 car nem ra-iz nem ra-mo. A-on-de é que tu vais mo-rar? Eu vou, eu vou, eu

28 vou com Je-sus mo-rar! Eu vou,, eu vou, eu vou com Je-sus mo-rar!

Esta terra vai pegar fogo e aonde é que tu vais morar? (2x)

Eu vou, eu vou, eu vou com Jesus morar. (2x)

Não vai ficar nem raiz nem ramo. Aonde é que tu vais morar? (2x)

Eu vou, eu vou, eu vou com Jesus morar. (2x)

Este corinho de porvir evoca o mesmo quadro pintado pelo Apóstolo Pedro no primeiro corinho desta seção. No entanto, este agrega o apelo proselitista ao escatológico quando pergunta “aonde é que tu vais morar?”. E no final, ainda ratifica o cenário apocalíptico, quando terra e céus serão subvertidos, segundo a visão escatológica pentecostal, para dar maior ênfase à sua pergunta. A resposta “eu vou com Jesus morar” é a alternativa oferecida ao ouvinte.

Corinho do porvir 4 – Jerusalém, que bonita és!

Je - ru - sa - lém, que bo - ni - ta és, — ru - as de ou - ro, mar de cris -

5 tal. Je - ru - sa - ou - ro, mar de cris - tal. Por ess - sas ru - as de ou - ro eu an - da -

9 rci, — ru - as de ou - ro, mar de cris - tal. Por es - sas tal.

Jerusalém, que bonita és, ruas de ouro, mar de cristal (2x)
 Por essas ruas de ouro eu andarei, ruas de ouro, mar de cristal (2x)

O corinho de porvir 4 é uma descrição da Nova Jerusalém, que segundo a visão escatológica literalista dos pentecostais, corresponde literalmente a esse cenário que é apresentado no livro de Apocalipse: ela é feita de materiais preciosos, como ouro puro, cristal, pérolas e pedras preciosas de várias cores, além de ter o rio da água da vida, que é claro como cristal, e que sai do trono de Deus (BÍBLIA, Ap 21-22).

Corinho do porvir 5 – A Igreja do Senhor já vai subindo

A I - gre - ja do Se - nhor já vai su - bin - do, já vai su - bin - do, já vai su -

5 bin - do. A I - bin - do. Quem su - biu, su - biu, su - biu. Quem fi - cou, fi - cou, fi - cou. Já vai su -

9 bin - do a I - gre - ja do Se - nhor. Quem su - bin - do a I - gre - ja do Se - nhor.

A Igreja do Senhor já vai subindo, já vai subindo, já vai subindo. (2x)
 Quem subiu, subiu, subiu. Quem ficou, ficou, ficou, ficou.
 Já vai subindo a igreja do Senhor.

O corinho do porvir 5 enfatiza a crença de o crente deve viver como se cada dia fosse, possivelmente, o dia do retorno de Cristo. Ele funciona como o anúncio de última chamada para um voo na sala de embarque de um aeroporto.

Quanto aos contornos musicais dos corinhos do porvir é possível dizer que essa categoria de corinhos que talvez mais inspire uma atmosfera de alegria no momento do culto.

1. Apenas um dos corinhos destacados aqui é de tonalidade em modo menor;
2. O caráter das melodias se assemelha àquele dos corinhos de poder e de exultação;
3. Quanto à forma, estes também se apresentam em forma binária bem simples mas com as partes muito bem definidas **-AB**;

O destaque que faço sobre esses corinhos é que, realmente, eles fazem parte da categoria que mais inspirava um espírito de alegria festiva durante os cultos. Cada vez que eram cantados, vinham de rostos sorridentes em sua maioria. E quanto ao seu lugar no culto, eles eram cantados sempre que o assunto do retorno de Cristo era mencionado, mesmo que de maneira indireta, durante os ritos secundários do Rito Adoração/Louvor.

Conclusão

Os corinhos pentecostais que apresentei aqui são um repertório de uso exclusivo nos cultos das igrejas pentecostais mais próximas a tradição do pentecostalismo clássico.

Eles se distinguem dos corinhos que foram disseminados pelo Brasil nas igrejas das mais variadas tradições evangélicas, pelas Missões Norte-americanas; e da mesma forma também são distintos dos Corinhos de Fogo, que estão vinculados a igrejas de tradição pentecostal que aderiram a um movimento do “rétété”. Os meus corinhos diferem-se destes principalmente no uso e funções litúrgicas no culto.

A função de transição litúrgica entre momentos fixos do culto pentecostal pode ser atestada quando observada debaixo do sistema das Relações Icônicas entre Elementos Rituais dentro de Rituais Fundamentais, elaborado por Daniel Albrecht (1999) para entender a liturgia do culto pentecostal.

Por serem Elementos Rituais estruturantes do culto pentecostal - pois servem como momentos de transição entre partes mais fixas do culto, eles são responsáveis por estabilizar a caminhada dos afetos do crente de um Ritual Fundamental para outro, até que a congregação alcance o Ritual principal, o Altar/Resposta, com o espírito preparado para desfrutar da experiência espiritual a qual veio em busca. Como os cultos das igrejas pentecostais emergentes estão baseando sua dinâmica da liturgia sobre artifícios que carregam muito mais uma carga de estímulos sensoriais, os quais provocam descargas de dopamina e, conseqüentemente, de “prazer espiritual imediato e constante” durante o culto, do que de carga simbólica, a existência de partes fixas num culto passam a ser indesejáveis, por possibilitarem a quebra desse fluxo constante de estímulos sensoriais, podendo, assim, deixar o culto “desinteressante” para o público.

Os corinhos que descrevi aqui estão na minha memória, não porque desapareceram totalmente dos cultos das igrejas pentecostais. Mas porque o seu valor simbólico está em transformação nos cultos. Aparentemente eles têm sido utilizados como um tipo de âncora mnemônica, um alento de saudosismo,

mais para lembrar os “anos dourados” do pentecostalismo clássico do que como Elemento Icônico Ritual.

A “corinhologia” apresentada no final deste trabalho é uma tentativa de compor um acervo mais detalhado, dando mais ênfase a uma análise dos símbolos da religião presentes do que aos aspectos sonoros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRECHT, Daniel E. **Rites in the Spirit: A Ritual Approach to Pentecostal/Charismatic Spirituality**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999.

ALBUQUERQUE JR., Valdevino. **Dá glória e recebe: a expressão mítico-ritual nos “corinhos de fogo” no culto [neo]pentecostal**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG. Disponível em : <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/508>; Acesso em 12 de Dez. 2023.

ALEXANDER, T. Desmond et al. **Novo dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

ARMAZÉM DA BÍBLIA. **Qual a diferença entre as traduções da Bíblia Almeida?**. Armazém da Bíblia. Disponível em: <https://www.armazemdabiblia.pt/blog/qual-a-diferenca-entre-as-traducoes-da-biblia-almeida>. Acesso em: 26/01/2024.

BARBOSA, Vagner. **Conversão – o que é e como acontece?** Revista Ultimato. Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/estudos-biblicos/assunto/conversao-o-que-e-e-como-acontece/>. Acesso em: 09/05/2023.

BASTIAN, Jean Pierre. História del protestantismo en America Latina. Nashville, Tennessee: C.S.S. Publishing Company, 1990.

BENNETT, Roy. **Uma breve história da música**. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Corrigida**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BIÉLER, André. **A força oculta dos protestantes: Oportunidade ou ameaça para a sociedade?** 1ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

BLACKING, John. **How musical is Man?** 6ª ed. Seattle: University of Washington Press, 2000.

BLACKING, John. **Music, Culture, and Experience**. In: *Music, Culture and Experience*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1995. (p. 223-242).

BLOOM, Alan. **O declínio da cultura ocidental**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRAGA, Henriqueta Rosa F. **Contando e Cantando - Conhecendo as Histórias de Hinos Cristãos**. 1 e 2. ed. Viçosa: Ultimato, 2017.

CABRAL, Elienai. **Lição 8 – O genuíno culto Pentecostal**. Revista Lições Bíblicas, Jovens e Adultos, 2º Trimestre de 2011. CPAD: Rio de Janeiro – RJ, 2011.

CANDÉ, Roland de. **História Universal Da Música**. 2 vols. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CARVALHO, José Jorge de. **Transformações da sensibilidade musical contemporânea**. *Série Antropologia*, Nº 266. Brasília: DAN/UnB, 1999.

CARVALHO, Luiz de. **Nesta noite feliz**. [Álbum musical]. Intérprete: Luiz de Carvalho. Gravadora: Canzion Brasil, 1975.

CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER. Comentado por Geerhardus Vos. São Paulo: Ed. Os Puritanos, 2007. p. 31.

COSTA, Ana Laura. **Assembleia de Deus completa 112 anos e relembra suas origens**. Diário Online [online], Belém, 17 jun. 2023. Pará. Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/para/814567/assembleia-de-deus-completa-112-anos-e-relembra-suas-origens?d=1>. Acesso em: 26 jan. 2024.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad e Instituto Mysterium, 2007.

DAWSON, Christopher. **A divisão da cristandade: da Reforma Protestante à era do Iluminismo**. São Paulo: É Realizações, 2014.

DELGADO, Jaime Silva. **Nem terno nem gravata: as mudanças na identidade pentecostal assembleiana**. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/5295>. Acesso em: 25/11/2019.

DOLGHE, Jacqueline Ziroldo. **Um estudo sobre a formação da hinódia protestante brasileira**. Revista Âncora, 2006. Disponível em: http://www.revistaancora.com.br/revista_1/hinodia.pdf. Acesso em: 25 de novembro de 2019.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

ELLIS, C.; BOCHNER, A. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: researcher as subject. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Eds.). Handbook of qualitative research. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 2000. p. 733-768.

FELD, Steven. **Estrutura sonora como estrutura social**. Tradução de Daniel Camparo Avila. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 177-194, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/download/40613/20731/170644>; Acesso em: 23 de Jan. 2023.

FELD, Steven. **Sound and Sentiment: Birds, Weeping, Poetics, and Song in Kaluli Expression**. Chicago: University of Chicago Press, 1982. Disponível em:

https://ia801006.us.archive.org/27/items/agenciamientos_aurales/Feld_soundAndSentiment.pdf; Acesso em: 20/01/2024.

FELD, Steven; CESAR, Rafael do Nascimento; DULLEY, Iara. **Alternativas Pós-Etnomusicológicas: A Acustemologia**. Proa: Revista de Antropologia e Arte, UNICAMP, v. 10, n. 2, p. 193-210, 2020. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/proa/article/download/4265/3346/13358>; Acessado em: 20/01/2024

FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe; WILSON, Derek. **Reforma: O cristianismo e o mundo 1500-2000**. Rio de Janeiro: Record, 1997

FRANCISCO, Edson de Faria. **Tetragrama, Teônimos e Nomina Sacra: os Nomes de Deus na Bíblia**. São Paulo: Kapenke, 2018.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Autoetnografia como método de pesquisa: possibilidades e desafios**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 26, n. 99, p. 1-21, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6497/649770014013/html/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2023.

FRESTON, Paul. **Breve história do pentecostalismo brasileiro**. Em: ANTONIAZZI, Alberto et al. Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 70

GEERTZ, Clifford. A arte como sistema cultural. In: **O Saber Local**, Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997. 142-181.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GILBERTO, Antônio; ANDRADE, Claudionor; SOARES, Ezequias; RENOVATO, Elinaldo; CABRAL, Elienai; COUTO, Geremias do; GABY, Wagner e ZIBORDI, Ciro Sanches: **Teologia Sistemática Pentecostal**, Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

GONZÁLEZ, Justo L. **Retorno à história do pensamento Cristão: três tipos de teologia**. p. 151-156. São Paulo: Hagnos, 2011.

GRIM, Brian J.; HACKETT, Conrad; JOHNSON, Todd M. **Global Christianity: A report on the size and distribution of the world's Christian population**. Pew Research Center, 2011. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2011/12/19/global-christianity-exec/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

GROUT, Donald J; PALISCA, Claude V. **História da Música Ocidental**. Tradução de Ana Luísa Faria. Portugal: Gradiva, 2007.

GRUDEM, Wayne. **O dom de profecia: Do Novo Testamento aos dias atuais**. São Paulo: Ed. Vida, 2004.

GUERREIRO, Clayton da Silva. **A gira do “reteté”: uma análise das disputas sobre o “pentecostalismo legítimo”**. 2016. 211 f. Dissertação (Mestrado em

Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Guarulhos, 2016.

HEINK, Daniel. **Os outros da Bíblia: História, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino**. 1. ed. São Paulo: Thomas Nelson, 2019

HOEKEMA, Anthony A. **A Bíblia e o futuro**. p. 220-247. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989.

HOUAISS, Antônio et al. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUNTER, James D. **American Evangelicalism: Embattled and Thriving**. University of Chicago Press, 1983.

KEITH, Edmund D. **Hinódia cristã**. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1960

KIRST, P. G.; GIACOMEL, A. E.; RIBEIRO, C. J. S.; COSTA, L. A.; ANDREOLI, G. S. **Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis**. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. (Orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 13-32.

KUHRT, Amélie. **El Oriente Próximo en la Antigüedad**: c. 3000 - 330 a.C. vol. 2, p. 48. Barcelona: A&M Gràfic, 2001.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LEITHART, Peter J. **Em defesa de Constantino: o imperador e a Igreja na história**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018

LIMA, Éber Ferreira Silveira. **Reflexões sobre a “corinhologia” brasileira atual**. Boletim Teológico nº 14. Fraternidade Teológica Latino-americana: Porto Alegre – RS, 1991. p. 53 – 64.

LIMA, Éber Ferreira Sliveira Lima. **Reflexões sobre a ‘corinhologia’ brasileira atual**. Boletim Teológico. Porto Alegre: Fraternidade Teológica, n. 5 (14), março de 1991

LINDBERG, Carter. **História da reforma**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LOPES, Artur Costa. **Funk e gospel como construções acústicas do Atlântico negro: uma análise através dos corinhos de fogo**. Revista ETHNE, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 54-70, 2022.

LOVELOCK, William. **História Concisa da Música**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1987.

LÜHNING, Angela Elisabeth. **Métodos de trabalho na etnomusicologia: reflexões em volta de experiências pessoais**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 22, n.1/2, 1991, p. 105-126.

MADUREIRA, Jonas Moreira. **O Intelecto e a Imaginação no conhecimento de Deus segundo Tomás de Aquino: Aristotelismo e Neoplatonismo**. 2014. Tese de Doutorado em Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAGALHÃES, Luís César. **Análise Musical: uma perspectiva etnomusicológica**. Revista da Escola de Música e Artes Cênicas da UFBA, v. 21, n. 0, p. 71-74, 1992. Salvador. Universidade Federal da Bahia.

MASSIN, Jean & Brigitte. **História da música ocidental**; tradução de Maria Teresa Resende Costa, Carlos Sussekind, Angela Ramalho Viana. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MATOS, Alderi Souza de. **O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário**. Instituto Presbiteriano Mackenzie, CPAJ. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/6982.html>. Acessado em: 30/04/2016.

MATOS, Alderi Souza de. **O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário**. *Fides Reformata*, v. XI, n. 2, p. 23-50, 2006.

MCGRATH, Alister E. **Origens intelectuais da Reforma**, São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MCGRATH, Alister. **O pensamento da Reforma**, São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

MERRIAM, Alan Parkhurs. **The anthropology of music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Online**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/lapLY/var%C3%A3o%3CEi%3E1%3C/Ei%3E/> Acesso em 20/07/2023.

MURADAS, Atilano. **A Música dentro e fora da igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

NETTL, Bruno. **O estudo comparativo da mudança musical: Estudos de caso de quatro culturas**. Revista *Anthropológicas*, ano 10, 2006, v. 17, p. 11-34. Disponível in: [www.ufpe.br/revistaanthropologicas/internas/volume17/artigo%201%20\(Bruno%20Nettl\).pdf](http://www.ufpe.br/revistaanthropologicas/internas/volume17/artigo%201%20(Bruno%20Nettl).pdf). Acessado em: 23 Nov. 2009.

NETTL, Bruno. **The Study of Ethnomusicology: thirty-one issues and concepts**. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2005.

NEWBIGIN, Lesslie. **The Household of God**. London: SCM Press, 1953.

NOVAES, Regina Reyes. Apresentação In: FERNANDES, R. C. (Org.) **Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 1998.

OLIVEIRA, Rafael de Souza. **Pentecostalismo e Protestantismo histórico no contexto da Missão no Brasil**. DISCERNINDO: Revista Teológica Discente da Metodista, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, p. 143-153, jan./dez. 2013.

PAULA, Robson Rodrigues de. “SINTA ESTE FOGO IRMÃO”: cosmologia pentecostal, noção de pessoa e “Coríntios de fogo”. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 23, n. 45, p. 53-64, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/download/14449/9816/52458>; Acesso em 23 de Nov. 2023.

PENTECOST, J. Dwight. **Manual de escatologia**. São Paulo: Vida, 1998

PEREIRA, Réia Sílvia Gonçalves. Deixa o menino rodar: o carisma reteté em uma igreja pentecostal da periferia. Debates do NER, Porto Alegre, v. 19, n. 36, p. 267-305, ago./dez. 2019.

PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. São Paulo: Editora Europa-América, 1997.

QUADROS, Diego Oliveira. **Todos juntos o louvemos**: o canto congregacional na Assembleia de Deus, em Viseu-PA. Orientadora: Sonia Chada. 2019. 80 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11374>. Acesso em: 25/11/2019

RAMOS, Luis Carlos. **Os corinhos**: Uma abordagem pastoral sobre a hinologia preferida dos carismáticos protestantes brasileiros. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Instituto de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1996.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil monárquico (1822-1888): aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil**. São Paulo, SP: Pioneira, 1973.

RIBEIRO, Hugo Leonardo. **A análise musical na Etnomusicologia**. Ictus, vol. 4, 2002. Disponível em: http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Ribeiro-analise_musical_etnomusicologia.pdf Acesso em 25 de novembro de 2019.

RIBEIRO, Paulo A. **O Pecado Original: uma análise teológica e filosófica**, p. 22. São Paulo: Paulus, 2010.

RICARDO, Mariano. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

ROCHA, L. R. M. **Quinhentos anos da Reforma Protestante: a cosmovisão cristã calvinista e a bioética**. Revista Bioética, Brasília, v. 26, n. 3, p. 1-9, 2018.

RICCI, Maurício. **Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 16, 2007.

SALDANHA, Ana Maria. **A importância social e simbólica do mito: da antiguidade clássica ao estabelecimento da mitologia como ciência**. Tessera, Uberlândia, MG, v. 1, n. 1, p. 43-57, jul./dez. 2018. ISSN 2595-8925.

SCLAIR, Esther. **Fraseologia musical**. Ed. Movimento: Porto Alegre – RS, 1982.

SILVA, José Eduardo Costa. **Fundamentos filosóficos para a Doutrina do Ethos musical**. *Opus*, v. 25, n. 3, p. 110-132, set./dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.20504/opus2019c2506>; Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/viewFile/opus2019c2506/pdf>; Acesso em: 19 de Jan. 2024.

SILVA, Marcos Felipe Vital da; SILVEIRA, Glauco dos Santos; SOUZA, Paula Ribeiro de. O êxtase religioso e os pentecostalismos: uma análise a partir das manifestações extáticas, músicas litúrgicas e antropologia. **Diversidade Religiosa**, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 139-156, 2018.

SILVA, Rita de Cássia da. **Sons e sentidos: entrevista com Steven Feld**. Revista de Antropologia, v. 58, n. 2, p. 439-468, ago. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/102113>; Acesso em 20/01/2024.

SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes. **A Liturgia Pentecostal**. Teologia Pentecostal – Reflexões sobre a doutrina e espiritualidade do pentecostalismo, 2016. Disponível em: <https://teologiapentecostal.blog/2016/08/28/a-liturgia-pentecostal/> Acesso em: 25/11/2019.

SLOBODA, John. **A mente musical: psicologia cognitiva da música**. Londrina: EDUEL, 2008.

SOUZA, Ana Paula de. **A função social dos mitos - O “mito fundacional” como interesse comum**. Revista de Ciências Humanas, v. 13, n. 2, p. 229-240, 2013.

SOUZA, Everson de Oliveira. **Revista Unitas**, v.5, n.2 (n. especial), 2017

STEPHENSON, Lisa P. **Pentecostalismo e experiência: história, teologia e prática**. Tessera, [S.l.], v. 1, n. 1, 2019, p. 1-15. Disponível em: <https://lecionario.com/pentecostalismo-e-experi%C3%Aancia-hist%C3%B3ria-teologia-e-pr%C3%A1tica-558313ae1f83>. Acesso em: 26/01/2024. DOI: 10.29386/lecionario.v1i1.558313ae1f83.

TURINO, Thomas. Estrutura, contexto e estratégia na etnografia musical. IN: **Horizontes Antropológicos** 11. P. 13-28 (1999). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n11/HA-v5n11a02.pdf>. Acesso em: 25 de novembro de 2019.

WARNER, R. Stephen. **Religion and the Social Order**. Rutgers University Press, 1993.

ZIBORDI, Ciro Sanches. **Mais erros que os pregadores devem evitar**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.